

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais

Umbral Iluminado,  
União das práticas do desenho e da escrita

Guilherme Sommermeyer

Porto Alegre, Julho de 2016

## **Resumo**

Este texto tem como objetivo observar os fundamentos do meu projeto de graduação em poéticas visuais, que visa aproximar o processo do desenho do processo da escrita em prosa. Caracterizada principalmente pelo uso da caneta esferográfica, material recorrente na minha produção, a série destaca-se também pela proposta de escrever a partir dos desenhos já produzidos, desenhar novos tomando como base estes escritos e, no final desta prática, apresentar o resultado na forma de livro.

Palavras-chave: Desenho, escrita, prosa.

**Guilherme Sommermeyer**

**Umbral Iluminado,  
União das práticas do desenho e da escrita**

Trabalho de conclusão elaborado para banca de  
graduação do Bacharelado de Artes Visuais da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof. Dr. Adriane Hernandez

Banca examinadora:  
Prof.Dr Luiz Antônio Carvalho da Rocha  
Prof.Dr Eduardo Veras

Porto Alegre

2016

## **Sumário**

### **1. Apresentação**

### **2. Aspectos formais dos desenhos**

#### **>2.1 Aparatos**

#### **>2.2 Influências**

### **3. Aspectos temáticos**

#### **>3.1 A Representação**

#### **>3.2 A Escrita**

#### **>3.3 Blake e o Casamento das Práticas**

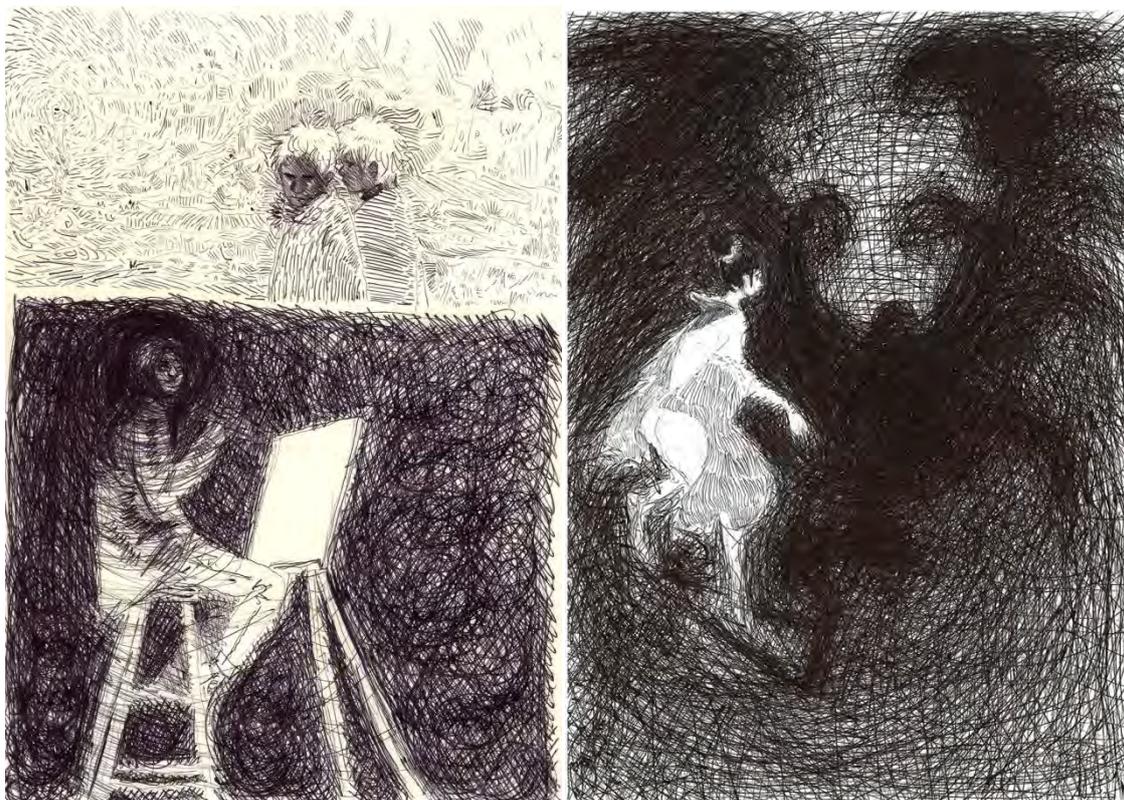
#### **3.4 Umbral**

### **4. Considerações finais**

### **5. Anexo**

## 1. Apresentação

Só se pensa por imagens.  
Se você quiser ser filósofo,  
escreva romances.  
CAMUS, Albert



Artista, 2016 – 30x21cm

Aparição, 2014 – 42x29cm.

Este projeto se iniciou por um desejo meu de aproximar duas práticas às quais me dedico diariamente, a escrita e o desenho. Tendo estudado tanto literatura quanto artes visuais me pareceu sensato não fugir desta vontade, mas sim encará-la de frente. Fazendo uso da minha produção em desenho escrevi algumas páginas em prosa de forma bastante livre, que por sua vez serviram de inspiração para outros desenhos e assim por diante. Trata-se, no caso, de um processo que encontrei que me auxiliou não somente na produção em um campo, mas nos dois. É minha intenção também que ambos os resultados existam independentemente um do outro e igualmente juntos no livro ilustrado que intitulei *Umbral Iluminado*.

A escolha pela prosa se deu principalmente pela minha preferência por este tipo narrativo e também por considerar as falas dos artistas, sempre muito comoventes e inspiradoras, um tanto quanto ficcionais. Naturalmente é provável que isso seja apenas desconfiança minha, ou mesmo uma forma de projeção das minhas preferências neste quesito. Vale ressaltar que não considero isso algo negativo de forma alguma, só tendo a considerar os textos com caráter de não ficção mais rígidos frente à fluidez de imagens

da ficção. E o meu interesse primeiro é pelas imagens, daí a escolha de escrever por meio delas.

Para os desenhos, me vali da caneta esferográfica, companheira de longa data para os esboços e os escritos. Cabe observar aqui a importância que diversos tipos de gravura têm sobre minha produção visual, sobretudo a gravura em metal, e como essas canetas comuns me ajudaram a produzir em grande quantidade até alcançar resultados agradáveis ao meu olho. Sendo minha prática não a da gravura, e sim a do desenho, pude explorar possibilidades para aproximar essas duas técnicas, como a confecção de aparatos a partir das canetas que ecoassem um pouco as ferramentas utilizadas na gravura.

## 2.Aspectos Formais

### 2.1-Os Aparatos

Para a produção da série de desenhos em questão, tenho me valido do material que uso no dia a dia para escrita, a caneta esferográfica, que se tornou meu material favorito para os esboços sem compromisso. Com o tempo, identifiquei nessa produção o potencial para um trabalho, e fiquei especialmente interessado em transpor o gesto mínimo dos esboços de canto de página, muito parecido com o gesto de tomar notas, para uma dimensão grande. Não foi surpresa constatar que a relação original se perdeu completamente, o que me possibilitou novas oportunidades. Frente ao suporte grande, me vi inclinado a confeccionar aparatos que me auxiliassem no processo em termos de área, e assim tiveram origem o que tenho chamado de: *Pente*, *Rolo* e *Ferrete*. Tratam-se de objetos confeccionados, basicamente, de canetas com fita adesiva, madeira, bambu, etc. As linhas sobrepostas ou superpostas tem proporcionado rendimentos inéditos como desfoque ou o espelhamento, que de certa forma construíram novos pontos de interesse nessa série.



Exemplo dos aparatos: Pente .11, Pente .5, Pente .3. No centro, Rolo .7 e, a direita, o Ferrete .7.

## 2.2 -Influências



Hokusai – Heróis da china -1835 – 25,4 x 39,4 cm

Acredito que posso afirmar serem os diferentes tipos de gravura que iniciaram e viabilizaram minha prática. Há cerca de oito anos eu sequer questionava o ato de desenhar, o que mudou radicalmente quando fui apresentado à estelar figura do gravurista japonês Hokusai. O impacto foi tão grande que imediatamente fui arremessado em uma torrente reflexiva sobre o desenho. As dúvidas e supostas fraquezas apresentadas pela minha produção, como achatamento da perspectiva, as figuras planas não só eram presentes no trabalho de Hokusai como configuravam justamente seu núcleo e sua potência maior. Ou ao menos fora isso que eu li em sua obra. Este foi o ponto de partida para a gênese de um pensamento poético sobre a prática do desenho para mim que continuou até hoje. Do mestre japonês segui por seus conterrâneos e em seguida me debrucei sobre os ocidentais que, séculos mais cedo, haviam sido impactados da mesma forma. Assim Toulouse-Lautrec e Van Gogh assumiram a dianteira do meu interesse, o primeiro por adicionar leveza à rigidez do desenho na madeira, o segundo por assumir a linha como veículo para seu pensamento e fazendo dela também sua protagonista.



Van Gogh, study for The Sower 1888



Toulouse-Lautrec – Divan Japonais – 1893 – 80,8 x 60,8cm

Em seguida fiquei especialmente interessado por outro tipo de gravura, a em metal, principalmente pelo seu rendimento expressivo em linhas e sua predominante ausência de cor. Os trabalhos de Francisco Goya, Gustave Doré e Rembrandt van Rijn se tornaram a referencia central, ainda que somente o seu resultado final, visto que a minha pratica não é a da gravura, mas a do desenho.



Goya – Disparate Volante, 1815- 24,4 x 32,2 cm



Gustave Doré – Paradise Lost – 1866 Rembrandt Van Rijn. "A Scholar in his Study," ponta seca -1650

As referências iniciais Goya e Rembrandt se tornaram mais sutis ao passo que passei simplesmente a experimentar com o que tinha a minha frente, enraizando assim a vontade de explorar o rendimento quase que exclusivo em linha. Outros desenhistas se mostraram influentes a partir desse momento, como os contemporâneos Saul Steinberg e Sérgio Toppi, ambos relacionados com a ilustração. Ao estudar a produção destes dois últimos, fui tomando direções que considero próprias da minha produção.



Saul Steinberg - Sem Título, 1949 – 36,5 x 58,4cm

Sérgio Toppi - Sín título - 1976 42 x 29 cm

### 3.Aspectos Temáticos

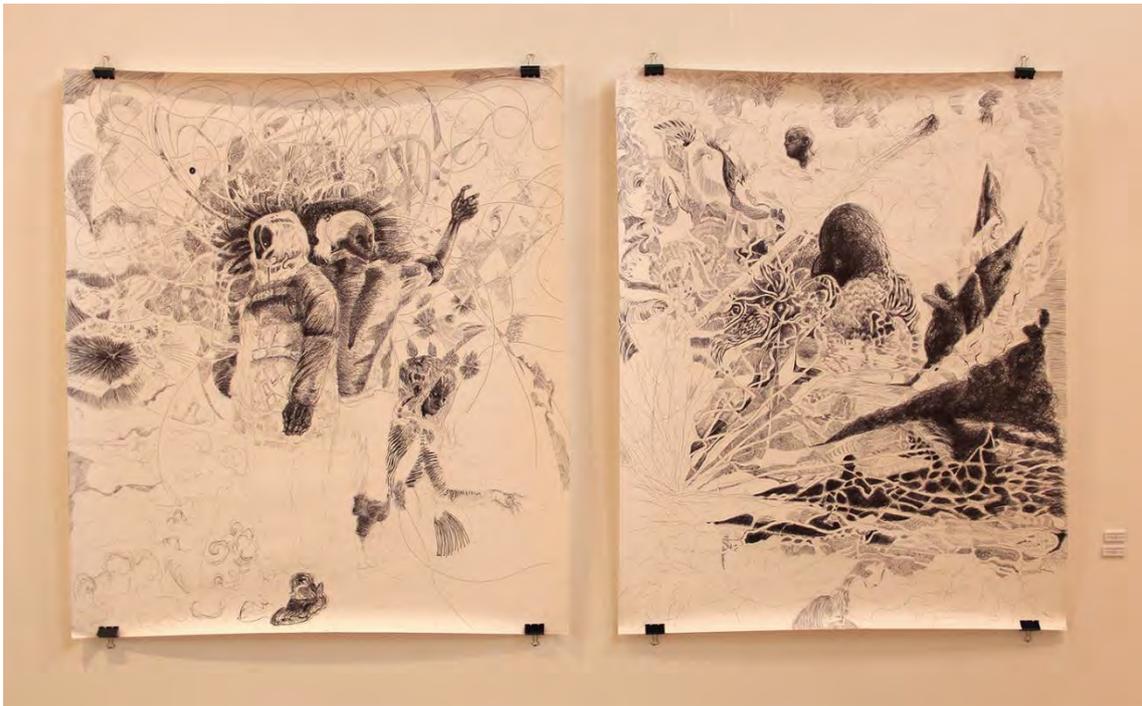
#### 3.1 – A representação

Na série Umbral, o tema é improvisado no momento do desenho. São traçadas linhas aleatórias no papel, que é rotado diversas vezes até o ponto em que identifico formas, a partir daí prossigo na representação. Assim é plausível afirmar que os desenhos são produto do meu inconsciente e principalmente de tudo aquilo que habita meu imaginário. Existe recorrentemente a evocação da figura humana, que prima pela teatralidade e a ação beira o épico fantasioso. Algo próximo do sonho de uma geração para a qual as figuras dogmáticas de santos dizem pouco o ou quase nada, heróis e déspotas se confundem e cedem seu lugar para outros assombramentos.

Acredito que seja isso que possibilite encontrar aspectos narrativos nestas imagens, ainda que elas não tenham passado por qualquer planejamento a não ser a limitações impostas previamente (materiais, método, processo). Na urgência de criar, deixo de passar o crivo de uma definição, de um planejamento prévio. Definição essa que acontece durante o processo e que, acredito eu, deixe a imagem sobre uma neblina, desfocada, o que configura em grande parte meu interesse pelo desenho de representação. Gosto da definição dada por Paul Valery:

“Degas opunha o que chamava de “por no lugar”, ou seja, a representação fidedigna dos objetos, ao que chamava de “desenho”, ou seja, a alteração particular que o modo de ver e executar de um artista impõe a essa representação exata, aquela que o uso da câmara clara daria, por exemplo. Esse tipo de *erro pessoal* faz com que o trabalho de representar as coisas com o traço e as sombras possa ser uma arte.”

(VALERY, 2003 pg 140)



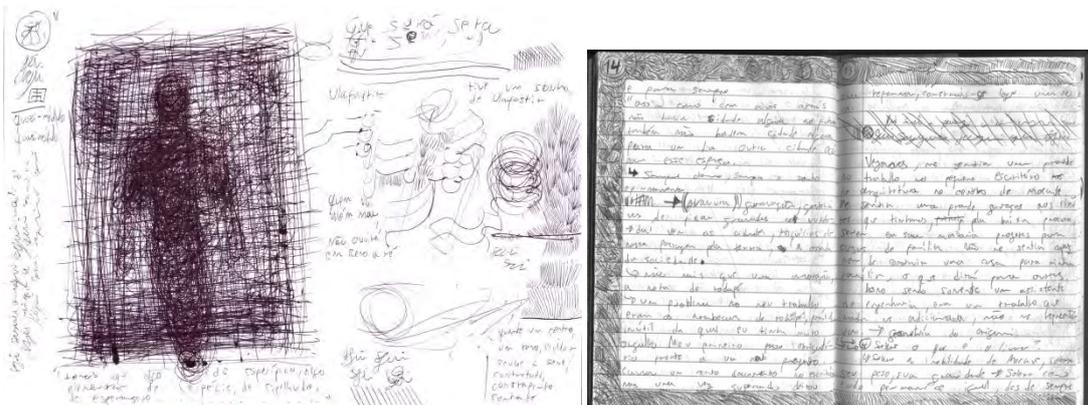
Trio, 2015, 100x130cm.

Titã, 2015, 100x130cm.

### 3.2 A escrita

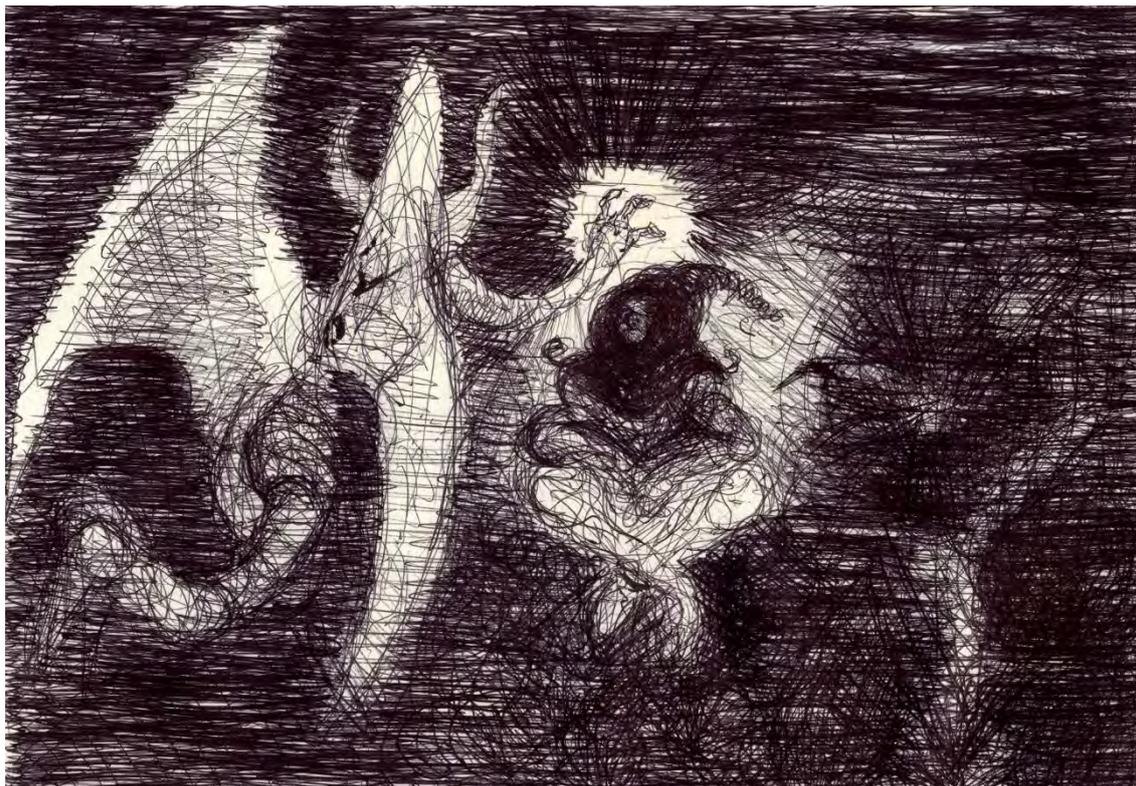
Na minha produção o desenho e a escrita sempre se confundiram, dos arabescos desenhados no cabeçalho dos cadernos de notas às anotações em meio aos esboços e estudos. Parece-me claro que uma produção serve de passo inicial para a outra, quase um aquecimento inconsciente para a prática aplicada em sequência. Ainda se configuram assim dois momentos distintos, mas que eu pessoalmente tendo a assimilar como uma coisa única.

O trabalho de escritores como Jorge Luís Borges e Albert Camus são influências tão importantes para o pensamento da minha prática no desenho, quanto artistas como Egon Schiele e Toulouse-Lautrec são em um viés puramente plástico. Borges, que aborda em profundidade obras e lugares inexistentes, e Camus, que se detém à exaustão na constância do absurdo, no isolamento, alienação e posterior liberdade encerrada criação artística.



Exemplo dos esboços-escriturados e dos escritos-esboçados

A escrita me parece encerrar em si uma metáfora precisa da criação artística, do homem trancado em seu quarto sonhando e despejando esse sonho em uma folha em branco. Não há material extraordinário, não há suporte desafiante, sempre o mesmo vazio a ser preenchido com uma mesma linha composta por combinações variantes do mesmo código. Da mesma forma, a literatura configura sempre uma voz, que é ouvida na leitura e proferida na escrita, ou seja, a literatura se dá em duas vias bastante concretas e até opostas de certa forma. É uma questão de decidir se precisamos despejar as vozes que ocupam nossa mente ou se se faz necessário arejar a câmara vazia.



Batismo II, 2016, 21x30cm

### 3.3 Blake e o casamento das práticas

Entra aí também a figura emblemática de Wiliam Blake, quem não consigo definir como poeta pintor ou vice e versa. Seus escritos, em especial *O Casamento do Céu com o Inferno*, configuram para mim alguns dos textos mais fantásticos sobre uma produção pictórica por parte de um artista, justamente por não tentar descrevê-la e validá-la. Talvez sejam as pinturas que se dediquem aos poemas, meu ponto é que as duas produções são sólidas e se mantêm de pé sozinhas, porém juntas configuram um terceiro corpus, um terceiro momento causador de uma assombramento consideravelmente mais potente.

Tive acesso primeiramente aos seus versos proféticos, ainda na adolescência. Mais tarde, ao descobrir sua rica produção pictórica dotada de um raro imaginário, senti-me desenterrando um tesouro. Sua mitologia, que parece se expandir a cada

leitura, sempre contemplei como um projeto espetacular. A profusão de quadros e textos sobre um mesmo tema/narrativa ergueram um labirinto delicioso para se perder.

Produzindo minha série de desenhos, fui frequentemente questionado sobre o que queria com eles, quais as suas narrativas. Isso me deixava frequentemente inquieto e sem resposta. Não estava convencido de que eu queria dizer algo com estes desenhos mas, lembrando de Blake, me pareceu justo tentar entregar a voz àquela produção. Aí começou a germinar a ideia por trás do Umbral. Sobre minha escolha da prosa, faço uso dos ensinamentos de um dos mestres nessa arte, Flaubert:

*“Que coisa desgraçada que é a prosa! Não termina nunca; tem-se que refazer sempre. Eu acredito no entanto que podemos dar-lhe a consistência do verso. Uma boa frase de prosa deve ser como um bom verso, imutável, tão ritmado quanto sonoro. Esta é pelo menos minha ambição.”* (FLAUBERT, 2005 pg 71).



William Blake - The Night of Enitharmon's Joy (Hecate), 1795 – 44cm x 58 cm -Tate Gallery, London

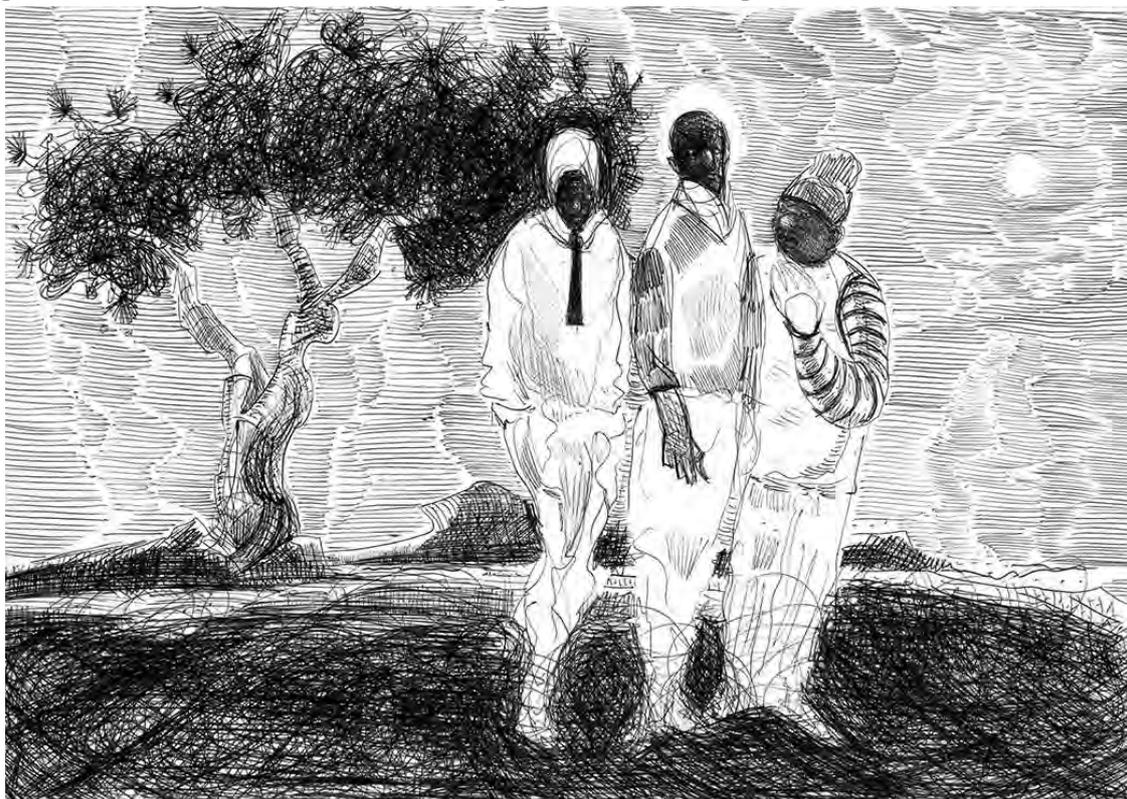
### 3.4 Umbral

Ao longo dos anos eu tenho pensado muito sobre a apresentação da minha produção. Sendo um fetichista por livros sempre tive uma inclinação por catálogos de arte, livros de artista e demais formatos gráficos. Pareceu-me obvio o caminho a trilhar, especialmente por considerar a ficção um bom veículo para reflexão. Isso fica bem expresso nas palavras de Paul Valery;

*“Os efeitos de uma obra nunca são uma consequência simples das condições de sua produção. Ao contrário, pode-se dizer que uma obra tem como objetivo secreto levar a imaginar uma produção dela mesma, tão pouco verdadeira quanto possível.”* (VALERY, 1991 pg 139).

O texto seria assim um fio de costura para os desenhos, e os desenhos um veículo para o texto seguir em frente. Iniciado com o relato/monólogo de uma infância e as relações com arte, posteriormente a voz é entregue para outros personagens demonstrarem pontos de vista variados sobre os mais diversos temas. Neste ponto o texto segue uma progressão semelhante a clássicos como *A Divina Comédia* ou mesmo *Alice no País das Maravilhas*.

A meu ver, o umbral encerra em si a metáfora do limiar, da divisão de um espaço com outro. É justamente o espaço em que me encontro, não somente com relação à graduação do curso, mas também com um momento crítico de amadurecimento da minha produção poética. O umbral é o local de onde falo, estou parado na soleira entre dois cômodos que se definem aos poucos.



Oliveira, 2016, 21x30cm.

O som e a morfologia da palavra também me agradam muito, tendo o radical em comum com o termo latino *umbra*, que significa sombra. Ao escrever a narrativa, a figura da sombra e da escuridão apareceu com frequência, assim como os cômodos da casa como uma metáfora espacial. Daí a adoção desta palavra para encabeçar as demais. Verdade é que ela ficou presa em minha cabeça por muito tempo, como um enigma sem me deixar entender o porque ficava lá insistentemente. Vejo agora claramente essa relação de umbral com a soleira e a penumbra.

Vem-me à mente neste momento os versos proferidos por um Macbeth perto de sua derrocada, quando o Grande Bosque de Birnam marchou enfim contra ele concretizando a profecia das parcas:

*“E todos os nossos ontens não fizeram mais que iluminar para os tolos o caminho que leva ao pó da morte. Apaga-te, apaga-te chama breve! A vida não passa de uma sombra que caminha, um pobre ator que se pavoneia e se aflige no palco – faz*

*isso por uma hora e, depois, não se escuta mais sua voz. É uma historia contada por um idiota, cheia de som e fúria e vazia de significado.” (SHAKESPEARE, 2007 pg 124).*



Louva-deus, 2016, 21x30cm.

#### **4.Considerações finais**

Por fim resta dizer que a proposta para a produção do Umbral Iluminado tem como intuito aproximar as duas práticas, para propor que a escrita possa ser o início do desenho e que o desenho possa ser também o início da escrita. Os aparatos são um pretexto para explodir o gesto miúdo do caderno de notas, suporte que sempre abrigou minha produção.

A vida toda ouvi “*desenhe o que você vê, não o que você sabe*”, ao ponto de tal frase se tornar quase uma mantra. Da mesma, forma li inúmeras vezes o conselho recorrente entre escritores, “*escreva sobre o que você sabe*”. Pode ser teimosia minha, mas é meu objetivo de longa data trocar os sujeitos destas duas sentenças.



Miasma, 2016, 21x30cm.

## 5. Apêndice - Amostra de capítulos do romance

### *Fuga*

Existe uma gravidade nos objetos que é carregada pelo uso. Quando o objeto é aposentado a gravidade permanece. A lâmina mantém seu caráter degolador mesmo tendo perdido o fio há décadas. O chapéu protege cabeças hipotéticas assim como o anel cabe no dedo que já não existe mais. Um fantasma se esconde naquele corpo, coisa que assombra o desavisado que esbarra em sua presença.

Quando garoto não aguentava a visão do piano de caixa na casa dos vizinhos idosos. O toque daquelas teclas, brancas feito o sorriso desconcertante de uma caveira, me aterrorizava profundamente. A bela música por ele produzida consistia num dos mistérios mais enigmáticos da minha infância. Preferia ouvi-la de longe, do lado de fora da casa junto ao pátio partilhado. Temia o lugar para onde aquele magnetismo me empurrava tão facilmente e fugia dali com frequência. Aquela presença vaga, porém, persistia apesar de todos os meus esforços. E eu também insistia em evadir de seus efeitos.

### *Santuário*

Nessa época passava as tardes desenhando monstros, deuses e tantos outros rabiscos imaginados. Desenhava nas paredes da casa tentando decorá-las o melhor possível com narrativas que me agradassem, que fizessem algum sentido para aquela mente jovem. A ficção é também um abrigo, um campo vasto para a mente correr livremente. Construí assim uma mitologia pessoal como uma forma de resistência frente à influência totalizante daquela narrativa oficial que chamamos levianamente de vida.

Cada cômodo se transformava num templo distinto, uma câmara mágica invisível aos olhos dos não iniciados. Bastava abrir a porta de um quarto para fugir do mundo anterior, coisa que constitui um poder assombrosamente reconfortante.

Eventualmente meus murais sagrados se tornaram um incômodo e assim tive de encontrar um novo tipo de portal para atravessar. Este veio na forma dos livros. Bastava abrir a capa de um deles para mergulhar em um mundo achatado que parecia muitas vezes mais profundo do que aquele a minha volta. Aqueles que possuíam as páginas em branco substituíram perfeitamente os murais e assim já não precisava mais dos meus templos, unicamente das minhas escrituras.

Uma biblioteca começou a se formar ali conforme os livros iam sendo empilhados um sobre os outros, erguendo os pilares que sustentariam aquele universo particular. O mundo é também dividido em um  $x$  número de tomos. É uma questão de a quais volumes temos acesso.

### *Satélite*

Subia também em árvores. A cerejeira e a goiabeira eram as favoritas, as mais altas, torres que aguardavam pacientemente para serem escaladas. Caí de uma delas certa vez e quebrei a mão direita. Passei assim um verão inteiro sem poder desenhar. Tive de aprender então a observar, coisa difícil de começar, impossível de se abandonar. Uma maldição para vida toda.

É provável que tenha sido neste momento que comecei a ser controlado pelos olhos, pelos sentidos de forma geral. Os mínimos movimentos sugavam inteiramente minha atenção. A nuvem passando, as folhas ao vento, a sombra no chão, estes eram desenhos traçados bem ali diante dos meus olhos. Tornei-me uma antena captando raios de todas as ordens e origens, uma represa transbordando com estas influências, que cedo ou tarde romperiam as barragens de seu cativoiro.

### *Cicatriz*

Com a faca curta presente do avô podia gravar os troncos nos mais diversos ângulos. Prática essa da qual me arrependeria anos mais tarde ao rever aqueles desenhos pueris de baixa qualidade mutilando a bela forma das árvores. Por sorte alguns troncos se renovaram e apagaram as inscrições, outros foram derrubados e seguiram o destino semelhante à maioria daqueles cadernos velhos. Apenas uma minúscula parcela sobreviveu e esse número só fará diminuir tais quais os dias que me restam ou os séculos que o mundo ainda possui.

Ao confrontar aquelas feridas na madeira me ficou claro que o mais ordinário dos nossos atos produz marcas. Deixamos gravadas nossas digitais naquilo que tocamos. Se fosse possível ler estes sinais poderíamos copiar uma biografia inteira. Alguém poderia alcançar o sonho de gravar uma vida que valesse a pena e executar uma *frotagem* dela.

### *Feitiço*

Na escola os professores reclamavam dos meus garranchos “*parecem talhos na madeira!*”. Talvez eu realmente estivesse refletindo a mão pesada que desenhava nas árvores com o canivete do avô. Mesmo tendo abandonado esta prática já há bastante tempo, é plausível que tivesse educado minha mão para tal.

Eventualmente fui persuadido da necessidade de criar uma nova identidade para minha caligrafia. Dediquei-me ao treino do arredondamento e suavização das linhas, coisa que resultou em um empobrecimento sem precedentes neste campo e me afastou da prática da escrita. Foram necessários anos para perceber a falta que a simples beleza peculiar daqueles tipos fazia para mim. Escrever é também uma experiência visual e talvez nela esteja contida a real força deste fenômeno tão elusivo.

Por fim me convenci a compor outras letras ainda, dessa vez tentando recuperar qualquer resquício do encantamento que a escrita me proporcionava antes sem esforço algum. Um novo alfabeto nasceu restaurando assim a fé desaparecida naquela prática.

Porém sentiria para sempre saudades daquelas runas que conjurava inconscientemente na juventude. Parece que toda a magia que possuímos escondida se esvai feito o tempo fugidio.

## XI

Uma batida forte na madeira revelou que Sara falara a verdade. Sentia agora o caixão ser despregado com grande esforço. Cada fresta minúscula aberta representava o maior presente que eu recebera na vida. Luz e ar se esgueiravam sorrateiramente para o interior do meu sarcófago renovando um pouco meu espírito. Com um estalo a madeira se curvou e a caixa finalmente foi aberta. A claridade me cegou e chorei de felicidade ao ser trazido de volta para a superfície. Estava frio e demorei para perceber a mulher velha de cabelos desgrenhados que me salvara do enterro. Abracei-a fraternalmente, repetidas vezes, mesmo contra sua vontade. Finalmente desabei aos seus pés traído por minhas pernas bambas.

- Aí esta algo que não esperava ver hoje –disse a artista com uma voz cansada – Chegou antes da maioria, reconheço uma pressa galopante em você. Parece mais frágil também, mas isso pode ser meu julgamento demasiado exigente sobre a anatomia humana. Ainda assim, se nossa princesa Sara cavou uma cova para você com as próprias mãos, ela deve ter grande consideração por sua pessoa.

Minha cabeça doía e me sentia fraco. Olhei a volta e me encontrei numa espécie de tundra acinzentada na noite. Não entendi como chegara ali ainda que neste momento isso pouco me importasse. A mulher me deu seu xale e tentou me reconfortar um pouco. Senti por ela e por tudo aquilo no que depositava meu olhar o mais profundo amor. Estava mudado, me sentia outro e isso me comoveu. Falei então rapidamente do que Sara me dissera sobre Ouroro e os objetos que devia juntar.

-Entendo, o anel... Sim, eu o remendei, pois ele estava partido em dois. Estranhamente Sara não o quis depois de reparado. Disse unicamente que precisaríamos dele restaurado ainda que para ela ele continuaria para sempre partido ao meio. Curioso ver tal mente brilhante se enganando assim, não acha? Ela fez questão que eu o mantivesse enterrado nos fundos do meu quintal até o dia em que dele necessitasse. Enterramos o passado, porém não fundo o suficiente. Tentamos acreditar que sete palmos de terra são suficientes para prender nossas quimeras para sempre ainda que às tenhamos criado um dia para dominar o mundo inteiro. Não podemos esconder de todo as forças verdadeiramente pulsantes. Seria como tentar esconder a gravidade ou a crueldade humana. Ela também tentou esconder você e veja só. Se conseguiu algo foi te desnudar, te revelar, nada mais do que o efeito contrário do enterramento.

Dito isto a artista me ajudou a levantar. Ela propôs que fossemos sem demora ao seu atelier, para descansar e também recuperar o anel. De pé com o braço em volta dela senti um cheiro, que conhecera na infância na casa de meus vizinhos, que era o aroma da velhice e do tempo que passou. Perfume dos livros velhos nos quais me perdia quando garoto e do pó que se acumula nas dobras dos corpos e das coisas. A mesma fragrância das bibliotecas, mausoléus e museus.

Caminhamos através da tundra molhada pelo orvalho sem pressa até avistarmos a estranha casa cheia de chaminés. Era um mistério como ela permanecia de pé, um lado do pórtico havia desabado e ervas daninhas cresciam ao ponto de quase engolir a construção. Ao subir na varanda tivemos de desviar dos degraus apodrecidos que eram a maioria. Ao entrar na casa porém fui surpreendido pelo meu péssimo julgamento. O interior estava na mais perfeita ordem, as salas eram bonitas e limpas. Passamos por muitas pilhas de livros e tomos de todos os tipos, as paredes eram forradas por quadros.

-Você parece terrivelmente acabado – disse a artista tirando seu casaco surrado - Acho que está cansado de levar tantas pauladas não é mesmo? Venha, sente-se perto da minha salamandra. Não, não aí. Esta poltrona velha é a minha. Assim, melhor. Muito bem, passo aqui a maior parte dos meus dias sempre que me encontro no seu estado. Não podemos impedir o mundo de nos agredir e isto acaba por nos cansar. Resta-nos construir outro mundo, uma pequena bolha na qual nada nos machuque a não sermos nós mesmos. Anseio sempre o retorno para minha casa. Inclusive já não existe mais nada no mundo que me faça querer sair dela, sendo a minha devoção a Sara uma das poucas. Se eu pudesse arranjar uma forma de ter comida entregue em minha porta poderia assim ficar permanentemente encarcerada aqui. Encontraria-me assim o mais próximo da felicidade, afinal um pouco de paz se tornou artigo de luxo nestas partes. Tenho muitos livros aqui, muitas biografias, catálogos e romances, muito mais do que conseguirei ler antes de morrer. Eles forram minhas paredes e se parecem de fato com tijolos pois a biblioteca é também uma espécie de construção. É a escolha dos títulos que definirá se estes muros separarão ou protegerão o eventual leitor em formação. Nestes volumes encontro vidas mais ricas do que a aquela que levei. Isso me redime um pouco, pois eu as louvo e, de certa forma, isso me faz sua sacerdotisa. Ainda sinto, e creio que assim será sempre, a nostalgia pelas vidas que não tive. Pelo meu casamento, o amor dos meus filhos, a viagem pelo mundo, a casa na praia. Tudo isso foi sacrificado pelo projeto. Infelizmente nunca consegui definir concretamente o que era esse projeto, qual sua forma verdadeira e assim fui vivendo um dia após o outro até que não sobrou mais nenhum.

A artista tossiu com violência e tratou de tomar um gole do seu chá frio. Colocou a chaleira, que estava de lado numa mesa, sobre a salamandra e me indicou que podia me servir à vontade. Agradei, porém estava ocupado demais esfregando as mãos geladas bem próximo daquele metal aquecido.

-Sim, me encontro no entardecer derradeiro, mas não sinto pena de mim. Tentei expressar meus impulsos em todas as formas possíveis, creio que consegui resultados razoáveis ainda que sempre parciais. Sempre invejei os bruxos e sua facilidade maldita de criar a partir do ar vazio. Basta para eles estalarem os dedos, entoarem um cântico grotesco ou então assoprar um pó mágico para darem vida aos maiores assombramentos que suas mentes distorcidas conseguem imaginar. Quanto a mim resta a eterna batalha contra os materiais, contra aquilo que vi e vivi. A arte tem muito de combate e nem todos tem condição de lutar, infelizmente. Duelamos assim contra nós mesmos e todas as circunstâncias que nos separam de um resultado que perseguimos cegamente. Esta é a minha tragédia mas também a única beleza que possuo. Todos nós queremos ser belos

em alguma medida. Não importa o quão tolo isso possa ser ou parecer, é algo que constatei nestes tantos anos de prolongada observação...

A artista se levantou então e me convidou para um breve tour pela sua toca. Fiquei um pouco receoso de abandonar o calor do fogo mas a curiosidade venceu. Seguimos um corredor longo por uma vasta galeria na qual não era possível enxergar a cor das paredes devido à profusão de quadros ali pendurados. Não consegui esconder meu encantamento enquanto seguia boquiaberto observando aqueles retratos, paisagens e devaneios.

- Esta coleção pode parecer um pouco excessiva ou egocêntrica, porém sempre julguei necessário pendurar aqueles trabalhos que adquiri ou que a mim foram enviados. As obras devem ser vistas, caso contrario sua existência não é justificável. Eu mesmo possuo uma fornalha nos fundos para servir a este propósito. Quero poupar o trabalho dos arqueólogos no futuro. Afinal a arte encontra novas funções e obrigações a cada século. Uma nova escola serve unicamente para soterrar aquela que a precedeu. Nós também devíamos enterrar aqueles que nos antecederam, esse seria o caminho natural tal qual a germinação após a queimada. Ao invés disso a maioria de nós acaba soterrada, uma pena. Todas as bibliotecas e museus cheios, porém vazios, são a alegoria perfeita para as riquezas que homem gerou. Completo abandono, este é o destino de tudo que é humano, inclusive dos nossos objetos.



Paramos por alguns minutos na frente de um minúsculo retrato mal pintando. Nele posavam um mulher jovem de cabelos espessos junto de dois garotos pouco definidos.

- Não é sem pesar que constato que a arte hoje se resume a acalmar os nervos e ocupar o tempo. Não ofende nem inspira ninguém, ou talvez seja a mim que esta medida escape. Torço para que isso seja verdade pois a única companhia que tive na vida foi a da cultura. A única cumplicidade e fraternidade da qual pude degustar achei em livros e músicas. Não foi, no entanto, o suficiente para vencer essa solidão conviver com semelhantes de séculos passados. Por isso fui obrigada a criar, quase que empurrada para isso. Ainda assim temo um mundo onde tais relações não existam mais. Tento fazer minha parte preservando meu pequeno cânone pessoal. Talvez esta coleção

configure minha maior obra. Os arquivos e os acervos servem para organizar aquilo que restou de uma geração. Nestes corredores escuros encontramos a ossada cultural dos nossos antepassados. O museu é um mausoléu, talvez daí se origine a curiosa forma como muitos se portam nestes espaços, com aquela desajeitada reverência à um morto imaginário. Não acredito que a cultura nasça como os homens fazem, mas sem dúvida ela morre como nós.

Chegamos então finalmente ao atelier de trabalho da artista. A sala estava organizada no mais caótico turbilhão de objetos e materiais. As telas, tintas e pinceis jogados ali estavam porém adaptados perfeitamente ao espaço de ação do corpo dela. Bastou vê-la no meio daquela confusão para entender que ali imperava a ordem, ainda que uma de um tipo secreto e inalcançável para mim ou outro qualquer. Ela se dirigiu para um canto e começou a colocar seus trabalhos no chão virados para mim.

-De todas as coisas que poderia almejar na vida escolhi sempre aquilo de menor importância, carente de qualquer significado, pois somente o inútil pode ser belo e só a belo me interessava. Desde sempre a beleza, mesmo deformada ou grotesca, foi para mim a âncora e o farol. Um polo magnético de tamanha força que nunca necessitei de uma bússola para perseguir, pois eu mesma era atraída por sua força implacável. É curioso como estas forças agem. Tive dois filhos em dado momento, gêmeos. Meu sol e minha lua, dia e noite. Eles me admiravam profundamente e logo me procuraram para que os ensinasse a pintar. Depois daqueles verões de lições pesadas nunca mais falaram comigo. Creio que se sentiram agredidos ou enganados. É uma lastima, pois minha existência consistia em orbitar à volta deles. Uma pena sim, no entanto eles não tinham condições para seguir na arte. É uma coisa séria, a arte, talvez a única realmente. Partiram sem dizer adeus mas não sem antes queimar todos meus quadros e esboços. Não me importei, faria outros tantos, pois ainda me restavam muitos dias de vida.

Ela parou de falar enquanto eu a ajudava a virar uma grande tela. Ali tive a impressão de ver duas silhuetas desenhadas se distanciando entre sombras muito densas.

-Tenho usado basicamente a mesma paleta há décadas. De tempos em tempos sinto vontade de mudá-la e o faço, somente para retornar logo em seguida. A criação é um abismo infinito e, se precisamos pular de um precipício, que seja num sem fundo. Pode se explorar tanto em tão pouco. Ao mesmo tempo em que é difícil se contentar com a pequenez das coisas. Ainda hoje insisto em perseguir uma obra que dirá algo por si, mesmo que raramente conclua algo nestes dias. Enganei a mim mesmo neste jogo e assim pude seguir em frente. Acreditei cegamente na mentira, naquela narrativa que escrevia com minhas memórias. É uma doença comum para os amantes da ficção e para aqueles que não são completamente insensíveis a esta faceta da vida que é sua escrita. O delírio se mantém fiel. Alguém tem de ser, não acha?

Fiquei interessado pelos desenhos dela. Eram escuros e me deixavam desconfortável ainda que fossem extremamente atraentes ao meu olho. Expressei rapidamente minha opinião acerca daquela produção.

-Por muito tempo preferi o desenho como prática. A meu ver existe certo impulso para o desenho bastante específico que é o desejo de se apagar um pouco o

tempo. É difícil de explicar essa vontade, meu ponto é que nada é tão preto no branco como gostamos de afirmar. Assim como a música é em grande parte um impulso oriundo do silêncio o desenho se faz muito no apagamento, de nossas vidas e de nós mesmos, por que não. Nada me empurrou mais para essa prática do que o dia difícil, a consciência pesada, o remorso ou mesmo o vazio latente. Nossa arte se polariza em negativo de acordo com nós mesmos, de nossa medida para o mundo que é o nosso próprio corpo. Faz isso pois é uma tentativa poética de transcender esse quadro, de superar o corpo, nossa última fronteira. Vê, a mente viaja muitas vezes mais rápido que o corpo, daí o desconforto dos gênios presos na carne. Por fim vale lembrar que o desenho não tem língua. Não há tradução do desenho, ele se faz comunicável em uma medida variável para cada espectador. O artista possui a mais desesperadamente romântica das profissões, segunda talvez



unicamente a do tradutor. Mas aí já entramos num outro campo vasto...

Surpreendi a mim mesmo confessando que acreditava nisso. Contei-lhe que eu também desenhava quando criança. Falei das paredes da casa velha preenchidos de monstros e heróis e dos cadernos empilhados.

-Isso, persiga isso meu jovem. O artista pode ser um intelectual, deve.

Espantando com aquelas alcunhas adicionei rapidamente que não me via como um nem outro. Que não sabia realmente o que fazia ali ou mesmo se queria saber.

- Como não? Talvez você não seja mesmo. Esse é um dos poucos aspectos no qual não podemos nos deixar cair no medo. Ainda que sempre o façamos, não podemos nos deixar amedrontar frente a dificuldade da criação. Arte é como um cão orgulhoso, se lhe demonstramos medo no trato ele rosna e foge. O truque talvez seja conseguir dominar o medo por que, honestamente, não acredito que seja possível produzir algo sincero sem cair em esmagadoras dúvidas. Sem elas a produção fica automatizada e o resultado também. Você diz que está em dúvidas agora, talvez lhe conforte saber que assim sempre foi para mim. Ainda não sei o que sou, me defini a vida toda pela produção a qual me dediquei, por algo que não encerra um fim em si, uma prática diária. A vida toda fui invisível, acredito que tenha lutado desde a juventude contra a invisibilidade. Talvez por isso jogasse camada sobre camada de cor, tentando tornar algo, o que quer que fosse, visível. Minha história é a da batalha contra a transparência, para conseguir refletir os raios solares. Se algo imperceptível desaparece pode-se afirmar que tenha existido? Este era meu maior medo, não existir. Talvez quaisquer traços dessa existência sejam mal interpretados, ou falsos. No final se sou invisível e só eu sei onde estou, uma vez perdida como me reencontrar? Parece-me que o artista é um doente que teve um sonho vago delirante onde enfim alcançou algo. Uma vez desperto e recuperado insistiu (ao contrario de todos os outros doentes do seu tempo) em perseguir esta visão vaga. O que nos sobra então? A febre; o corpo quente, a garganta rasgada, a cabeça pesada, o dia sonolento, a noite em vigília. Para uns este é o inferno, para outro este é o processo. Você não pode creditar sua existência a um título.

A artista se afastou e abriu uma portinhola. Por ali saímos para um pequeno jardim mal cuidado. Muitas plantas e flores bonitas ainda que de aparência selvagem cresciam sobre a grama. Paramos ao lado de uma pequena estatueta de um homem touro, inteiramente coberta de musgo. Ali a artista começou a revirar a terra escura com uma pequena pá. Encontrou uma caixa laqueada e a sacou da terra como antes havia trazido meu esquite à superfície. Ela abriu o pequeno cofre e de lá tirou um anel de brilho azulado. O mediu de perto e em seguida me entregou a joia. Eu a observei e tive a sensação de já tê-lo visto anteriormente.

-Aí está, o anel de noivado de Sara. O souvenir de uma tentativa de alcançar algo que ela sabia impossível, lembrete de um passado longínquo.

A aliança serviu num dos meus dedos menores e imaginei a mão esguia da Sara vestindo orgulhosamente aquele anel no passado. Fiquei incomodado ao saber que ela desposara seu antagonista ainda que isto seja mais recorrente do que gostaríamos de acreditar.

-Vamos, não fique tão triste assim. Eu lhe indicarei o caminho para o deserto. Além do mais tenho muito que fazer por aqui e você tem muito chão pela frente.

Sáímos daquela casa que fora realmente o único lugar em que me sentira confortável naquele estranho país. Caminhamos por horas pela tundra tendo somente o céu praguejando trovões como companhia. Pelo trajeto blocos monolíticos pontuavam o cenário anunciando a grande torre em ruínas de onde foram expelidos séculos antes. Por fim a vegetação foi se encolhendo e desaparecendo até que a aridez dominou a paisagem. Ali paramos para nos despedir.

-Agora segue teu caminho – a artista me disse enrolando seu xale no meu pescoço – tenho certeza que encontrará os outros objetos. Busque o brilho semelhante deste anel que porta em sua mão. Dito isso, eu recomendaria que você evitasse se aproximar da capital. Forças tenebrosas imperam lá, difícil escapar de suas garras. Meu conselho seria então de que busque permanecer no deserto unicamente pelo tempo necessário para encontrar o que procura.

A artista me deu então um abraço apertado quase maternal que me forneceu grande força. Sentia que havia retornado do subsolo mudado e agora confirmava isso.

## XVII

Entrei no mar revolto e nadei com dificuldade contra a maré agressiva. O cheiro da água era forte e cortante como o de um combustível, sua densidade parecia maior o que logo me deixou cansado da empreitada. Ao alcançar as ondas grandes fui sacudido e bebi muito daquela água ardente. Mergulhei diversas vezes e, não fosse a corda presa ao barco que usei como guia, não teria alcançado meu destino. Uma mulher me deu a mão e consegui subir abordo da embarcação azulada, cravejada por mariscos e musgo.

-Você cheira a terra – disse-me a afogada – que saudade deste cheiro!

Ela se aproximou e enfiou o nariz no meu cabelo e minhas roupas. Sua pele tinha aparência gelada e ela estava completamente molhada. Quando se acostumou ao meu perfume foi até o final da barca e começou a remar descontraidamente. A gôndola deslizou suavemente como se tivéssemos abandonado as águas tumultuosas e alcançado um tranquilo canal.

-Será uma pena perder esse cheiro quando mergulharmos logo mais a frente. Conheço muitos atalhos, posso levá-lo para qualquer canto do grande oceano vermelho.

Tratei prontamente de assegurar que isso não era necessário, que eu julgava mais sensato navegar pela superfície. Afinal de pouco adiantaria chegar mais rápido à costa se eu estivesse morto.

- Verdade, esqueço-me com frequência destes detalhes. Geralmente não recebo passageiros de primeira viagem. Sempre que possível busco a submersão, minha maior paixão é o mergulho.

Perguntei se ela navegava há bastante tempo. Se não se incomodava de viver encharcada por águas de sabores tão fortes.

-Sempre gostei de nadar, me sentia reconfortada por esta prática. Com o tempo comecei a mergulhar e assim tive de abandonar as piscinas por serem demasiadamente rasas. Ansiava pelas profundezas, pelos longos períodos submersa.



A separação do mundo proporcionada pelo mergulho era o maior alívio que já sentira em vida e assim eu tratava de buscá-lo sempre que possível. Mudei-me para a praia e até comprei um barco. Vendi minha casa eventualmente e passei a morar no barco, e isso unicamente pois precisava retornar para renovar o ar nos pulmões. Em seguida comprei os melhores equipamentos de mergulho e assim passava os dias inteiros debaixo da água. Ainda assim sentia que não era suficiente para abarcar o meu desejo e isto me apavorava. Tinha medo do próximo passo, reconhecia nele meu destino, minha vocação para me tornar a afogada daquelas águas. Mas temia meu sonho e assim fugi dele, fugi para o mais longe que pude..,

A afogada parou seu relato e fiquei confuso. Observando-a mais uma vez perguntei como ela acabou onde agora se encontrava. Sem parar de embalar o remo ela me disse de forma ritmada:

- Tememos o destino e fugimos dele somente para cair em suas garras. Esse é o seu jogo para aqueles que são frágeis como eu fora. Acordei certo dia na praia e, sacando a ancora de uma embarcação abandonada entrei nas águas e ali fiquei. Por muito tempo habitei sozinha as profundezas. Vi meu reino de paz se transformar numa aberração horrenda. Nada me entristecia mais que isso, ver deformado aquilo que fora até então me único conforto. Por sorte fiz uma amiga nas profundezas em dado momento e isto mudou...

A afogada me olhou de soslaio, em seguida apontou para a insígnia na minha mão esquerda.

-Sim, ela se comoveu com minha história. Disse-me que eu carregaria um infortúnio que ela sabia bem ser insuportável. Demonstrou-me amor como nunca recebi antes e por isso serei sempre grata. Ela ainda vem me visitar as vezes, me conta do outro lado, o qual nunca alcancei propriamente. Parece que esbarramos na mesma maldição que é a permanência daquilo que devia desaparecer. Nós duas exageramos nossas boas vindas, o tempo que ficamos nesse recinto que é o mundo.

A marca ardeu na mão e o anel me apertou. Ainda assim não quis levar o tópico da conversa para Sara mesmo que não soubesse o porquê. Em seguida a afogada me confessou que fora justamente Sara que arranjara esta carona através do oceano vermelho. Perguntei-me o quanto da minha vida era realmente minha, o quanto eu caminhava com minhas próprias pernas.



Seguimos por mais algumas horas até alcançarmos a praia na costa oposta. Ali a afogada tomou o rumo de um rio que desaguava no mar e subimos para dentro do continente. A paisagem foi mudando, a vegetação se tornando mais feia e fechada até que me vi no centro de um pântano desprezível. O cheiro era insuportável e eu sentia apenas vontade de fugir ao invés de me entranhar ainda mais naquelas paragens.

-Nestas partes de pântanos lodosos e charnecas horrendas é possível sentir no ar o odor putrefato da carne do titã. Ao longo de todo nosso pobre país os ventos dos seus suspiros afastam tal miasma para longe, mas não aqui. Nestas partes todos os indivíduos

estão sujeitos à sua influência corruptora. É uma terra de criaturas impetuosas. Do miasma do cotidiano opressor, da sensação de impotência e da falta de perspectiva, é impossível fugir. Um lembrete constante, o cheiro que se entranha nas coisas e na vida. Mesmo aqueles que milagrosamente conseguem escapar o carregam junto do passado e deles são prisioneiros. O sabor que o miasma deixa na boca não é outro senão o da culpa algoz.

Além do pântano alcançamos canais de águas razoavelmente mais cristalinas. Ali surgiu um burgo pequeno construído de forma elegante. Todos os prédios eram bem acabados, mansões em maioria. A afogada atracou sua barca num píer privado de um castelo. Desembarquei e agradei pela viagem.

-Adeus amigo- disse-me a afogada – tome cuidado a mergulhar nesta cidade. O miasma que ela produz faria do pântano um paraíso por comparação. Tome cuidado especialmente com os nobres que aqui habitam e os joguetes aos quais se dedicam.

Ela me acenou e rapidamente se pôs de volta no rumo do oceano. Acompanhei-a com o olhar até o barco submergir nas águas lodosas mais adiante.

Do píer saltei para uma ruela e segui pelo burgo. Fiquei surpreso ao observá-lo, então era ali que os nobres se escondiam. Esperava mais sinceramente, não me parecia claro porque aquela pequenina cidadela fora eleita por eles. Talvez quisessem passar despercebidos, o caráter sóbrio das ruas era esmagadoramente distinto dos interiores entupidos de pertences dos casarões. Havia uma aura de silêncio por aquelas ruelas, todos se portavam de forma muito contida e atenta, feito crianças que acabaram de quebrar algo.

Este quadro só era contrastado pelo carnaval que lotava a praça central. Lá estava concentrada uma multidão de transeuntes, dançando ao som de tambores sincopados. Os foliões ocultos vestiam suas máscaras para poderem revelar



sua natureza. Toda a sua liberdade estava confinada àquele espaço de dissimulação e aquele momento breve do ano. Suas colunas pareciam sofrer tamanho o peso nos

pescoços abarrotados de joias que eles exibiam. Uma mulher arrastava um cão incapaz de andar devido os rubis e fios de ouro sobre seu lombo, um homem carregava barras de ouro como um recém nascido. Algumas pessoas tentaram me expulsar da parada, outras apontaram censurando meu rosto nu.

A organização das fileiras no desfile se dava de acordo com as posses. Rubis eram seguidos pelo ouro, então vinha a prata e as safiras. Tropecei numa gema polida e me perguntei o que era a propriedade para esses nobres? Vi a sujeira acumulada pela praça, joias jogadas por todos os lados e nisso reconheci sua soberania. O seu desejo de soberania e o consequente delírio de soberania. Um burguês gordo jogava rubis por onde passava somente para ajuntá-los quando ninguém observava. Uma nobre arrastava um bloco descomunal de ouro para o centro da praça, suas costas estavam arqueadas e as mãos esfoladas. Foi imediatamente saudada por todos ali aos brados ciumentos.

Alguém gritou algo ao meu ouvido e eu apenas apertei o passo. Ignorando as reprimendas crescentes segui para o subúrbio puxado pelo magnetismo que atraía o anel.

## Bibliografia

ARNOLD, Matthias. *Henri Toulouse-Lautrec, 1864-1901. O Teatro da Vida* – Benedikt Taschen – Köln, 1991.

BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita* – Martins Fontes – São Paulo, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. *Os Caprichos de Goya* – Editora Imaginário – São Paulo, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política* – Brasiliense – São Paulo - 1985

BLAKE, William. *O Casamento do Céu e do Inferno* – LePM – Porto Alegre - 2007

BLAKE, William. *Poesia e Prosa Seleccionadas* – Nova Alexandria – São Paulo - 1993

CALZA, Gian Carlo. *Hokusai* – Phaidon – New York, 2003.

FLAUBERT, Gustave. *Cartas Exemplares* – Imago – Rio de Janeiro -2005

MARLOW, Tim. *Schiele* – Smithmark – New York, 1990.

SARAIVA, Roberta. *Saul Steinberg: As Aventuras da Linha* – Instituto Moreira Sales e Pinacoteca do Estado de São Paulo - São Paulo, 2011.

TOPPI, Sergio. *O Homem do Nilo* – Editora Brasil América – Rio de Janeiro - 1995

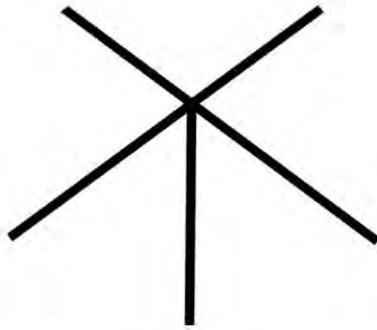
VALERY, Paul. *Variedades* – Iluminuras, 1991.

VALERY, Paul. *Degas, Dança, Desenho* – Cosacnaify – São Paulo- 2003.

SHAKESPEARE, William. *Macbeth* – LePM – Porto Alegre – 2007



*UMBRAL ILUMINADO*





*Guilherme Sommermeyer*  
*UMBRAL ILUMINADO*



*MMXVI*



## *Fuga*

Existe uma gravidade nos objetos que é carregada pelo uso. Quando o objeto é aposentado a gravidade permanece. A lâmina mantém seu caráter degolador mesmo tendo perdido o fio há décadas. O chapéu protege cabeças hipotéticas assim como o anel cabe no dedo que já não existe mais. Um fantasma se esconde naquele corpo, coisa que assombra o desavisado que esbarra em sua presença.

Quando garoto não aguentava a visão do piano de caixa na casa dos vizinhos idosos. O toque daquelas teclas, brancas feito o sorriso desconcertante de uma caveira, me aterrorizava profundamente. A bela música por ele produzida consistia num dos mistérios mais enigmáticos da minha infância. Preferia ouvi-la de longe, do lado de fora da casa junto ao pátio partilhado. Temia o lugar para onde aquele magnetismo me empurrava tão facilmente e fugia dali com frequência. Aquela presença vaga, porém, persistia apesar de todos os

meus esforços. E eu também insistia em evadir de seus efeitos.

### *Santuário*

Nessa época passava as tardes desenhando monstros, deuses e tantos outros rabiscos imaginados. Desenhava nas paredes da casa tentando decorá-las o melhor possível com narrativas que me agradassem, que fizessem algum sentido para aquela mente jovem. A ficção é também um abrigo, um campo vasto para a mente correr livremente. Construí assim uma mitologia pessoal como uma forma de resistência frente à influência totalizante daquela narrativa oficial que chamamos levianamente de vida.

Cada cômodo se transformava num templo distinto, uma câmara mágica invisível aos olhos dos não iniciados. Bastava abrir a porta de um quarto para fugir do mundo anterior, coisa que constitui um poder assombrosamente reconfortante.

Eventualmente meus murais sagrados se tornaram um incômodo e assim tive de encontrar um novo tipo de portal para atravessar. Este veio na forma dos livros. Bastava abrir a capa de um deles para mergulhar em um mundo achatado que parecia muitas vezes mais profundo do que aquele a minha volta. Aqueles que possuíam as páginas em branco substituíram perfeitamente os murais e assim já não precisava mais dos meus templos, unicamente das minhas escrituras.

Uma biblioteca começou a se formar ali conforme os livros iam sendo empilhados um sobre os outros, erguendo os pilares que sustentariam aquele universo particular. O mundo é também dividido em um  $x$  número de tomos. É uma questão de a quais volumes temos acesso.

## *Satélite*

Subia também em árvores. A cerejeira e a goiabeira eram as favoritas, as mais altas, torres que aguardavam pacientemente para serem escaladas. Caí de uma delas certa vez e quebrei a mão direita. Passei assim um verão inteiro sem poder desenhar. Tive de aprender então a observar, coisa difícil de começar, impossível de se abandonar. Uma maldição para vida toda.

É provável que tenha sido neste momento que comecei a ser controlado pelos olhos, pelos sentidos de forma geral. Os mínimos movimentos sugavam inteiramente minha atenção. A nuvem passando, as folhas ao vento, a sombra no chão, estes eram desenhos traçados bem ali diante dos meus olhos. Tornei-me uma antena captando raios de todas as ordens e origens, uma represa transbordando com estas influências, que cedo ou tarde romperiam as barragens de seu cativo.

## *Cicatriz*

Com a faca curta presente do avô podia gravar os troncos nos mais diversos ângulos. Prática essa da qual me arrependeria anos mais tarde ao rever aqueles desenhos pueris de baixa qualidade mutilando a bela forma das árvores. Por sorte alguns troncos se renovaram e apagaram as inscrições, outros foram derrubados e seguiram o destino semelhante à maioria daqueles cadernos velhos. Apenas uma minúscula parcela sobreviveu e esse número só fará diminuir tais quais os dias que me restam ou os séculos que o mundo ainda possui.

Ao confrontar aquelas feridas na madeira me ficou claro que o mais ordinário dos nossos atos produz marcas. Deixamos gravadas nossas digitais naquilo que tocamos. Se fosse possível ler estes sinais poderíamos copiar uma biografia inteira. Alguém poderia alcançar o sonho de gravar uma vida que valesse a pena e executar uma *frotagem* dela.

### *Feitiço*

Na escola os professores reclamavam dos meus garranchos “*parecem talhos na madeira!*”. Talvez eu realmente estivesse refletindo a mão pesada que desenhava nas árvores com o canivete do avô. Mesmo tendo abandonado esta prática já há bastante tempo, é plausível que tivesse educado minha mão para tal.

Eventualmente fui persuadido da necessidade de criar uma nova identidade para minha caligrafia. Dediquei-me ao treino do arredondamento e suavização das linhas, coisa que resultou em um empobrecimento sem precedentes neste campo e me afastou da prática da escrita. Foram necessários anos para perceber a falta que a simples beleza peculiar daqueles tipos fazia para mim. Escrever é também uma experiência visual e talvez nela esteja contida a real força deste fenômeno tão elusivo.

Por fim me convenci a compor outras letras ainda, dessa vez tentando recuperar qualquer resquício do encantamento que a escrita me proporcionava antes sem esforço algum. Um novo alfabeto nasceu restaurando assim a fé desaparecida naquela prática. Porém sentiria para sempre saudades daquelas runas que conjurava inconscientemente na

juventude. Parece que toda a magia que possuímos escondida se esvai feito o tempo fugidio.

### *Cela*

Fiquei doente em dado momento. Não dei grande atenção para o fato e a situação foi se agravando até que não podia mais ignorá-la. Tentei resistir àquele mal, porém fui vencido e confinado à cama. No cativeiro estive certo de que enlouqueceria antes de qualquer outra coisa e tentei escapar. Ignorei as indicações do médico e sabotei minhas pífias chances de melhora. O pecado pelo excesso, a húbriis, enfim, a desmedida fatal é o eterno destino humano, pois se é excessivamente humano.

Trancafiado definitivamente no quarto amaldiçoei todo o universo. Por fim reduzi o alvo unicamente sobre mim mesmo e assim fui mergulhando lentamente em águas muito escuras. Aprendi a dormir por longos períodos, dias inteiros que mal eram discernidos fora alguns eventos agendados; as refeições, os medicamentos, etc. Era um sono branco, desprovido de sonhos, pesadelos, delírios ou quaisquer outros acontecimentos dignos de alguma nota. O tempo passou completamente apagado e assim correu com pressa no relógio.

O cárcere no quarto foi um golpe duro, que me deixou atordoado pela separação brusca com minha vida até então, com tudo aquilo que eu imaginava constituir a mim mesmo. Talvez não seja possível interromper completamente um fluxo, indiferente de sua natureza, por outro meio que não a violência. Fato é que, erguido tal bloqueio, somos deixados com a dor da agressão e o trauma da perda.

Subitamente vi a mim mesmo no deserto. Havia perdido meu caminho, deixado escapar minha trilha eleita e não sabia se conseguiria reavê-la. Integrava agora aquela interminável estirpe dos deserdados desertados.

### *Penumbra*

Lembro-me de observar a luz, que penetrava pelas venezianas, projetada no teto. As sequências de listras luminosas pareciam partituras, ainda que na época sua forma me lembrasse unicamente das barras de uma jaula.

Muitos anos passaram. Talvez nem tantos ainda que assim parecesse. Minha saúde melhorou, porém continuava encarcerado e, ignorante de tal fato, insistia em seguir de olhos vendados. O sono branco deu lugar para um torpor branco, agora o tempo desperto passava igualmente apagado. A névoa se adensava, a água se tornava mais escura e as sombras se ampliavam a minha volta. Não podia ler estes sinais pois neles reconhecia meu lugar, minha matriz.

Nas manhãs ociosas continuava observando as sombras produzidas no teto branco pela cortina em movimento. Admirava aquela dança de formas abstratas por tanto tempo que conseguia até reconhecer nelas figuras. Ainda escuro esticava a mão e puxava caderno e as canetas sobre o armário. O que restava desse movimento eram unicamente as impressões incertas das imagens vagas que via. Incompreensíveis para mim, minhas mãos se debatiam tentando empreende-las, tentando dominá-las. Tarefa ingrata de reproduzi-las, quase um desesperado grito por ajuda. Que alguém os interprete em meu lugar, ou se perca neles comigo.

## *Umbral Iluminado*

Suponhamos que eu estivesse mesmo preso, enjaulado. Que rendi a mim mesmo feito uma partida mal jogada no xadrez. Que as casas do tabuleiro eram vastas e imprevisíveis, seus limites invisíveis, o mundo todo. Que eu estava lá, de pé na soleira de uma porta, entre dois cômodos indefinidos. Depois da casa branca viria a preta, depois da preta a branca?

Gostaria de encontrar uma brecha, uma fissura mínima pela qual poderia escapar, tivesse meu corpo a propriedade fluída da água isso seria possível. Deitado na cama branca me sentia achatado contra o teto quadrado. Talvez as sombras fossem minha rachadura, talvez por elas eu pudesse escapar. Ficamos perdidos quando algo nos escapa e algo sempre nos escapa. Talvez eu também conseguisse...

O vento soprou, a cortina se moveu. Pude ver algo, uma mancha em movimento. Era minha abertura, podia sentir e não desviaria o olhar. Se os olhos são a janela da alma, nós os fechamos para que ela não escorregue para fora do nosso corpo.

Sentia-me leve, quem dera pudesse flutuar feito o éter. Parado no ar conseguiria alcançar aquela porta, poderia inclusive abri-la. Sim, eu a abriria. Quê encontraria do outro lado?

### I

A extensão da passagem era um corredor branco interminável. Estava já cansado de descer por ali quando finalmente cheguei a uma bifurcação. Pude avistá-la de longe pois bem ali na encruzilhada estava sentado um garoto de aparência

muito surrada. Cumprimentei-o ao me aproximar e ele acenou a cabeça levemente. Disse-lhe que não precisava se levantar para me dar a mão.

- Eu não ia me levantar- respondeu com a voz rachada - essa perna não funciona mais.

De fato havia algo de muito estranho com seu pé direito e suas mãos caídas uma sobre a outra pareciam lanhadas. No entanto ele dava ares de muita calma e continuava me observando com os olhos esbugalhados. Tratei então de pedir informações sobre como poderia sair do maldito corredor branco.

- Você sabe - disse o garoto da esquina - é proibido descer este corredor.

Aquilo me pegou de surpresa, voltar pelo caminho que viera era meu último desejo.

-Mas eu não contarei a ninguém que você passou por aqui- continuou o garoto com a voz falha -isso se você não comentar que eu o deixei passar.

Pareceu-me um bom arranjo e concordei na hora. Perguntei ainda onde cada um dos caminhos levava.

-Nunca soube de fato, já estou sentado nesta esquina branca há um bom tempo... Aonde você gostaria de ir?

Não consegui encontrar uma resposta, apenas respondi que queria abandonar aquele corredor interminável.

-Então você definitivamente não quer tomar o caminho da direita...

Despedi-me do garoto sentado e segui pela esquerda. O corredor foi se inclinando para baixo e era fácil de andar por ali.



Segui por algumas horas e já podia sentir uma brisa refrescante renovando minhas forças. Alcancei uma saída e ali encontrei a noite escura sobre o campo vasto. Atrás de mim o prédio baixo e branco se estendia por todo o horizonte, como

um muro serpenteando sobre a terra. Segui e não tornei a olhar para trás.

## II

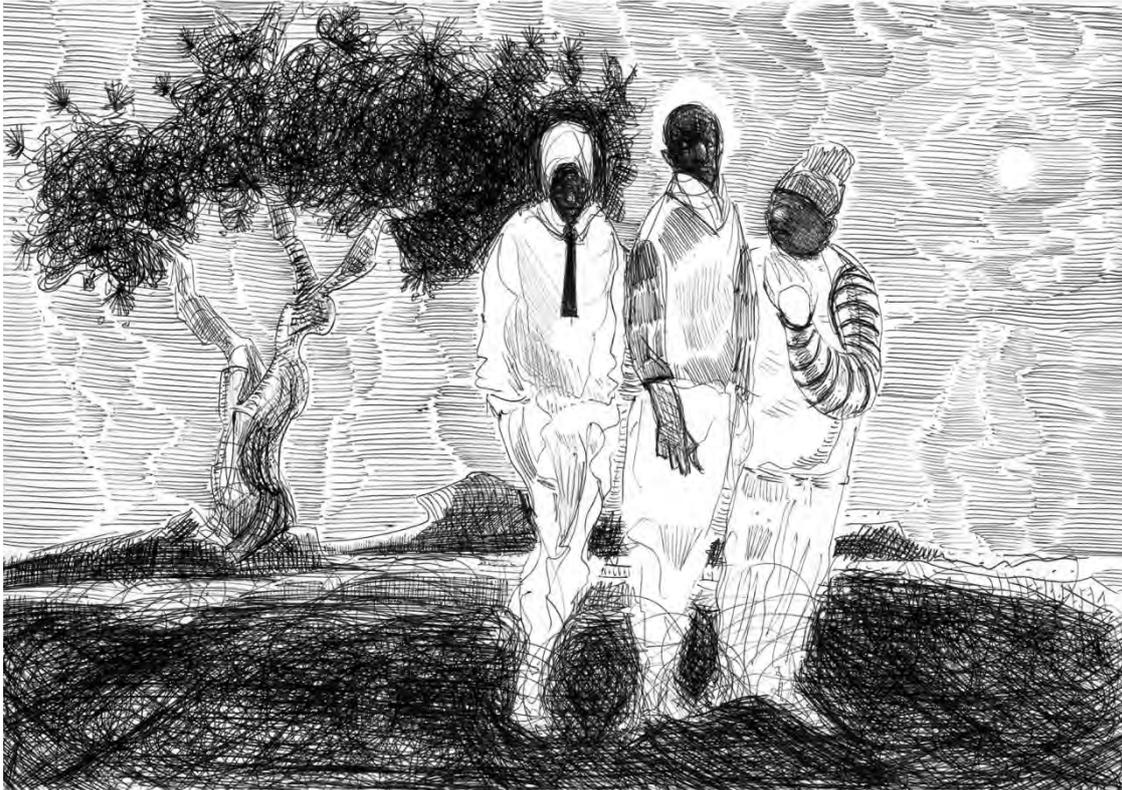
Aliviado por ter abandonado o labirinto sufocante caminhei sem me preocupar muito com qual direção tomava. O campo era extenso e, com a claridade da lua cheia, era possível enxergar por muitas milhas. Ao norte avistei uma árvore solitária que projetava uma sombra colossal sobre uma colina baixa. Mais interessante que isso era os pequenos pontos cintilantes que pareciam flutuar logo abaixo da copa escura.

Mudei minha direção e marchei rumo à árvore onde encontrei uma trupe de artistas descansando. Pensei em dar meia volta para fugir deles, mas era tarde demais, eles haviam me visto. Os três se levantaram e me senti obrigado a cumprimentá-los. Pessoalmente nunca gostei da companhia dos artistas, mas também nunca gostei muito de qualquer companhia. É desconcertante a facilidade com que os artistas nos contagiam.

- Quem vem lá? – perguntou o ator muito curioso.

-Acredito que seja apenas mais um turista perdido nesta terra - comentou o poeta com ar sonhador – mas não somos todos nós?

Eu me aproximei um pouco mais do trio e os saudei com exagerada reverência. Acrescentei apenas que buscava passagem por aquelas paragens, ao que o poeta acrescentou “e não buscamos todos?”.



Atrás dos outros dois, o músico se mantinha em silêncio arrancando algumas notas melancólicas do alaúde. Não parecia ter dado grande importância para a minha chegada até o momento.

-Diga-me, amigo – ele falou e a melodia cessou subitamente – Você veio do túnel branco?

Confirmei com a cabeça e pude perceber os olhares pesados deles se detendo em mim.

-Nunca gostei daquele lugar – continuou o músico e notas graves acompanharam sua fala – muito quieto...

A trupe me deu as costas repentinamente e fiquei em dúvida se devia segui-los.

-O silêncio... isso me lembra da minha primeira experiência compondo em grupo – disse o músico dedilhando enquanto andava a frente da trupe– Até aquele momento eu apenas trabalhara como instrumentista. Honestamente não me

anima muito a ideia de criar sem o domínio presenteado pela solidão.

-Nosso eterno solista... – disse o poeta e o ator riu com escárnio.

- Era ainda jovem quando fui convidado para integrar a orquestra, convite que não aceitei sem alguma relutância. Até hoje nunca me vi cercado por tamanho batalhão de pobres diabos tal como aquele, tristes na sua rotina em tique de relógio sincopado. O pagamento era razoável, mas o preço demasiadamente alto. Vivíamos em ritmo de funeral e não produzíamos mais do que miseráveis marchas fúnebres. Finalmente me revoltei com o velório interminável da orquestra e pedi as contas. No mesmo dia compus uma peça para dois instrumentos, minha obra prima sem dúvida, tendo em consideração o conjunto pouco brilhante.

- E não são todos....

- Nesse momento se apresentou um problema. Eu estava decido a não abandonar o projeto solo. Meu corpo, porém me limitava unicamente ao violino ou ao cello, assim tentei desenvolver uma técnica de instrumentação para os pés. O arco se mostrou impossível de manusear o que matou esta proposta. Tentei então criar aparatos mecânicos para me auxiliar nesta empreitada, mas o som metálico oriundo das engenhocas era insuportável.

Não entendi bem onde o músico pretendia chegar com aquela narrativa, e aparentemente eu não era o único.

- Tenho certeza que uma carreira entre as letras seria possível para você – disse o poeta.

- Sua dicção também não é das piores – acrescentou o ator.

Ignorando as provocações dos seus companheiros o músico continuou seu relato.

- Foi neste momento que fui apresentado à minha sombra. Conheci por acaso o Sr. Ouroro e assim foi arranjado o encontro. Fiquei maravilhado ao descobrir que não precisava ensinar a parte para a sombra, que ela já a dominava tão bem quanto eu. Antes que pudesse perceber estávamos nos apresentando. As coisas iam bem, porém sem que eu soubesse a sombra crescia em descontentamento com a meu desempenho. “*Muito inconstante*” me disse ela certo dia, “*muito duro, mais leveza por favor!*”. Eu fiquei desolado e me empenhei em melhorar meu ato. Quando enfim encontrei avanços significativos procurei a sombra e descobri que ela havia me abandonado. Veja, em seu descontentamento ela procurou Ouroro e arranjou uma sombra dela mesma para me substituir. Agora essa dupla vaga em uma longa turnê, executando uma peça que nem posso mais chamar de minha, pois elas a tornaram consideravelmente mais impactante, diria até estarrecedora. Pelo que ouvi sempre que uma sombra se cansa da outra ela busca o Sr. Ouroro e assim uma delas é substituída. É um ciclo perfeito, com um fim no início, ainda que seja circuito demasiado cruel.

- Temo que todos os ciclos sejam cruéis assim – disse o poeta.

- Eu temo que você não tenha salvação – disse o ator- e não, eu discordo de *você*. Acredito que alguns encontrem salvação.



O poeta se manteve em silêncio observando o ator. Paramos ao lado de uma enorme rocha que proporcionava um pequeno teto. O músico se agachou e sentou-se na pequena caverna.

- Então espero que você seja um destes – disse o músico voltando a dedilhar algo – quanto a mim aceito o casamento com este instrumento. Meu companheiro eleito, não importa quanto me debruce sobre ele, nunca encontrarei um fim nele.

Despedimos-nos do músico que nos presenteou com uma bela melodia à distância. Fomos caminhando conforme uma chuva fina começava a cair sobre o campo.

### III

- É uma coisa triste – o poeta finalmente quebrou o silêncio – ser substituído assim pela sombra de outra coisa.

Balancei a cabeça tendendo a concordar quando o ator ao meu lado apertou o passo de forma inesperada.

-Da forma como eu vejo, foi culpa dele se tornar obsoleto, ele que permitiu que isso acontecesse. Veja bem, o meu trabalho sempre consistiu em me tornar uma sombra, calçar os sapatos de outro. Meus melhores momentos foram como imperador, amante, o herói da guerra, como o pai cruel ou o filho sonhador. Tudo o que aprendi na vida foi pelas sombras projetadas nas paredes e todo meu empenho em vida foi para igualmente me tornar uma destas projeções. Existe pelo menos uma centena de imagens minhas espalhadas por aí, vivendo muito mais intensamente do que eu jamais consegui. Você pode afirmar que elas não são reais, que lhes falta um corpo físico mas da forma como vejo eu sou muito mais uma cópia delas do que o contrário. Todos nós dedicamos a vida colando cada pedaço de azulejo naquela imagem que gostaríamos de ser. Esta figura ideal não dará mostras do tempo, nenhuma ruga nova a cortará e se manterá como a máscara perfeita que nenhum outro pode vestir completamente. Quanto a esta face... minha face sorteada no nascimento.... já dá sinais de cansaço.

- Eu fico confuso, amigo – confessou o poeta ecoando as minhas dúvidas - qual dessas imagens você escolheu?

O ator riu e seu rosto enigmático se contorceu quase mudando de fisionomia.

-A coisa sobre as máscaras é que elas insistem em ocultar os rostos. Empilhadas escondem umas as outras. Essa é a natureza do palco, a multidão do ser. Eu cometi o crime vaidoso de tentar personificar esse coletivo infinito. Vivo assombrado por esses seres, sou o assassino e a vítima, o rei e o plebeu, o machado e o pescoço, o amante e o suicida. Em poucos momentos de lucidez consigo observar a mim mesmo nesse eterno embate de personagens. É um espetáculo grotesco, ainda que um espectador distante possa se sentir arrebatado por seu escopo grandioso. Os papéis se confundem, os textos se entrecortam, se expandem...

A voz do ator havia mudado completamente e ele se portava diferente a cada passo que dava. Parou quando alcançamos o topo de uma colina enlameada e apontou para oeste. Lá estava um pequeno palco de pedras cinzentas decadentes em forma de arena. A volta dele circulavam figuras estranhas que pareciam perdidas dando voltas naquela ruína solitária.

-Veja aquela aglomeração de ignorantes! Eu posso presenteá-los com a sombra de qualquer coisa que desejem! É o mais perto que chegarão de possuí-la de qualquer forma. Eu posso presenteá-los com o sonho lúcido!

O poeta ainda gritou adeus para o ator que já havia desatado colina abaixo, troteando com velocidade como se fosse o imperador montado em seu corcel. Ele sumiu no meio da multidão de espectadores e começou a organizá-los em fileiras de ordem questionável.



- Pobre amigo – disse o poeta com olhar triste – perdeu a si mesmo dentro daquele eu que construiu. Verdade é que no fim somos todos coadjuvantes nas vidas alheias. Temo que não exista protagonista algum, isto implicaria na necessidade de algum sentido e há pouco mais que nenhum. No entanto eu consigo entendê-lo, mesmo enquanto escritor já sofri do mal que o aflige. Todo movimento repetido tende a se tornar uma performance. Eis justamente aí um dos perigos fundamentais inerentes à rotina. Bastam alguns anos mergulhados nela e acabamos por nos perceber ritualistas, tal qual sacerdotes em nossos gestos monásticos. Ainda assim, aquilo que eu produzo, no entanto está o mais distante possível do caráter divino...

Lá em baixo o ator finalmente se pôs frente a sua plateia tumultuosa e passou a declamar aos brados. Um arrepio passou pelo meu corpo e desviei o olhar para o céu nublado.

- Se você não se importa – o poeta se virou para mim – eu nunca tive estomago para esse tipo de espetáculo.

Assenti com a cabeça e rumamos para leste.

#### IV

Por sorte a chuva havia cessado e dado lugar para um desconcertante céu nublado. Caminhamos em silêncio por algum tempo, observando a paisagem peculiar. Cruzamos uma alta formação rochosa muito branca e pontiaguda encravada na terra avermelhada. Em alguns pontos elas subiam altas como torres somente para descer mais adiante em forma de arcos arredondados. Paramos debaixo de um destas formações para retomar o fôlego e então seguimos viagem.

Curioso como mesmo na escuridão da noite as sombras projetadas ali ainda encontravam um tom ainda mais negro para fazer visível sua forma. Observando esse fenômeno notável, perguntei se o poeta não tinha também, feito seus colegas, uma história sobre as sombras para relatar.

- Não mais do que qualquer outro – disse ele – veja, é nas sombras que vivemos e não há como fugir disso. Escondemos-nos na luz, é verdade mas ainda assim, a sombra não demora a nos encontrar. Você também meu amigo, deve ter algo a expor. Disso não tenho dúvida alguma.

Em algum canto escuro da minha mente senti a imagem das barras de uma cela. Um sopro frio na nuca me arrepiou e a grama molhada roçou entre o espaço das minhas vestes. Pego desprevenido levei um pequeno susto pelo tom vidente do meu interlocutor. Tinha me esquecido momentaneamente da natureza daquela arte à qual ele dedicara a vida, justamente a mais próxima da premonição.

Caímos em silêncio e percebi que o escritor matutava algo nervosamente. Quanto a mim seguia aliviado por ele não ter insistido em trazer o foco da conversa para minhas experiências. Esta é, devo reconhecer, a melhor qualidade dos artistas para aqueles que partilham da minha índole: ao lado deles, tornamo-nos quase invisíveis.

- Eu escrevi, certa vez – continuou o poeta repentinamente - versos pueris sobre a minha musa. Eu a elegi de forma completamente aleatória, mas também a maioria dos votos é depositada levianamente. Naturalmente ela refugou essa posição, mas por sorte ainda não precisamos de autorização para sentir o que quer que seja. Se eu me sentia inspirado em sua presença, isso configurava um problema unicamente meu...



Não pude prever onde o poeta queria chegar com esse comentário então apenas acompanhei-o em silêncio ouvindo. -Ela era uma criatura curiosa, minha musa. Nasceu no dia do eclipse solar à meia noite do solstício de inverno, nessa época o sol ainda nos agraciava com seu brilho. Os sábios presentes imediatamente a profetizaram como uma herdeira da noite. Sua família caiu em desgraça e ela sofreu contínuos maus tratos até que finalmente se sentiu preparada para partir. Deixou assim sua terra natal para trás junto com tudo aquilo que lhe era familiar. Cruzou de uma costa até a outra, causando sempre as mais diversas reações por onde passava. Alguns tentavam beatificá-la outros insistiam em espantá-la aos brados enfurecidos. Foi num destes lugarejos que a vi pela primeira vez e pude enfim abandonar minha inércia criativa. Ela entendia bem a influência que sua presença tinha sobre as pessoas e nunca tomava qualquer providência a respeito deste efeito. Naquele momento a única coisa que lhe importava era confirmar sua herança maldita, sua posição na narrativa do



mundo. Foi por isso que ela viajou continuamente a procura das sombras mais elementares até que Ouroro lhe contou de um fosso onde a luz jamais brilhou. Onde seria possível testemunhar um pouco da primeira sombra...

Sua voz falhou e o poeta quase soluçou nesse ponto, como alguém que confessa memórias dolorosas.

-Difícil para mim continuar minha narrativa além deste ponto... Veja, ela pulou lá e de lá nunca mais saiu. Muitos cantam a história da princesa suicida mas eu considero tais versos vulgares... Dói-me profundamente não conseguir compor uma linha que seja para reparar isso. A verdade é que ela saltou lá por vontade própria e, desde então, o sol brilhou menos até o ponto que se apagou completamente. Resta muito pouco para acrescentar. Algumas das histórias mais importantes da humanidade cabem numa linha e é tolice tentar mudar isso.

O poeta ficou em silêncio enquanto meu desconforto só crescia. Não entendia por que a ideia da jovem se atirando no fosso me incomodava tanto. Conseguia ver nitidamente a imagem da garota pulando num abismo infinito. Além disso, a repetição daquele nome me incomodou e o interroguei a respeito.

-Você não conheceu o Sr. Ouroro? Fala sério? Como chegou tão longe? Talvez você não seja mesmo o sujeito ordinário que acredita ser. Infelizmente não posso lhe apresentar Ouroro, ele mesmo deve fazê-lo.

Fiquei parado no lugar, estagnado sem perceber que o poeta já escalava uma colina logo à frente e corri até ele. Sua história me deixou confuso e logo tratei de interpelá-lo, bastante incomodado. Como podia que logo o contador de histórias falhasse em comunicar algo inteligível?



- Veja meu amigo, a vida é uma escrita, disto não tenho dúvidas – respondeu o poeta em tom profético me enfurecendo ainda mais - O melhor conselho que recebi neste quesito foi para tomar cuidado com os palíndromos! Seria revoltante alguém ler a sua pessoa de trás para frente e acabar com o mesmo resultado, não acha? Quero dizer, depois de tamanho esforço para construir essa narrativa... Mas já estou divagando... O que aconteceu você me pergunta? Ora, como eu poderia saber! Ainda não escrevi um final para minha musa.

Neste ponto me revoltei e gritei interrogando como ele poderia escrever o fim da sua fonte de inspiração, como se sua poesia não viria justamente depois dela.

-Você não esta prestando atenção, amigo. Começo a ficar desapontado, você ainda tenta ver o branco no preto, quando nesta terra o que impera é o cinza. Mesmo minha musa, criatura mágica, só o era por ser também uma bruxa.

Uma princesa bruxa? Sua historia ficava cada vez mais desprovida de sentido. As belas imagens que surgiram em minha mente durante seu relato desabaram deixando estilhaços incômodos. Seria eu ingênuo assim?

-Isso mesmo uma bruxa, é tão difícil acreditar? Acorde meu velho, onde pensa que está? Não creio que possa ter ficado chocado com o pouco que viu desde que saiu dos corredores brancos. Aqui horrores se escondem a cada esquina, preste mais atenção sim? Aqueles arcos que a pouco tanto lhe admiraram eram as costelas expostas de uma ossada antiga do titã.

Virei meu pescoço com violência e ouvi um estalo proveniente da minha nuca ao fazê-lo. Não podia acreditar no que ouvira ainda que isto explicasse perfeitamente o espanto

produzido por aquela brancura cadavérica. Que era esse titã ao que o poeta se referia?

-Isso mesmo... E se eu lhe dissesse que este continente inteiro é um ser descomunal? Que você é parte dele, ou melhor, todos aqui o são. Estivemos andando o dia inteiro por seu corpo decadente. Dele nascemos, sua morte é a nossa vida. Você não precisa acreditar em mim, verá por si caso assim o queira.

Nesse ponto minha cabeça girou e temi perder o equilíbrio coisa que foi ecoada por uma nuvem solitária acima da minha cabeça que se deformava lentamente num estranho redemoinho no céu.

-Acalme-se, sim? – O poeta tentou me reconfortar - Você tem muito que aprender, todos têm, naturalmente. Digo isso unicamente por que é preciso querer saber para aprender o que quer que seja e desde já consigo ver nos seus olhos que você deseja isso. Você é curioso, é o que o move. São os curiosos que fazem a humanidade andar, a passos lentos, é verdade, mas também, quem pode censurá-los? Veja bem, não preciso fazer muito mais do que reorganizar as palavras que já circulavam desde o surgimento da escrita, tal qual o mundo reorganiza os átomos existentes desde a origem do universo. Esta é minha vocação e também minha maldição, porém constitui um caminho óbvio a ser trilhado.

O vento soprou com força e temi o quanto seu som parecia o de uma respiração. Sem ar baixei a cabeça tentando me acalmar. O poeta se aproximou pôs a mão no meu ombro, parecia apreensivo com meu estado e tratou de me reconfortar.

-Por que escrevo você me pergunta? Gostaria de fazer outra coisa, gostaria de tocar um instrumento e atuar como os

amigos que nos abandonaram há pouco. Por eles e suas práticas sinto apenas admiração, somada a uma pequena dose de inveja, verdade seja dita. Sim, veja bem, eu passo trancafiado em um estúdio todos os dias, desenhando pequenas letras enfileiradas em ordem. Elas compõem um código de grande beleza sem dúvida, mas quem se dá ao trabalho de lê-las? O músico lia suas partituras e imediatamente o ambiente todo se enchia de sublimes melodias, até aqueles de costas eram inundados por essa força pulsante. Gostaria de ser músico, gostaria de atuar e ser outro. Gostaria também de viver. É por tudo que não podemos que escrevemos. Não há santuário na escrita, toda confissão é dolorosa e toda literatura é confissão. Assim escrevemos, pois essa é a única coisa que podemos alcançar com nossas mãos miúdas. Entregamo-nos ao julgamento, mas não há na tribuna nenhum amigo, doutor ou amor. Seremos julgados para sempre pois a confissão em tinta é eterna e eterno o nosso suplício!

Lá no alto um terrível caleidoscópio no céu se formou. Uma tormenta formidável de vermelho e negro, de relâmpagos monstruosos e ventos furiosos.

-Parece que o Sr. Titã sonha novamente –fez-se ouvir o poeta aos brados- e que sonhos esses! Teremos uma temporada de tempestades enquanto o velho se debate nos seus pesadelos! Veja! Lá esta o meu!

Meu amigo escritor correu com velocidade até uma minúscula fonte de pedras toscas e ali subiu, prendendo as mãos na barra de madeira apodrecida. Tive uma premonição do que era aquele local e logo a comprovei.

- Contemplai, meu caro amigo, o fosso da minha musa! Aqui ela se jogou um século atrás e daqui jamais saiu! Um

juiz decidiu selar a entrada da fonte por pura precaução e o fazendo matou a geração futura de poetas que não escreveram influenciados pela minha epopeia que jamais existirá. Está é também minha vingança contra o mundo que me gerou sem meu consentimento.

A visão do miserável fosso tornou o enigma da princesa ainda mais deprimente para mim. Não sabia o que fazer e me mantive de cabeça baixa enquanto o poeta apontava seu lápis. Pra onde eu iria agora? Verdade era que já estava perdido ao entrar naqueles corredores sem saída, labirintos sem solução, feito cofres sem segredo. Eu me traí ao abrir aquela porta no teto.

-Temo que seja aqui que nos separaremos amigo. A não ser que deseje passar a eternidade aguardando o retorno da musa junto de mim. Não, você não quer isto, posso ver. Posso ajudá-lo ainda, acredite em mim. Desejo, é o que nos move em grande parte. Diga-me amigo, o que você deseja?

Eu não entendia o que ele queria dizer com aquilo. Não podia entender e, principalmente, não queria entender... ou queria? Lembrei do elogio que o poeta me fez “*é curioso*”. Sim, talvez eu o fosse mesmo. Talvez eu pudesse mover o mundo um pouco que fosse.

-Curiosidade, é claro. Pois bem, isto é algo com o qual posso trabalhar. Conhecer este mundo, conhecer a natureza do titã, sua história e seu futuro. Não é algo fácil mas não de todo impossível. Para seguir em frente você precisará de um ingresso. E antes disso de lições proibidas. E antes disso ainda precisará de orientação e, esta sei que encontrará naquela direção.

Sentado na mureta o poeta me apontou o rumo a seguir. A cima de nós o caleidoscópio turbilhante ia se movendo

lentamente no sentido contrário ao meu. Cumprimentei o poeta agradecendo honestamente por suas lições incoerentes do fundo do coração. Percebi que este tanto ele conseguiu ler e mim.

## V

O vento forte batia com violência, porém a favor da minha jornada e assim pude marchar empurrado para meu destino. Caminhei lentamente no escuro enchendo os pulmões de ar fresco. Pela primeira vez na vida não sentia pressa e deixei meu corpo assumir o ritmo que julgasse melhor. Difícil era controlar a ansiedade provocada pelo batido galopante do coração no meu peito. As palavras do poeta ainda me atordoavam e eu esperava a cada curva ser surpreendido por com um absurdo colossal inédito. Havia, apesar de tudo, recuperado o silêncio e a solidão e, com eles, um pouco de paz. Retornava assim ao meu estado não necessariamente natural mas definitivamente aquele no qual eu crescera ou fora moldado.

Senti falta da trupe a principio, havia me apegado a eles no final das contas. Ficar a sós assim novamente, como que abandonado, deixou um gosto estranho na boca. Afinal eu fora presenteado pelos assombramentos daqueles artistas, o vasto conjunto de ânsias e desconfortos que constituem suas vidas. Sentia também que os carregaria comigo por um longo tempo. Uma pequena maldição para sofrer pelo resto da vida, mas uma maldição para o bem. Entendi também que as despedidas não existem verdadeiramente. Carregamo-las para o resto da vida não importa o quão alto se diga “adeus”.



Levei anos para perceber isso, mas acredito que sempre preferi a companhia dos covardes. Sim, pois eles entendem desde cedo que a coragem é equivocada, que é muito fácil, quase simplista, não temer a noite ou o desconhecido. O corajoso no fundo teme a vida, por isso se joga com violência suicida de frente à qualquer obstáculo. Ele deseja a morte heroica, aquela que o salvará da necessidade de elucidar este grande enigma que é a vida. O covarde por sua vez sacrifica sua vida em prol da morte. Um amigo costumava dizer que a vida não é o oposto da morte, que este oposto é uma vida passada em branco, a dádiva desperdiçada. O compositor virtuoso que fecha o piano ou a cantora genial que se mantém calada. A agressão silenciosa contra a ordem do mundo é sempre fascinante, a resposta perfeita para o absurdo, nossa única chance de vingança.

Aquela trupe também, de covardes dos melhores espécimes que já pude encontrar, renovou um pouco minha fé na curiosidade. Já não me sentia oprimido como nos corredores brancos ou mesmo antes deles. Estava genuinamente interessado neste campo vasto a minha volta e me permiti explorá-lo com gosto.

## VI

Perdido em meus devaneios nem percebi quando cruzei um pequeno arco metálico. A visão de uma lápide finamente esculpida me despertou e, olhando a volta, me encontrei em um cemitério. Estava cercado por anjos e demônios estáticos, dragões e leões de pedra guardando pessoas de outra era. Ia dar meia volta quando um fantasma chamou minha atenção.

-Venha irmão! Junte-se a nós! Os licores do outro mundo produzem uma embriaguês inigualável. Ah, o glorioso torpor etéreo dos espectros!

- Não engane o jovem- disse outro que surgiu ao meu lado - é aconselhável morrer primeiro antes de aproveitar a morte!

-Bobagem! Faz tempo que o velho inferno de fogo já não consegue competir com nosso mundo novo!

Em pouco tempo a trilha estreita do cemitério foi tomada por fantasmas boêmios e fiquei cercado. Seu tom festeiro foi a única coisa que me impediu de desmaiar ali mesmo e achei prudente não mostrar minha estupefação.

- Diga me, irmão! – o primeiro se aproximou mais do que eu gostaria – veio comprar um imóvel nestas partes? Posso lhe arrendar um belo mausoléu, que tal?

- Este faz mais o tipo do viúvo desesperado – disse outro.

-Órfão, talvez?

-Ele veio desenterrar ossos!

Com a gritaria crescente fui ficando apreensivo e temi que não sairia dali jamais. Um dos fantasmas deve ter percebido minha preocupação pois logo me reconfortou.

- Acalme-se, sim? O cemitério tem esse efeito nas pessoas, mas não se deixe enganar com tal injustiça. Este é um cemitério, sim, mas não um local fúnebre ou triste. Não, muito pelo contrário. Um local de celebração! Sim, um palco vazio e silencioso, repleto de maravilhosas esculturas caladas. Celebração sim, pois este é um templo dedicado ao fim daquilo que nem sempre foi a mais agradável das experiências!



Todos brindaram aos brados animados e se cumprimentaram. Um deles tentou por as mãos no meu ombro inutilmente. Ser atravessado por um espectro foi como ser queimado por um fogo gelado.

- Diga me, jovem, por que veio a esta festa senão para celebrar? - Um fantasma gordo me perguntou.

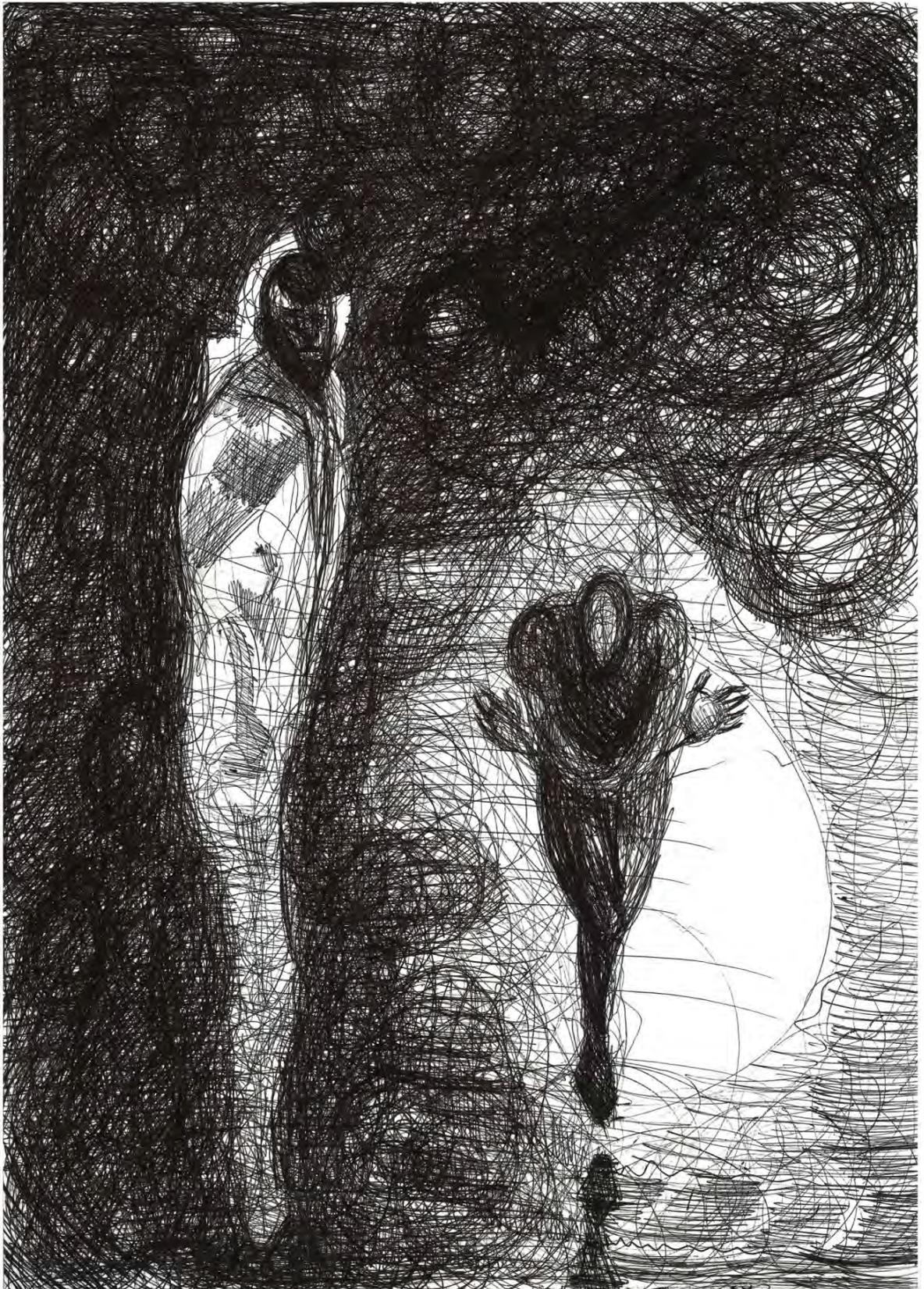
Expliquei que não sabia ao certo. Que estava a procura da tal orientação da qual o poeta me falou e que cheguei ali unicamente por seguir a direção que ele me indicara.

- Muito bem! Se saímos a procura de algo, acabamos por encontrar o que quer que seja! Vou acompanhá-lo, meu irmão. Vamos, avante!

O fantasma foi me guiando pelo cemitério enquanto os demais fanfarrões etéreos já começavam a se digladiar pateticamente. Conforme seguimos a trilha minúscula o barulho das festividades fúnebres foi desaparecendo. Eu estava impressionado com a beleza entristecida daquele local, parecia que o espaço ali era uma manifestação física do silêncio.

-Lindo não é mesmo? – disse o fantasma flutuando ao meu lado – Uma pequena miniatura do mundo... Há quem diga que tiramos a ideia da cidade dos primeiros cemitérios. Queríamos também erguer belas tumbas para nós enquanto vivos. A civilização é também a historia da inveja dos vivos pelos mortos. Afinal seu suplício está finalmente encerrado e esta é a linha que deles nos separa.

Alcançamos o fim do cemitério coroado por um arco metálico idêntico ao da entrada. O fantasma apontou para uma inesperada plantação de milho que se estendia a partir dali até onde a vista alcançava.



- Difícil se livrar da vida – riu-se o fantasma – ela floresce quando menos esperamos. É algo que gostaria de ter aprendido em minha vida antes do seu término. Agora vá meu irmão, esta festa ainda não é em sua homenagem e é melhor que dela não desfrute. Siga por ali e encontrará sua orientação.

O fantasma me deu a mão e fui surpreendido pela solidez dela. Ele foi se afastando flutuando enquanto gritava *adeus e boa sorte!*

Foi engraçado receber o desejo de boa fortuna de um morto. Baixei a cabeça e olhei minha mão ainda fria pelo cumprimento do fantasma. Eu também podia ser um espectro, por que não? Talvez os fantasmas é que fossem assombrados pela minha presença.

## VII

Adentrei no milharal denso e por ali segui com certa dificuldade. Era como se a vegetação tentasse me impedir de continuar e produzia um som seco desagradável ao ser invadida. Finalmente alcancei um pequeno corredor entre as plantas e ali pude andar com maior tranquilidade. O caminho se estendeu e encontrou outros desses corredores até terminar numa pequena clareira onde estavam pregados os espantalhos. Havia três deles, três irmãos como me disseram mais tarde.

O mais velho tinha a aparência muito surrada, suas roupas eram de moda antiga e ele poderia passar facilmente pelo pai dos demais. O do meio era mediando e percebi que sua expressão neutra sempre idêntica se devia ao fato de suas feições serem meros desenhos em tinta. O caçula era uma

pequena aberração, tinha o rosto cruel e era simplesmente ofensivo ver uma criança pregada numa cruz.

-É o fim... – disse o caçula.

-Tornamo-nos obsoletos – disse o velho- finalmente...

Percebi que ambos olhavam em minha direção e notei que minha chegada os incomodara. Apresentei-me e pedi desculpas por adentrar assim na clareira deles, sem convite algum.

- Nós é que pedimos perdão – respondeu a criança – e o pedimos para todo o mundo. Falhamos, não vimos você entrando em nosso domínio e assim deixamos de cumprir nosso papel...

-Videntes cegos... – o velho falou tristemente se contorcendo enquanto buscava uma posição menos desconfortável - O mundo perdeu mesmo o pouco de sentido que possuía. Já sabia disso, naturalmente, mas é só quando sentimos na pele o que se passa que acreditamos finalmente na situação das coisas. Sempre tarde demais, assim são percebidas as coisas...

Senti-me culpado pela tristeza que se abatia sobre os espantalhos e tratei de tentar anima-los. Fiz perguntas a respeito da sua morada, aquelas paragens, sobre seu talento na clarividência, se o haviam possuído-o desde o nascimento.

-Primeiramente devo atentá-lo para o fato de que nascemos sim, mas não de um pai ou uma mãe porém de um Sr. confeccionador que infelizmente nunca conhecemos – O velho estufou o peito contente com sua nova posição na cruz - Afinal, daqui só podemos ver o futuro, olhar para trás nos foi proibido ainda muito cedo. Somos assim obra de algum pobre diabo que um dia resolveu criar uma prole para si. Os motivos para tanto jamais conheceremos e talvez assim seja melhor...

Baixei a cabeça um pouco incomodado pelo tom daquela réplica humana. Pensei em perguntar se o mesmo não acontecia com as pessoas, mas o caçula logo tomou a palavra.

-Em segundo lugar, devo trazer uma ressalva sobre nossa natureza. Um espantalho pode parecer simples para um homem, apenas palha estufando roupas costuradas. Para nós o corpo humano também parece muito simples, sangue e ossos embrulhados por carne. Reconheço que seja consideravelmente mais difícil remendar o tecido orgânico, mas em suma a somos a mesma coisa...

O silêncio dominou a clareira e um vento gélido se fez ouvir sobre o milharal.

-Dito isso – o caçula continuou seu monólogo – restamos a vidência. Somos espantalhos profetas sim, pois somos geralmente pendurados bem alto e vemos tudo de cima. Acostumados ao ponto de vista privilegiado desde nossa confecção, vemos todos os homens abaixo de nós e suas intenções nos são claras. Aos que buscam nossa ajuda não encontramos dificuldade alguma em oferecer conselho pois prevemos as trajetórias do mundo...

A presunção daquele pequeno diabo me intrigou e tive o desejo de provocá-lo. Interroguei-o rispidamente sobre o que aconteceria então? O que viria a partir dali?

- O mundo acabará, o mal triunfará e você morrerá. Não há um caminho mais óbvio e inevitável que este. Ainda assim eu não havia visto você se aproximando então lhe ofereço esta profecia: impedir a derrocada deste mundo é impossível, as forças em ação são tremendas, as sombras absolutas. Mas se alguém puder impedir ou escapar deste quadro, será você...

A voz do garoto de pano e palha souou como um trombeta que anuncia o início da guerra ou o trovão que convoca a

tormenta. Com o impacto dei um passo para trás e me senti pequeno frente aos horrores do mundo. Ainda assim, não foi tão ruim, saber que existia alguma chance, mesmo que ínfima.

-Sua chance de sucesso é igual à de fracasso- disse o velho como se lesse minha mente - Só existem estes dois resultados possíveis, tal quais os lados de uma moeda lançada. Um destes será o seu...

Não consegui esconder meu atordoamento. O funcionamento deste mundo era um mistério para mim assim como a forma de pensar do espantalho, mas essa também era uma lista bem longa. Falei então do amigo poeta que me recomendou buscar sua ajuda.

-Sim é verdade, ensinamos um poeta infante décadas atrás. Tinha algum talento para a vidência mas se deixava distrair facilmente. Carecia do talento da inércia, o mais fundamental para o profeta pois é preciso estar parado para observar e refletir... Você também, é curioso feito poeta.

- Agora me é claro- disse o caçula confiante – você, tal qual seu amigo versado, busca *Sara* e a passagem que ela conhece...

Percebi que o velho espantalho suspirou pesadamente e olhou para o outro lado. Como nunca havia ouvido tal nome ali os interroguei a respeito. Os espantalhos riram até onde suas bocas costuradas permitiram achando aquela pergunta muito óbvia. Disseram-me que ela foi a musa do poeta, que seu nome é também uma antiga palavra para princesa e que fora ela quem chegara o mais próximo de ser percebida pelo titã.



-No final, apesar do seu talento, o poeta era um cego vidente. Nunca viu Sara propriamente dito, somente o reflexo que dela desenhou. Ela mesma, a musa indiferente que

ascendeu ao ponto mais alto da nobreza, ainda que bruxas nunca tenham tido uma realeza, nem precisou enganar o poeta, pois ele já o fazia por si mesmo. Com ela encontrará o caminho para uma passagem que sozinho não encontraria em um século de andanças por esta terra colossal.

Entendi pouco daqueles enigmas, mas agradei as migalhas que os profetas me davam. Ignorava quem fosse Sara ou o que era essa passagem que ela conhecia, mas me pareceu tolice lutar contra a sugestão dos oráculos. Perguntei qual a direção a tomar e eles me indicaram balançando a cabeça.

-Siga o som ritmado e tenebroso, siga os esparsos pontos cintilantes na noite eterna – disseram em uníssono.

Lancei um último olhar sobre os espantalhos e me detive finalmente no mediano. Tive a impressão que ele se movera de leve e isto me deixou inquieto. Ao me aproximar hesitante seu rosto se ergueu subitamente enquanto seus irmãos baixaram a cabeça como se dormissem profundamente enfeitiçados.

- Obrigado, estranho -disse melancolicamente o espantalho mediano- neste século em que aqui estive pendurado tu fostes o primeiro a depositar um olhar atento sobre mim. As pessoas não se detêm naquilo que consideram mediano, ainda que em muitos casos seja ali que resida a riqueza do mundo. Por isso lhe agradeço a bondade ou no mínimo sua educação, algo tão raro nesta terra.

Acenei com a cabeça encabulado enquanto me censurava por não ter lhe dirigido a palavra antes.

-Isso pouco importa -respondeu o espantalho e nele reconheci o verdadeiro vidente- fazemos as coisas quando estamos prontos para elas. Eu dei o dom da vidência para

meus irmãos e isso só aumentou o desprezo deles por mim. Ainda hoje ignoram meu presente. É uma maldição só poder ver em uma direção, não importa o quão longe a vista alcance. Tu também, nunca esqueças de olhar para os lados opostos ao atravessar uma encruzilhada...

Assenti com a cabeça. Repentinamente me sentia mudo e não encontrei forças para emitir algum som. Pensei em abandonar a clareira e fui me curvando numa reverência desajeitada.

-Antes gostaria de lhe pedir um favor. Baixe-me ao chão, por favor. Meu tempo de alturas está encerrado. Meu corpo anseia pela horizontalidade.

Fui até a cruz e despreguei-o da madeira apodrecida. Baixei aquele boneco vivo, surpreso pelo peso humano de seu corpo. Por fim deitei-o na grama e ele me olhou agradecido.

-Obrigado irmão, devo lhe este favor e temo que nunca o pagarei pois está é a maior dádiva que poderia ser dada a mim. Por isso lhe ofereço outra profecia: por três vezes tu vencerás um desafio impossível antes de cruzar uma linha sem volta.

Agradei e abandonei o mestre vidente. Segui meu caminho atordoado pela experiência de espiar algo que não se deve ver. Levantamos o véu para expiar o que se esconde lá embaixo mas, uma vez feito isso, não se pode voltar atrás. Talvez chegue o dia em que venceremos as impossibilidades do mundo, que poderemos ir para frente e para trás no tempo como quem vai da morte para a vida. Neste dia talvez o mundo encontre o seu merecido fim profetizado desde o início.

## VIII

Caminhei pelo campo deserto onde o silêncio absoluto imperava. Na paisagem nada era digno de nota além das araucárias que ali se erguiam solitárias feito esculturas excêntricas abandonadas há séculos. Foi debaixo de uma delas que um cão preto amedrontado me indicou o caminho. Segui por onde ele veio e foi na sombra invisível de outra árvore que pude ouvir o som dos tambores. Mudei minha direção e segui um gato preto que também era atraído por este som.

De cima de um leve aclive avistei as luzes, pequenos pontos cintilantes na distância. Tochas erguidas altas, a metros de altura tal qual as flâmulas que eram portadas pelas grã-bruxas que puxavam a marcha daquela curiosa parada. Havia encontrado a procissão. Ali marchavam centenas de bruxos batendo nos tambores e performando suas artes obscuras. Corri até eles e para minha surpresa não fizeram grande caso da minha presença. Fui acolhido no seio do movimento mais profano desta terra como o filho que pródigo à casa retorna. Pude assim marchar junto deles, ainda que meus modos e minhas vestes sóbrias destoassem muito daquelas criaturas fantásticas.

Caminhei ao lado das fileiras sem grandes problemas até que um bruxo magro de vestes escarlates veio em minha direção. Ele me interrogou sobre o que eu fazia ali e eu lhe respondi unicamente que procurava por alguém chamada Sara.



- Temo que todos aqui queiram os mesmo – ele riu sonoramente – infelizmente é muito raro conseguir uma audiência com vossa senhoria. Eu mesmo, apenas por ser o único aqui a quem esta dádiva foi concedida por duas vezes, fui condecorado bispo entre os fiéis.

Bastou-me ver o velho para saber que estava na presença de um charlatão. Sempre fui capaz de julgar o tipo sábio com bastante facilidade. Pude ver no bispo um intelectual razoável que, no entanto, usava sua sabedoria em benefício próprio.

-Ainda assim, não se preocupe meu caro- o bispo continuou- é um direito de todos buscar uma audiência e assegurar isto constitui uma das minhas obrigações. Mas venha, o precipício não está tão longe. Lá bateremos três

vezes na porta do calabouço real e aquilo que tiver que ser assim o será.

Seguimos a horda em marcha e nos embrenhamos na procissão. A minha volta faíscas estouravam enquanto as bruxas socializavam, competindo para decidir qual era capaz de conjurar algo mais estarrecedor. A vencedora foi alçada a uma carruagem cheia de palha e queimada numa fogueira improvisada. Seu corpo foi consumido e impregnou o ar de um miasma esverdeado, que rugia e ria a nossa volta. Alguns bruxos aplaudiram, enquanto outros olhavam em minha direção interrogativamente, esperando meu truque horrendo. O bispo se adiantou e me puxou pela mão.

-Existe um cânone da bruxaria – o bispo me explicou- a fogueira é um dos requisitos mais contundentes para se figurar nesta lista prestigiosa. Todas as bruxas queimam, é um destino terrível, mas nossas cinzas se espalham e intoxicam o ar, semeando a bruxaria nas gerações futuras. É a forma que temos de garantir a manutenção das artes obscuras e manter nossos assombramentos por toda a eternidade.

Não pude evitar e respirei aquele ar denso de bruxaria e tossi com os pulmões ardidos. À frente da procissão encontramos um burro corado que choramingava pressentindo a lâmina que o abateria em sacrifício, como uma homenagem ao abismo.

-Não quero atravessar só - ele nos disse choramingando  
- É impossível – respondeu o bispo.

Uma bruxa avançou e com um golpe certo abateu o burro. Senti pena do animal que tinha feições estranhamente humanas e, enjoado, me afastei dali. Segui para perto do grupo de instrumentistas e pude jurar que, no meio daquela orquestra profana, reconheci o rosto do meu amigo solista.



Estava magro e curvado, parecia envelhecido passando a sensação de que havíamos nos separado há décadas. Tive a

impressão que seus olhos me encontraram também, porém ele logo os desviou se escondendo debaixo do capuz.

Quanto tempo fazia que havia lhe falado? Algumas horas ou dias, difícil saber na eterna noite desta terra. Sentia como se fossem na verdade anos, o rosto do músico parecia diferente, cansado. Fiquei como que atordoado com esse fenômeno, sem saber o que pensar. Parece que o tempo passa mesmo rápido de mais quando não se quer que ele o faça. Está é sua vingança contra a humanidade por ter sido obrigado a correr para sempre. Antes que pudesse perceber, o quinteto em específico que ele liderava se afastou subitamente tocando uma triste melodia nos alaúdes. Tentei ainda alcançá-lo mas fui impedido pelo batalhão em êxtase. Senti que ele não queria ser visto por mim e isso me magoou. Por vezes amamos tanto um amigo que queremos privá-los da profunda tristeza de constatar nossa miséria e assim somente nos afastamos.

-Aí está você! – o bispo gritou e logo fui puxado pelo braço – Não tenho tempo para isso, vamos indo logo! Parece que você não tem estômago para o nosso meio, mas deixe me dizer que grande tolice é isso. Bruxaria é apenas o nome dado para aquilo que não entendemos. Um mundo onde a estupidez impera não pode ser outra coisa senão profano! Para nós as artes ocultas não são mais do que as demais artes, delas advém e nelas se encerram. Para magia existir basta o ponto de vista.

Pensei em perguntar quando o bispo seria içado e queimado na fogueira mas achei prudente não ofender meu guia. Ele continuava falando quando me conduziu a uma tenda escura montada no campo. Entramos ali e encontramos alguns bruxos sendo marcados com um ferrete em brasa.

-Temo que você não será recebido sem a insígnia – o bispo me disse agitando o ferro no fogo – é a unidade mínima dos fiéis. Diga-me, você é canhoto não é mesmo?

Assenti com a cabeça e perguntei por que aquilo era necessário. Ele esperou os demais saírem e me confessou honestamente.

-Tradição. Eu pessoalmente considero isso uma burocracia tola, mas enfim todos somos marcados em algum momento da vida.

Ele tomou minha mão direita e ali queimou a pequena runa sobre o nó que junta o polegar à mão. Tinha a forma parecida com um asterisco esticado.

-Não é algo totalmente desprovido de beleza, é verdade. A insígnia representa a encruzilhada e suas possíveis direções acrescidas de uma extra. Aquela que representa o caminho impossível e a alternativa que nós devemos sempre perseguir. Marcamos a mão contrária para que nos espelhos sejamos refletidos corretamente. A marca também deve estar sempre visível no contrário de tudo aquilo que pomos nossas mãos e nos dedicamos. Aqueles sem uma ou as duas mãos são marcados na nuca para que assim a encruzilhada esteja sempre atrás deles.

O bispo parou e caiu em contemplação mirando a marca na sua mão esquerda. Pareceu distraído mas pude perceber um pequeno sorriso cortando seu rosto.

-Verdade é que para mim ela sempre pareceu mais um inseto imundo – disse e deu um tapa com violência sobre a insígnia. Em seguida levantou a mão lentamente como que espiando para ver se o verme estava bem morto – Uma amante minha era mais romântica. Via na marca um fogo de artifício iluminando a noite escura em sua ascensão. Tanto

faz, vemos somente aquilo que queremos. Você esta livre, de minha parte ao menos, para fazer a interpretação que julgar mais acertada.

Saímos da tenda e voltamos para a procissão. Passamos por um grande morcego branco empenhado em batizar uma bruxa jovem. Mais a frente o campo ia se esvaziando conforme os bruxos se dispersavam em grupos para ascender assustadoras fogueiras gigantes.

-Este é o festival do colosso – o bispo explicou conforme avançávamos sozinhos – vários bruxos são queimados em uma pira em homenagem ao titã. A base dessas fogueiras tem o formato da insígnia. Entram no fogo bruxos em grupos de cinco em cinco.



O tom do bispo era de quase tédio ao narrar esse absurdo. Observando aquela cena percebi que os fiéis mais fanáticos faziam o oposto proposto pelo preceito da insígnia. Entravam de cabeça baixa no fogo de sua tradição.

Avançamos até um paredão de rocha. Abaixo dos pés já se sentia a vibração causada pelo choque das ondas contra as pedras. Era o abismo que nos saudava.

-Aqui está o lugar mais sagrado do nosso culto ao titã ou simplesmente *saracolossimo*, como alguns o batizaram. O fosso onde a princesa mergulhou foi selado e assim sua sombra habita outra saída daquele abismo. Ali que deve entrar se ainda deseja buscar uma audiência com vossa senhoria.

O bispo me apontou um caminho de aparência desagradável. Escadas toscas partiam da superfície em espirais muito estreitas e pouco convidativas. A insígnia na mão me incomodava e o cheiro de fumaça no ar me era insuportável. Achei melhor seguir meu caminho e abandonar logo aquele local. Desci os primeiros degraus do fosso e alcancei um lugar úmido. O bispo me seguia porém demonstrava receio de seguir adiante a partir dali. Nunca é um bom sinal quando o guia hesita em avançar.

## IX

Tateando no escuro descí tropeçando os estreitos degraus do fosso. Abandonei o bispo que com desculpas esfarrapadas logo tratou de fugir daquela garganta profunda. Já duvidava a tempo de sua versão para o título que recebera no culto e assim vi confirmadas as minhas suspeitas. As paredes ásperas me arranhavam e minhas roupas se esfarrapavam ao raspar nas pedras. Sentia-me um malabarista tentando não escorregar

abismo abaixo e isso me perturbava profundamente uma vez que equilíbrio nunca fora um traço forte do meu caráter. Por sorte eu estava enganado e aquela escadaria não era desprovida de um fim e assim pude alcançar o calabouço real.

A antecâmara era comprida e esculpida toscamente na rocha. Logo ali se via um enorme portão escarlate com duas aldrabas diabólicas douradas. Do lado oposto do pórtico a garganta continuava sua descida rumo ao centro do mundo. Era possível que aquele abismo se empenhasse em engolir o globo inteiro, ou assim me pareceu na hora.

Ergui uma das pesadas argolas, bati na porta e aguardei. Em vão, pois nada aconteceu. Apreensivo, bati novamente e, não convencido que havia sido ouvido, bati uma terceira vez. A porta descomunal deslizou alguns centímetros e parou com um estalo. Estava convencido que minha cabeça passaria pela passagem e assim me enfiei ali somente para sentir meu tronco entalando. Neste momento tive medo, temi que aquela porta me cortasse em dois. Não conseguia nem ser um por inteiro, que dirá dividido em duas partes distintas.

- Quietos, sim? – disse alguém do lado de dentro – Não tema o portão. Sua função é abrir, porém somente o suficiente para que ninguém possa passar para este lado. acredite, você não iria querer cruzar para cá. Ainda não ao menos.

Olhei apavorado para a escuridão daquela câmara gelada e não encontrei ninguém. Ouvi passos, chuva e vento. Achei que enlouquecia e clamei por ajuda.

- É o desejo de todo ser humano, ser salvo de minhas garras. Ainda assim no final todos vem e me dão as mãos. Vocês não entendem. Não sou seu inimigo, unicamente seu enigma. Desvenda-me e faça teu meu reino.



Era a mesma voz, porém distorcida e pesada. Ao ouvi-la senti como se meu corpo fosse perfurado por estacas congeladas. A minha frente encontrei finalmente duas orbes luminosas flutuando no espaço vazio. Lentamente elas se aproximaram revelando um belo rosto fantasmagórico nas sombras. Era uma mulher jovem e sua expressão era majestosa e feroz ao mesmo tempo. Refletia uma sombra desconcertante e eu me surpreendi ao constatar que não aguentava mirá-la por muito tempo. Ainda assim tinha a nítida impressão de que aquela face me era familiar. Como ela se mantinha em silêncio com seu olhar inquisidor sereno sobre mim, juntei minhas forças e me apresentei. Perguntei se ela era de fato a princesa que chamavam de Sara.

- Princesa, musa, santa, bruxa, suicida – disse e sua voz voltou a tom pacífico – tantos foram os títulos que me deram.

Isso sempre foi algo que me confundiu nesta terra de alcunhas. Tenho certeza que você pode entender isso não é mesmo Sr.... *visitante*? É curioso como acabamos produto dos títulos que nos são dados...

Neste momento senti uma pontada de ironia e baixei a cabeça ainda mais. A porta me apertava e tratei de apoiar um dos joelhos o melhor que pude. Estava desconfortável mas o ar gelado do interior da masmorra me agradava.

-Dúvidas, dúvidas – Sara continuou agora bastante próxima de mim – são tantas as dúvidas. Por que sou assim? Por que fiz o que fiz? Você sabe a que me refiro, o primeiro suicídio neste continente... Primeiramente por que se torturar assim com tantas incertezas, não é mesmo? A paixão do suicida é um mistério para todos que não deram o nó numa corda ou administraram a dose letal. Sim, é demasiado fácil julgar os motivos alheios. É muito fácil julgar qualquer coisa, todos almejam a posição do juiz. Não gosto de me explicar. Não gostava de ir para casa no final do dia pois nem lá encontrava paz. Este movimento representava a derrota do meu dia e talvez apenas isso já fosse motivo o suficiente. Quem tem a medida do sofrimento alheio?

Neste ponto Sara parou seu relato e eu só podia ouvir sua respiração. Tomei coragem e levantei o rosto para ela aguentando tanto quanto podia. Ela me atendeu e continuou seu pensamento.

- Na época me sentia mal. Fora abandonada, separada de algo que me era precioso sem que eu soubesse. A ferida deixada por este espaço vago era tremenda. Este vazio dentro de mim só fazia crescer e, por muito tempo, tentei preenche-lo de forma razoável. Nunca obtive sucesso nessa empreitada e sempre namorei a ideia de como seria caso tivesse

conseguido. Quê eu seria nesse caso? Como seriam aqueles à minha volta, as vidas as quais eu tocava para bem ou mal, quê seriam eles também? Medos tolos, como quando caminhamos e tememos tropeçar num vão quando o real perigo é cabermos por inteiro e ali desaparecemos.

O que Sara dizia fazia muito sentido para mim e insisti que ela continuasse, ainda que não aguentasse mais encará-la. Ela percebeu isso mas por sorte não se ofendeu. Fiquei sinceramente surpreso com tamanha modéstia.

-Tinha medo, naturalmente. Não mais do que todos os outros mas, ainda assim, o suficiente. O problema é que tememos perder o pouco que nos resta e assim cedemos ao medo. Ao cairmos nos temores deixamos de viver e dessa forma perdemos a nossa última posse real. Não se vive em medo, se sobrevive e isso não é suficiente para os não embrutecidos... Não, isto gera uma consequência que pode ser demasiado drástica. Porém me sinto obrigada a fazer aqui uma ressalva. É um grande equívoco como todos encaram o suicídio como a derrota absoluta, quando este pode justamente ser na verdade a vitória totalizante. Os sacerdotes do colosso afirmam que os homens nascem unicamente com o objetivo de morrer, que o seu tempo na terra serve unicamente para que possam gerar descendentes e assim possibilitar que outras pessoas tenham a oportunidade de morrer. Um suicida neste quadro me parece ser o herói silencioso que recusa qualquer chance de transmitir a vida saltando de imediato para a morte. Isto me parece óbvio, mas quando tento tocar neste assunto é o caos! Veja bem, os sacerdotes são fanáticos, não se dialoga com esse tipo. Seu único objetivo é sobrepor sua vontade aos demais, ainda que eles mesmo não acreditem nela.



Sara parou de falar por um momento e em seguida a ouvi arrastar um pequeno banco de madeira até próximo de mim. Ela se sentou ali renovando a sensação de que já havia visto

aquele rosto antes, que ele me causara uma impressão muito forte. Como podia esquecer tal semblante? Isso não fazia sentido para mim, havia algo fora do comum acontecendo ali o que me deixava muito inquieto.

-É muito rude, até mesmo para um estrangeiro, encarar alguém assim de perto – Sara disse com um tom de chacota – Para sua sorte estes olhos já não são sensíveis à luz. Então está será minha última reprimenda para com a sua conduta.

Mirei uma vez mais aquelas orbes brancas cintilantes, quase incrédulo de que elas não eram recebiam e traduziam luz alguma. Sara cruzou as pernas e deitou as mãos sobre um dos joelhos. Era curioso ver sua casualidade naquela cela subterrânea.

- Dizem que a visão daquelas coisas que não deviam ser vistas por um mero mortal queima as suas retinas, porém a luz foge de todos nessa terra de qualquer forma. Naturalmente, isto pouco importa quando se vive nas sombras. Fazem muitos anos que vivo no subsolo e da superfície guardo unicamente memórias vagas. Lembro que o aspecto mais grandioso de viver alto na montanha, debaixo das nuvens era, sem dúvida alguma, a ausência de um nível subterrâneo. Os habitantes das alturas lamentavam tal fato, quanto a mim, talvez prevendo uma vida inteira no subsolo, não sentia falta alguma desta condição. É obscuro viver abaixo do resto do mundo e ainda assim a maioria de nós o faz. Foram vários os motivos que me fizeram partir e este foi um deles com certeza. Simplesmente entender que aquela vida boa era artificial e perecível. Bastaram algumas horas de viagem para me deparar com horrores dos mais traumatizantes. Ninguém entende isso, mas alguns de nós anseiam por um pouco de



verdade. Dediquei minha vida para que os demais entendessem isso ao menos parcialmente, tentei organizar e compartilhar o que encontrei. Não creio que fiz ou farei ainda milagres, não os espero de forma alguma. Entendi desde cedo ser uma *persona non grata* no estreito círculo dos milagres. Digo isso enquanto alguém que se matou e nem assim alcançou a morte. Os pontos finais não são definitivos como gostaríamos. Resta-nos unicamente seguir pontuando.

Eu estava ansioso para que ela chegasse na parte do fosso e o que ela encontrou lá. Queria ouvir sua versão, este era meu maior interesse naquela conversa. Porém, com medo de ofendê-la ou espantá-la perguntei de forma vaga sobre suas andanças pelo mundo.

- Sim, fui pioneira nisso também, pode acreditar? Antes de mim não se via motivo algum para sair de onde se nascera, nem mesmo para morrer noutro lugar qualquer. Eu mudei isso, mesmo que por pura vaidade, reconheço. Ainda me lembro do sol... Amava aquele calor doce. Sempre o buscava depois dos almoços e nele me banhava. Também o sol acabou... triste não acha? As coisas todas insistem em acabar. Nós também. Tentei me rebelar contra isso unicamente para alcançar uma sobrevida vazia na qual só faço ansiar por um termino que agora me é impossível. Esse é o inferno, o impossível enquanto única possibilidade. Curioso como os órfãos do sol escolheram louvar a sombra, que é o mais perto que podem chegar da luz original. Não os censuro ainda que ache esta postura equivocada. Não acredito que se trate de se contentar com migalhas mas aceitar o aquilo que se perdeu. Ver a beleza na feiura enquanto um lembrete daquela graça perdida. Mesmo assim eles alcançam aquele pouco que almejavam. Já dizia minha mãe, o pré-requisito para o

assombramento é a dedicação às sombras. Por isso a maioria dos fiéis vai ao ponto de redigir um contrato com elas, não se deve ficar no escuro neste quesito.

Baixei o olhar para minha mão que ardia e reconheci na insígnia um carimbo. Havia selado um contrato com o impossível. Não existe sensação mais grave do que esta, este tanto posso afirmar.

O som da chuva se intensificou e era quase inebriante. Minhas costelas apertadas estalaram como se trincassem mas eu não sentia dor alguma ou ao menos dela não podia me ocupar naquele momento. Como eu estava muito quieto Sara retomou o fôlego para entrar na parte mais sensível de seu relato.

- Para os possessos pelo inferno, nada é suficiente para preenchê-los e este quadro é o que anuncia sua tragédia. Quando ouvi sobre o fosso logo soube que era para lá que meus pés deviam me levar. Durante a viagem toda sabia que ao chegar lá me jogaria no abismo mas ainda assim não entendia a concretude deste ato. Fazia planos para meu futuro, minha família e meu amor. Tudo desapareceu na queda livre, no abraço daquelas sombras virgens. O sol nunca brilhara naquelas partes e ele já estava morto há muitas décadas. Lá pude ouvir a voz do titã e tomar conhecimento da natureza do mundo. Caí por muito tempo, um tempo branco apagado de acontecimentos. Morri mas este recipiente vazio foi ocupado por outra força e assim me foi concedida uma saída do limbo. Para minha surpresa meu retorno havia sido profetizado por videntes e logo ascendi a um ponto qual nunca desejara. Musa, princesa... são títulos equivocados para um simples arauto. Triste é a mensagem que porto, pois o colosso agoniza

moribundo... Dito isso, não defendo minha beatificação, uma tolice sem tamanho.

Apesar de tudo que me fora apresentado até ali e que vira com meus próprios olhos ainda resistia. Tinha tremenda dificuldade em me convencer do que ouvia. Em minha confusão perguntei se ela esperava que eu acreditasse que o mundo era um corpo decadente.

-Julga por ti mesmo – ela respondeu e a voz grave distorcida retornou triunfante - Julga o mundo como julgaria um livro. Leia-o, afinal a leitura nunca é inútil. Por mais desinteressados que estejamos, fica-nos qualquer coisa de seu peso invisível. O titã é também uma proposição, uma tese sobre o mundo. Apenas um domínio ou um corpo tangível, que começa e se encerra num limiar. Algo com o qual podemos trabalhar, ainda que se faça necessário um grande esforço imaginativo. Mas também qualquer concretude na vida é ilusória. Não se esqueça jamais de que a ilusão é a irmã ruim do delírio. Este é um mundo fruto do devaneio, sua natureza é definida no engano, no exagero. Esse mundo não pode ser confiado. Ele trairá você.

Sara se calou subitamente e tratou de recuperar o fôlego como se tentasse reconquistar seu corpo possuído. A partir dali sua voz voltou ao normal o que me trouxe algum alívio tamanho o choque que a outra me causara. Quanto a mim estava paralisado calculando qual a melhor forma de agir para sair dali ileso. Mesmo que não entendamos estranhos fenômenos deste tipo podemos pressentir que há algo de tenebroso escondido ali.

- A mente se alimenta também e cresce feito uma semente na nossa carne- Sara enxugou uma gota de suor da sua testa falando casualmente - Este corpo que habitamos e do

qual nos sustentamos, também o construímos. De que forma o tratamos? Que sabemos dele? Quem pode afirmar dominar seu corpo? Somos nós os seus mestres ou seria justamente o contrario? O mundo também é um corpo, que habitamos e nos provém, sempre acreditei nisso. Mais importante que isso é quem ocupa a mente deste corpo...



Perguntei então se o titã era produto de sua imaginação se era uma mentira tola da qual ela tentava convencer os ignorantes que habitavam essa terra. Eu tentava me convencer de que estas tolices serviam unicamente de fiador para aquele estranho culto.

-Eu sempre busquei evidências. Não creditei a uma gênese espontânea a origem destes padrões que me eram óbvios. Olho para o mundo e constato a hipótese do titã,

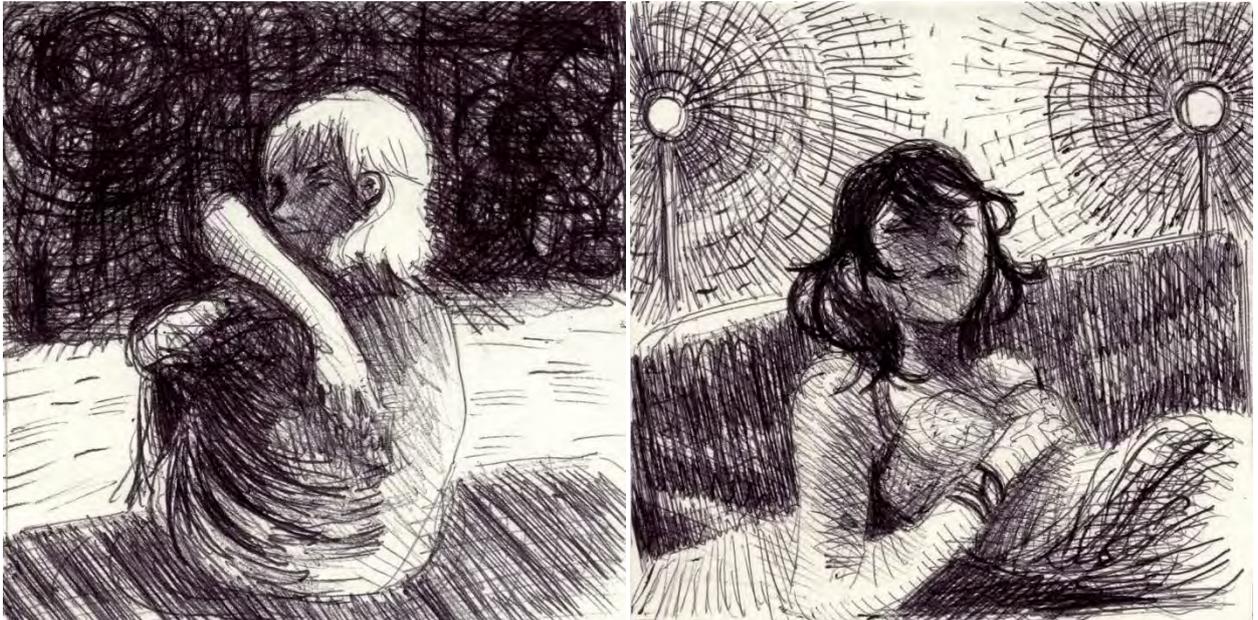
simples assim. Vejo nas rochas brancas ossos, nos rios os fluídos de um mundo que apodrece vagarosamente. Não me vejo como um falso profeta. Os objetos de adoração assumem todas formas porém sempre acabam por crescer demasiadamente até o ponto em que esmagam seus fiéis. Isso nunca foi de meu interesse. Deram-lhe muitos nomes; o colosso discursivo, o leviatã da cultura, a prisão definitiva, o molde final. Enfim, basicamente o é esse código discursivo totalizante, não é de minha autoria, mas do inimigo. Sempre detestei tirar moldes, a visão de uma forma é algo opressivo. O molde é esmagador, uma cela para um potencial antes infinito. Defendo que o paganismo, sendo uma possibilidade, é quase uma obrigação justamente por ser possível. Aceitar cegamente o *status quo* é sempre perigoso. Não defendo o culto saracolossimo e seus excessos, porém isto não torna a hipótese do titã falsa. Entenda, é preciso fé na vida pois este é dos fenômenos mais irrealis que observamos. De fato são poucos aqueles que testemunham uma vida em carne e osso. À maioria de nós é dada apenas uma leve insinuação de que esta existe, que se vive e, portanto, se faz necessária a fé. É muito simples se enganar neste quesito, ou ser presa fácil para os mais atentos. Todos estão mortos neste mundo ou ao menos sentenciados a isto. Ainda alguns persistem e nisto constitui-se a vida, talvez. Veja meu caso.

Fiquei alterado e confuso com aqueles enigmas vagos da princesa. Vários pontos me perturbavam mas em específico o tal inimigo que ela mencionara. Curvado já com a testa quase tocando o chão perguntei a respeito disto.

- O mundo encontra finalmente seu crepúsculo- disse Sara com uma voz cheia de ternura- o astro rei já partiu e agora é a vez do titã encontrar um destino semelhante. Resta-

nos apenas cuidar o melhor que podemos desta terra, atrasar seu fim o máximo possível. Isto significa proteger o titã moribundo de sua doença. Algo o consome, torna sua respiração ofegante, tremendos terremotos para nós. O atormenta com pesadelos que se traduzem em tormentas terríveis na superfície...

Eu pressenti aonde ela chegaria em seguida.



- Definitivamente há alguém na cabeça do titã, mas não é ele próprio. Poderia ser um de nós, qualquer um. Talvez todos. Aquele espaço vago é como um trono clamando para ser ocupado. Esta pessoa que lá reside damos o nome de Ouroro. Suas intenções sempre foram um mistério, ainda que ele tenha atentado contra minha vida algumas vezes. Infelizmente não posso morrer e assim ele desistiu desta empreitada. Alguns nesta terra chegam a conhecê-lo, ainda que seja difícil precisar o porquê dele se apresentar esporadicamente dessa forma. Sabemos agora que ele pretende dar o golpe de misericórdia no titã, que este é seu

projeto secreto. Em seguida deixar esta terra enquanto todos nós desaparecemos. Uma extravagância, sem dúvida, mas todos os grandes projetos o são. Muitos são seus seguidores, ignorantes de suas intenções ou simplesmente estúpidos como geralmente são os seguidores de qualquer coisa. Você conheceu os meus fiéis não é mesmo? A insígnia era um presente meu para todos, uma dádiva que encontrei no fosso. Eles a tornaram numa ferramenta de tortura. Ofereci algumas interpretações da beleza escondida naquela forma tão simples e eles as tornaram em um cânone esmagador de sonhos. É provável que Ouroro opere de forma semelhante e é plausível que ele tenha tomado partido na deformação de todo o meu trabalho.

Estava cansado de tudo aquilo e quis saber realmente o que Sara esperava de mim. Perguntei se ela achava que Ouroro se apresentaria a mim, coisa que eu duvidava. Meu interesse ali era somente escapar desta terra, não queria ser pego no meio de um conflito que não era meu.

-Temo que eu não possa lhe dizer o que fazer. Você mesmo terá de seguir tropeçando até encontrar seu jeito de andar. Será ainda presenteado com algumas alcunhas nesta terra. Chegou a mim como o confuso, o perdido, um vira lata. Gostaria de saudá-lo com o título de zelador, creio que respeita esta terra e nos ajudará a cuidar dela. Ainda assim temo que um duelo será necessário. Entenda, você é o único aqui que ainda não desempenha um papel. Talvez caiba nos sapatos do duelista, alguém tem que fazê-lo. Mas caso não consiga, o covarde ou mesmo o traidor estarão de bom tamanho. Você é uma abominação, entenda isso. Se falhar todos cessaremos de existir mas também não se deve depositar as esperanças de forma tão leviana como faço agora.

Estranhamente não fiquei surpreso com o que me fora dito. Era natural que esperassem que eu morresse por eles, estava fácil de mais seguir por estes campos vastos sem maiores estorvos. Já imaginava que quando estes surgissem viriam como uma avalanche. Perguntei em fim como podia chegar o mais rápido possível até este maldito Ouroro.

- Para chamar sua atenção creio que precisará de um convite. Aparentemente ele faz o tipo ansioso excêntrico. Acredito que três objetos perdidos que lhe foram caros em vida serão o suficiente. Tenho certeza do paradeiro de um deles, um anel que está em posse de uma amiga minha. Arranjarei o encontro entre vocês e ela o dará de bom grado. Quanto aos demais deve procurar por si mesmo. Não terá dificuldade de reconhecer neles o mesmo brilho curioso que encontrará na aliança.

Ouvi Sara se levantar e em seguida, com um som pesado a porta se moveu alguns centímetros. O alívio foi tremendo e só então tive noção do quão perto estava de ser cortado ao meio. Sara pediu para que eu entrasse e assim me arrastei para dentro da masmorra. O ar lá era estranho e me sentia desconfortável. Um ruído seco ao fundo, muito baixo a principio, foi crescendo a cada minuto até que não se podia ouvir outra coisa.

-Temo que só haja um caminho para minha amiga artista, o atalho que sempre tomo para visitá-la.

Sara trouxe duas pás de um canto e nós começamos a cavar a terra fofa. Fizemos isso por um período que me pareceu uma eternidade devido ao meu mal estar. Em seguida Sara arrastou uma caixa de madeira e a jogou no buraco.

-Entre sim? Receio que para alcançar a superfície terá de experimentar uma vez o subsolo. Aguarde uma noite neste

sono essencial e será recebido de braços abertos do outro lado.

Com as pernas bambas e as costas latejando quis me deitar o quanto antes. Assim acomodei-me na caixa e Sara depositou uma flor sobre meu peito doído. Conforme ela fechava a caixa me disse ainda:

- Durma agora, meu bem. Receba o sono de braços abertos pois desta pequena morte é possível retornar.

## X

Não sabia o que fazia naquela terra, tinha seguido até ali por total acaso. Sentia-me perdido, quase arrependido de ter abandonado os corredores brancos, tão distantes agora. Exausto como estava, a ideia de fugir daquele calabouço era tudo que me ocupava, tanto que nem percebi minha total imprudência. Deitado no escuro pensava somente no olhar de Sara, que parecia o de um tigre. Sara era a esfinge desse mundo. Entendi tardiamente que eu não fora capaz de resolver seu enigma.

Não demorou e fiquei sem ar. Gritei por ajuda mas a grossa camada de terra sobre o esquife de madeira abafava qualquer som. Como aceitara tal loucura? Chutei a caixa até ferir meus pés. Exausto e desesperado repassei as palavras de Sara uma centena de vezes. Restava-me unicamente ter fé no que ela prometera e esperar a passagem de um dia ali. Não sabia se tinha forças para tanto e temi as ideias que passavam pela minha cabeça. Neste ponto persegui o sono, nosso mecanismo natural contra o suicídio. Já diziam que não existiria humanidade sem o sono. Não haveria vida alguma, talvez.



Para meu terror Morpheus me recusava. O que eu teria feito para ofendê-lo? Eram meus sonhos tão pobres assim? Tão enfadonhos? Eu precisava desesperadamente de sua dádiva e não era agraciado por ela. Antigamente se acreditava que qualquer pessoa ou criatura com a qual se sonha é na verdade o próprio deus disfarçado. Que ele é sempre o ator no palco da mente do desacordado.

Ouve um lampejo e uma sensação de queda. E então despertei de sobre salto ao ouvir um ruído na terra. Havia adormecido sem perceber. Não sabia quanto tempo se passara mas sabia que, debaixo da terra, enfrentara os piores pesadelos que tive na vida. Delírios cruéis dos quais por sorte, não podia me recordar. Agora me sentia envergonhado por ter amaldiçoado Morpheus e pediria perdão caso tivesse a oportunidade de encontrá-lo. Entendia que ele me poupava da lembrança dos presságios que ali foram conjurados. Isto é, se aquele período apagado fora realmente sono ou algo muito mais elementar.

## XI

Uma batida forte na madeira revelou que Sara falara a verdade. Sentia agora o caixão ser despregado com grande esforço. Cada fresta minúscula aberta representava o maior presente que eu recebera na vida. Luz e ar se esgueiravam sorrateiramente para o interior do meu sarcófago renovando um pouco meu espírito. Com um estalo a madeira se curvou e a caixa finalmente foi aberta. A claridade me cegou e chorei de felicidade ao ser trazido de volta para a superfície. Estava frio e demorei para perceber a mulher velha de cabelos desgrenhados que me salvara do enterro. Abracei-a

fraternalmente, repetidas vezes, mesmo contra sua vontade. Finalmente desabei aos seus pés traído por minhas pernas bambas.

- Aí esta algo que não esperava ver hoje –disse a artista com uma voz cansada – Chegou antes da maioria, reconheço uma pressa galopante em você. Parece mais frágil também, mas isso pode ser meu julgamento demasiado exigente sobre a anatomia humana. Ainda assim, se nossa princesa Sara cavou uma cova para você com as próprias mãos, ela deve ter grande consideração por sua pessoa.

Minha cabeça doía e me sentia fraco. Olhei a volta e me encontrei numa espécie de tundra acinzentada na noite. Não entendi como chegara ali ainda que neste momento isso pouco me importasse. A mulher me deu seu xale e tentou me reconfortar um pouco. Senti por ela e por tudo aquilo no que depositava meu olhar o mais profundo amor. Estava mudado, me sentia outro e isso me comoveu. Falei então rapidamente do que Sara me dissera sobre Ouroro e os objetos que devia juntar.

-Entendo, o anel... Sim, eu o remendei, pois ele estava partido em dois. Estranhamente Sara não o quis depois de reparado. Disse unicamente que precisaríamos dele restaurado ainda que para ela ele continuaria para sempre partido ao meio. Curioso ver tal mente brilhante se enganando assim, não acha? Ela fez questão que eu o mantivesse enterrado nos fundos do meu quintal até o dia em que dele necessitasse. Enterramos o passado, porém não fundo o suficiente. Tentamos acreditar que sete palmos de terra são suficientes para prender nossas quimeras para sempre ainda que às tenhamos criado um dia para dominar o mundo inteiro. Não podemos esconder de todo as forças verdadeiramente

pulsantes. Seria como tentar esconder a gravidade ou a crueldade humana. Ela também tentou esconder você e veja só. Se conseguiu algo foi te desnudar, te revelar, nada mais do que o efeito contrário do enterramento.

Dito isto a artista me ajudou a levantar. Ela propôs que fossemos sem demora ao seu atelier, para descansar e também recuperar o ânimo. De pé com o braço em volta dela senti um cheiro, que conhecia na infância na casa de meus vizinhos, que era o aroma da velhice e do tempo que passou. Perfume dos livros velhos nos quais me perdia quando garoto e do pó que se acumula nas dobras dos corpos e das coisas. A mesma fragrância das bibliotecas, mausoléus e museus.

Caminhamos através da tundra molhada pelo orvalho sem pressa até avistarmos a estranha casa cheia de chaminés. Era um mistério como ela permanecia de pé, um lado do pórtico havia desabado e ervas daninhas cresciam ao ponto de quase engolir a construção. Ao subir na varanda tivemos de desviar dos degraus apodrecidos que eram a maioria. Ao entrar na casa porém fui surpreendido pelo meu péssimo julgamento. O interior estava na mais perfeita ordem, as salas eram bonitas e limpas. Passamos por muitas pilhas de livros e tomos de todos os tipos, as paredes eram forradas por quadros.

-Você parece terrivelmente acabado – disse a artista tirando seu casaco surrado - Acho que está cansado de levar tantas pauladas não é mesmo? Venha, sente-se perto da minha salamandra. Não, não aí. Esta poltrona velha é a minha. Assim, melhor. Muito bem, passo aqui a maior parte dos meus dias sempre que me encontro no seu estado. Não podemos impedir o mundo de nos agredir e isto acaba por nos cansar. Resta-nos construir outro mundo, uma pequena bolha

na qual nada nos machuque a não sermos nós mesmos. Anseio sempre o retorno para minha casa. Inclusive já não existe mais nada no mundo que me faça querer sair dela, sendo a minha devoção a Sara uma das poucas. Se eu pudesse arranjar uma forma de ter comida entregue em minha porta poderia assim ficar permanentemente encarcerada aqui. Encontraria-me assim o mais próximo da felicidade, afinal um pouco de paz se tornou artigo de luxo nestas partes. Tenho muitos livros aqui, muitas biografias, catálogos e romances, muito mais do que conseguirei ler antes de morrer. Eles forram minhas paredes e se parecem de fato com tijolos pois a biblioteca é também uma espécie de construção. É a escolha dos títulos que definirá se estes muros separarão ou protegerão o eventual leitor em formação. Nestes volumes encontro vidas mais ricas do que a aquela que levei. Isso me redime um pouco, pois eu as louvo e, de certa forma, isso me faz sua sacerdotisa. Ainda sinto, e creio que assim será sempre, a nostalgia pelas vidas que não tive. Pelo meu casamento, o amor dos meus filhos, a viagem pelo mundo, a casa na praia. Tudo isso foi sacrificado pelo projeto. Infelizmente nunca consegui definir concretamente o que era esse projeto, qual sua forma verdadeira e assim fui vivendo um dia após o outro até que não sobrou mais nenhum.

A artista tossiu com violência e tratou de tomar um gole do seu chá frio. Colocou a chaleira, que estava de lado numa mesa, sobre a salamandra e me indicou que podia me servir à vontade. Agradei, porém estava ocupado demais esfregando as mãos geladas bem próximo daquele metal aquecido.

-Sim, me encontro no entardecer derradeiro, mas não sinto pena de mim. Tentei expressar meus impulsos em todas as formas possíveis, creio que consegui resultados razoáveis

ainda que sempre parciais. Sempre invejei os bruxos e sua facilidade maldita de criar a partir do ar vazio. Basta para eles estalarem os dedos, entoarem um cântico grotesco ou então assoprar um pó mágico para darem vida aos maiores assombramentos que suas mentes distorcidas conseguem imaginar. Quanto a mim resta a eterna batalha contra os materiais, contra aquilo que vi e vivi. A arte tem muito de combate e nem todos tem condição de lutar, infelizmente. Duelamos assim contra nós mesmos e todas as circunstâncias que nos separam de um resultado que perseguimos cegamente. Esta é a minha tragédia mas também a única beleza que possuo. Todos nós queremos ser belos em alguma medida. Não importa o quão tolo isso possa ser ou parecer, é algo que constatei nestes tantos anos de prolongada observação...

A artista se levantou então e me convidou para um breve tour pela sua toca. Fiquei um pouco receoso de abandonar o calor do fogo mas a curiosidade venceu. Seguimos um corredor longo por uma vasta galeria na qual não era possível enxergar a cor das paredes devido à profusão de quadros ali pendurados. Não consegui esconder meu encantamento enquanto seguia boquiaberto observando aqueles retratos, paisagens e devaneios.

- Esta coleção pode parecer um pouco excessiva ou egocêntrica, porém sempre julguei necessário pendurar aqueles trabalhos que adquiri ou que a mim foram enviados. As obras devem ser vistas, caso contrario sua existência não é justificável. Eu mesmo possuo uma fornalha nos fundos para servir a este propósito. Quero poupar o trabalho dos arqueólogos no futuro. Afinal a arte encontra novas funções e obrigações a cada século. Uma nova escola serve unicamente

para soterrar aquela que a precedeu. Nós também devíamos enterrar aqueles que nos antecederam, esse seria o caminho natural tal qual a germinação após a queimada. Ao invés disso a maioria de nós acaba soterrada, uma pena. Todas as bibliotecas e museus cheios, porém vazios, são a alegoria perfeita para as riquezas que homem gerou. Completo abandono, este é o destino de tudo que é humano, inclusive dos nossos objetos.



Paramos por alguns minutos na frente de um minúsculo retrato mal pintado. Nele posavam um mulher jovem de cabelos espessos junto de dois garotos pouco definidos.

- Não é sem pesar que constato que a arte hoje se resume a acalmar os nervos e ocupar o tempo. Não ofende nem inspira ninguém, ou talvez seja a mim que esta medida escape. Torço para que isso seja verdade pois a única companhia que tive na vida foi a da cultura. A única cumplicidade e fraternidade da qual pude degustar achei em livros e músicas. Não foi, no entanto, o suficiente para vencer essa solidão conviver com semelhantes de séculos passados. Por isso fui obrigada a criar, quase que empurrada para isso. Ainda assim temo um mundo onde tais relações não existam mais. Tento fazer minha parte preservando meu pequeno cânone pessoal. Talvez esta coleção configure minha maior obra. Os arquivos e os acervos servem para organizar aquilo que restou de uma geração. Nestes corredores escuros encontramos a ossada cultural dos nossos antepassados. O museu é um mausoléu, talvez daí se origine a curiosa forma como muitos se portam nestes espaços, com aquela desajeitada reverencia à um morto imaginário. Não acredito que a cultura nasça como os homens fazem, mas sem dúvida ela morre como nós.

Chegamos então finalmente ao atelier de trabalho da artista. A sala estava organizada no mais caótico turbilhão de objetos e materiais. As telas, tintas e pinceis jogados ali estavam porém adaptados perfeitamente ao espaço de ação do corpo dela. Bastou vê-la no meio daquela confusão para entender que ali imperava a ordem, ainda que uma de um tipo secreto e inalcançável para mim ou outro qualquer. Ela se

dirigiu para um canto e começou a colocar seus trabalhos no chão virados para mim.

-De todas as coisas que poderia almejar na vida escolhi sempre aquilo de menor importância, carente de qualquer significado, pois somente o inútil pode ser belo e só a belo me interessava. Desde sempre a beleza, mesmo deformada ou grotesca, foi para mim a âncora e o farol. Um polo magnético de tamanha força que nunca necessitei de uma bússola para perseguir, pois eu mesma era atraída por sua força implacável. É curioso como estas forças agem. Tive dois filhos em dado momento, gêmeos. Meu sol e minha lua, dia e noite. Eles me admiravam profundamente e logo me procuraram para que os ensinasse a pintar. Depois daqueles verões de lições pesadas nunca mais falaram comigo. Creio que se sentiram agredidos ou enganados. É uma lastima, pois minha existência consistia em orbitar à volta deles. Uma pena sim, no entanto eles não tinham condições para seguir na arte. É uma coisa séria, a arte, talvez a única realmente. Partiram sem dizer adeus mas não sem antes queimar todos meus quadros e esboços. Não me importei, fazia outros tantos, pois ainda me restavam muitos dias de vida.

Ela parou de falar enquanto eu a ajudava a virar uma grande tela. Ali tive a impressão de ver duas silhuetas desenhadas se distanciando entre sombras muito densas.

-Tenho usado basicamente a mesma paleta há décadas. De tempos em tempos sinto vontade de mudá-la e o faço, somente para retornar logo em seguida. A criação é um abismo infinito e, se precisamos pular de um precipício, que seja num sem fundo. Pode se explorar tanto em tão pouco. Ao mesmo tempo em que é difícil se contentar com a pequenez das coisas. Ainda hoje insisto em perseguir uma obra que dirá

algo por si, mesmo que raramente conclua algo nestes dias. Enganei a mim mesmo neste jogo e assim pude seguir em frente. Acreditei cegamente na mentira, naquela narrativa que escrevia com minhas memórias. É uma doença comum para os amantes da ficção e para aqueles que não são completamente insensíveis a esta faceta da vida que é sua escrita. O delírio se mantém fiel. Alguém tem de ser, não acha?

Fiquei interessado pelos desenhos dela. Eram escuros e me deixavam desconfortável ainda que fossem extremamente atraentes ao meu olho. Expressei rapidamente minha opinião acerca daquela produção.

-Por muito tempo preferi o desenho como prática. A meu ver existe certo impulso para o desenho bastante específico que é o desejo de se apagar um pouco o tempo. É difícil de explicar essa vontade, meu ponto é que nada é tão preto no branco como gostamos de afirmar. Assim como a música é em grande parte um impulso oriundo do silêncio o desenho se faz muito no apagamento, de nossas vidas e de nós mesmos, por que não. Nada me empurrou mais para essa prática do que o dia difícil, a consciência pesada, o remorso ou mesmo o vazio latente. Nossa arte se polariza em negativo de acordo com nós mesmos, de nossa medida para o mundo que é o nosso próprio corpo. Faz isso pois é uma tentativa poética de transcender esse quadro, de superar o corpo, nossa última fronteira. Vê, a mente viaja muitas vezes mais rápido que o corpo, daí o desconforto dos gênios presos na carne. Por fim vale lembrar que o desenho não tem língua. Não há tradução do desenho, ele se faz comunicável em uma medida variável para cada espectador. O artista possui a mais desesperadamente romântica das profissões, segunda talvez



unicamente a do tradutor. Mas aí já entramos num outro campo vasto...

Surpreendi a mim mesmo confessando que acreditava nisso. Contei-lhe que eu também desenhava quando criança. Falei das paredes da casa velha preenchidos de monstros e heróis e dos cadernos empilhados.

-Isso, persiga isso meu jovem. O artista pode ser um intelectual, deve.

Espantando com aquelas alcunhas adicionei rapidamente que não me via como um nem outro. Que não sabia realmente o que fazia ali ou mesmo se queria saber.

- Como não? Talvez você não seja mesmo. Esse é um dos poucos aspectos no qual não podemos nos deixar cair no medo. Ainda que sempre o façamos, não podemos nos deixar amedrontar frente a dificuldade da criação. Arte é como um cão orgulhoso, se lhe demonstramos medo no trato ele rosna e foge. O truque talvez seja conseguir dominar o medo por que, honestamente, não acredito que seja possível produzir algo sincero sem cair em esmagadoras dúvidas. Sem elas a produção fica automatizada e o resultado também. Você diz que está em dúvidas agora, talvez lhe conforte saber que assim sempre foi para mim. Ainda não sei o que sou, me defini a vida toda pela produção a qual me dediquei, por algo que não encerra um fim em si, uma prática diária. A vida toda fui invisível, acredito que tenha lutado desde a juventude contra a invisibilidade. Talvez por isso jogasse camada sobre camada de cor, tentando tornar algo, o que quer que fosse, visível. Minha história é a da batalha contra a transparência, para conseguir refletir os raios solares. Se algo imperceptível desaparece pode-se afirmar que tenha existido? Este era meu maior medo, não existir. Talvez quaisquer traços dessa

existência sejam mal interpretados, ou falsos. No final se sou invisível e só eu sei onde estou, uma vez perdida como me reencontrar? Parece-me que o artista é um doente que teve um sonho vago delirante onde enfim alcançou algo. Uma vez desperto e recuperado insistiu (ao contrario de todos os outros doentes do seu tempo) em perseguir esta visão vaga. O que nos sobra então? A febre; o corpo quente, a garganta rasgada, a cabeça pesada, o dia sonolento, a noite em vigília. Para uns este é o inferno, para outro este é o processo. Você não pode creditar sua existência a um título.

A artista se afastou e abriu uma portinhola. Por ali saímos para um pequeno jardim mal cuidado. Muitas plantas e flores bonitas ainda que de aparência selvagem cresciam sobre a grama. Paramos ao lado de uma pequena estatueta de um homem touro, inteiramente coberta de musgo. Ali a artista começou a revirar a terra escura com uma pequena pá. Encontrou uma caixa laqueada e a sacou da terra como antes havia trazido meu esquite à superfície. Ela abriu o pequeno cofre e de lá tirou um anel de brilho azulado. O mediu de perto e em seguida me entregou a joia. Eu a observei e tive a sensação de já tê-lo visto anteriormente.

-Aí está, o anel de noivado de Sara. O souvenir de uma tentativa de alcançar algo que ela sabia impossível, lembrete de um passado longínquo.

A aliança serviu num dos meus dedos menores e imaginei a mão esguia da Sara vestindo orgulhosamente aquele anel no passado. Fiquei incomodado ao saber que ela desposara seu antagonista ainda que isto seja mais recorrente do que gostaríamos de acreditar.

-Vamos, não fique tão triste assim. Eu lhe indicarei o caminho para o deserto. Além do mais tenho muito que fazer por aqui e você tem muito chão pela frente.

Sáímos daquela casa que fora realmente o único lugar em que me sentira confortável naquele estranho país. Caminhamos por horas pela tundra tendo somente o céu praguejando trovões como companhia. Pelo trajeto blocos monolíticos pontuavam o cenário anunciando a grande torre em ruínas de onde foram expelidos séculos antes. Por fim a vegetação foi se encolhendo e desaparecendo até que a aridez dominou a paisagem. Ali paramos para nos despedir.

-Agora segue teu caminho – a artista me disse enrolando seu xale no meu pescoço – tenho certeza que encontrará os outros objetos. Busque o brilho semelhante deste anel que porta em sua mão. Dito isso, eu recomendaria que você evitasse se aproximar da capital. Forças tenebrosas imperam lá, difícil escapar de suas garras. Meu conselho seria então de que busque permanecer no deserto unicamente pelo tempo necessário para encontrar o que procura.

A artista me deu então um abraço apertado quase maternal que me forneceu grande força. Sentia que havia retornado do subsolo mudado e agora confirmava isso.

## XII

A areia era de uma brancura tal que proporcionava um perfeito contraste contra o céu negro. Andando por ali me senti esmagado entre esses dois campos em oposição. Parecia que estavam prestes a entrar em combate e que eu não poderia ficar isento nesta batalha. Teria que tomar o partido de um deles e, nos casos extremos assim, isso é sempre muito

arriscado. O vento batia forte e movia as dunas de lugar. O deserto ia se ampliando e conquistando novas paragens. Tinha certeza de que logo abaixo dos meus pés muitas riquezas estavam enterradas e esquecidas sobre aquelas areias conquistadoras vagarosas. Caminhei por horas a fio e estava já muito sedento quando vi duas figuras descendo de uma duna alta. Eles pararam e mudaram sua direção para mim.



- Hora, quem vem lá? – gritou o primeiro.

-O filho exilado dum ministro, talvez? – riu alto o segundo.

Eram dois moleques maltrapilhos cheios de cicatrizes. Os dois logo me cercaram e passaram a me examinar de perto.

-Anel bonito.

-Acho que essas botas lhe cabem, irmão.

-Talvez, mas eu prefiro o anel – o mais novo então agarrou minha mão bruscamente – calma, calma não vai doer.

O outro bandido tentou ajudar o comparsa me segurando pelos ombros. Nervoso, me joguei sobre o primeiro e caímos juntos no chão.

-Porco!

O outro caiu na gargalhada ao ponto de quase chorar.

- Fantástico! Não resista meu amigo! Afinal poderia ser muito pior, acredite. Vivemos no deserto há bastante tempo. Você podia ter cruzado com uma serpente ou uma matilha de lobos.

-Nossos primos bonitos – riu o outro se erguendo.

-Esse deserto pode parecer completamente desolado e morto, mas não tenha tanta pressa. Essas duas coisas são estados extremos, você saberá quando alcança-los!

- Ainda há muito para se perder, muitos ainda podem se alimentar da sua carcaça.

-E você nem morto está – disse o outro e sacou uma faca curva.

Um frio me queimou as entranhas e saí correndo. Os dois me seguiram aos berros e gargalhadas. Quase me alcançaram subindo uma duna, porém consegui me atirar monte abaixo ao sentir as mãos sujas no meu ombro. Rolei com violência pela areia e aterrissei atordoado no terreno plano. Minha manobra desesperada impressionou os bandidos, o que me deu algum tempo para me recompor. Guspi a areia e segui com pressa, porém o pé torcido me atrasava. Alcancei pedras lascadas muito altas que projetavam uma sombra alongada sobre o deserto e me escorei nelas

cansado. Avistei a silhueta dos bandidos crescendo em minha direção e soube que seria apanhado.

-Nada mal...

-Quase podíamos convidá-lo para o bando, não acha?

- Em outra vida talvez...

-Está decidido, quando renascer volte aqui e será nosso líder!

Ao dizer isso o bandido sacou novamente a faca e pude ver o brilho degolador da lâmina.

Gritei para que parassem. Ofegante disse que daria o anel a eles se poupassem minha vida. Eles riram e disseram que era mais simples me matar e roubá-lo em seguida. Disse lhes então que daria o anel de bom grado e isso não seria crime algum e assim eles ficariam livres.

- Você assume que não tenhamos cometido crime algum posteriormente? - Disse um deles ironicamente.

-Tarde de mais para nós... e, além do mais, a lei não alcança estas partes.

-Nós também preferimos o furto, é o que somos. Sempre roubamos o que podemos somente para provar que ninguém é mestre de nada. Os objetos foram inventados unicamente para o propósito de criar falsas distinções entre os homens. Nós os criamos mas isto não nos torna seu deus. Estes objetos também não pertencem a ninguém e querem se libertar. Da forma como vejo a posse é o real crime e o roubo é unicamente a libertação do objeto.

-Vê, já fomos escravos e o pirata que assaltou o navio que nos traficava para um novo dono será para sempre o único herói que tivemos na vida. Era um homem rude e cruel, muito mesquinho e tratava mal sua tripulação. Ainda assim

nos presenteou com algo que nem os reis ou o papa poderiam nos conceder. Alçou-nos a categoria de humano.

- Humanos malditos, verdade seja dita...

-Deixe disso, idiota! Sabe que não apenas servimos os reis como somos indispensáveis para eles! Fornecemos um inimigo ao qual eles podem creditar a infâmia de sua própria conduta!

-Somos bodes basicamente... mas enfim ao trabalho.

-Ah, se minha navalha tivesse o mesmo alcance da garganta do rei tal qual a dos lacaios dele tem das nossas! Como seria diferente o mundo! Basta algo tão pequeno quanto uma adaga ou uma caneta para tudo mudar, se apenas o alcance fosse vasto o bastante.

Ele meteu a mão no bolso e de lá tirou uma faca, uma faca parecida com a que meu avo me presenteara anos antes. Ele a desembainhou e a lâmina azul trabalhada me deixou sem dúvidas. Havia encontrado outro objeto logo ali. Interoguei-o desesperadamente onde a havia conseguido.

-Esta aqui, se me lembro bem foi um presente...

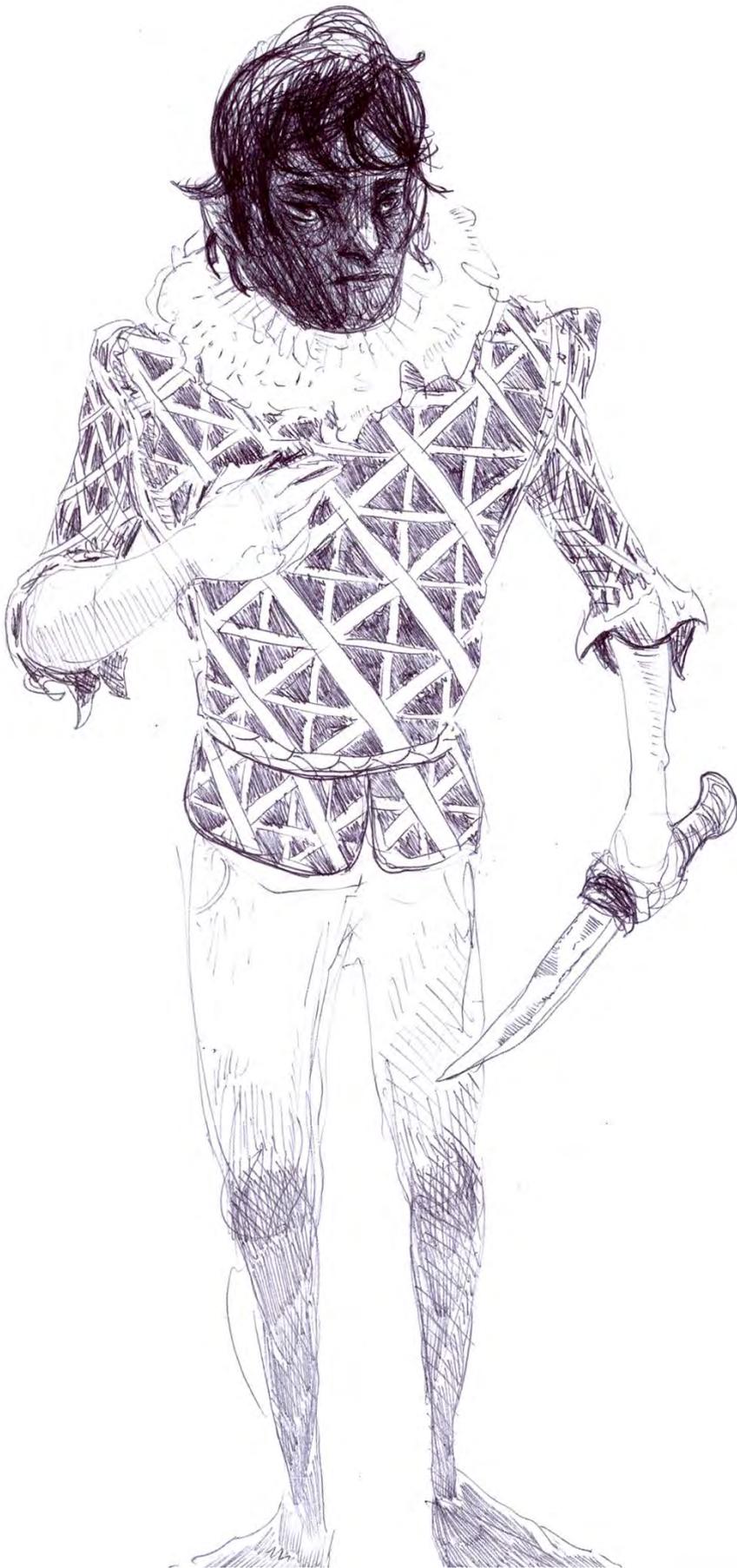
O outro riu contidamente

- Enfim, tenho muitas. Desgostamos das armas, elas foram feitas para o exército. Preferimos as adagas que foram feitas para cozinheiras, como minha mãe, ou os coquetéis molotov que, na ausência de um conflito, podemos consumir em celebração.

-Bons tempos!

-Cada vez mais raros, mas ainda assim o caráter se mantém o mesmo! Somos românticos no final das contas. A revolução é um sonho romântico não acha?

-Sem dúvida. O que você disser, irmão.



Ele se aproximou de mim e eu gritei desolado. Ver o fim se aproximando assim exaspera até mesmo o suicida ou o mais ancião dos homens. O bandido se atirou então sobre mim e cobriu minha boca.

-Quieto!

Arregalei os olhos e pude ver um cavaleiro a distância. Tinha o porte nobre e vestia uma armadura pesada. Acenei com a mão debilmente e senti o bandido colocar a navalha na minha garganta. O soldado ignorou meu apelo e desesperado tentei mais uma vez. A navalha já me cortava e desistia quando vi o cavaleiro se aproximando em trote. Confuso, vi o outro bandido entrar em combate com ele e ser prontamente abatido com um golpe certo na barriga. O jovem que me segurava escondeu a adaga atrás das pedras altas, sacando o facão do outro se jogou sobre o soldado. Foi facilmente nocauteado e rendido ainda vivo. O cavaleiro se aproximou de mim enquanto eu de joelhos o agradecia de coração. Do meu lado ele me esmurrou no rosto e caí nocauteado.

### XIII

Demorou para o balanço da carroça conseguir me despertar. Ao abrir os olhos me encontrei rendido, preso por correntes ao lado do bandido. O anel havia desaparecido da minha mão e o sangue oriundo da minha testa nublava a visão.

- Que desenrolar imprevisível – disse o bandido – nós dois partilhamos agora do mesmo destino. É preciso reconhecer o talento destes soldados, são peritos na arte de imobilizar e destroçar os outros...

Observei o bandido derramar algumas lágrimas por seu comparsa de longa data. Há distância já podia distinguir a

silhueta crescente da capital se erguendo alto na noite. Prédios enormes cortavam o céu enquanto rumávamos para encontrar nossa sentença. Ao alcançarmos os portões fortificados o bandido, já recomposto, me disse laconicamente.

-Olhe esta cidade monstruosa... Que é esse absurdo? Tantos castelos e tanta miséria por toda parte. Retornamos aos desatinos feudais... Ou melhor, nos nunca saímos do feudo, foi este que cresceu e abocanhou o resto do mundo.

Deslizando pelas ruelas passamos pelo que me pareceu toda a sujeira do mundo. Pessoas viviam jogadas pelos cantos como zumbis de uma hecatombe. Era comum ver soldados marchando e agredindo quem ficasse em seu caminho. As igrejas e os castelos contrastavam o brilho mais alvo contra a negritude dos becos. Pude ver de passagem um grupo de crianças sujas se digladiando para ver quem seria o novo rei sobre uma grande lata de lixo.

- Lembro-me daquele beco – observou o bandido - Nós marginalizados consumimos os restos da sociedade. Sim, somos os ratos desta cruel empresa! É uma condição terrível, porém depende unicamente do caráter desta sociedade. Eu mesmo já encontrei obras primas jogadas no lixo, livros proibidos, esculturas obscenas. Vivia muito bem com tudo aquilo que era incompreensível para eles e assim descartado como eu fora. Isso mudou com a inveja crescente da casta dominante justamente pela crescente dificuldade deles de se julgarem superiores neste quadro. Como comparar a riqueza da nossa pobreza com a pobreza daquela riqueza fabricada e embalada que eles engoliam de bom grado? A guerra veio e mudou tudo isso. Afinal é justamente para isso que serve uma guerra. Mas, por um período curto, o mundo esteve de cabeça

para baixo e assim foi justo ao menos uma vez antes de corrigir sua trajetória distorcida.

Alcançamos uma praça lotada de miseráveis que tinha no centro um palco de madeiras podres. Ali estavam prontos os guardas e os carrascos, proporcionando demonstrações do funcionamento da guilhotina. A plateia ia ao delírio quando um tronco ou uma abóbora eram decapitados pelo aparato. O guarda desmontou e foi se informar sobre o andamento do julgamento. Passou pela carroça e deu umas pauladas em nós através das barras. Isto lhe rendeu aplausos e alguns beijos pelo trajeto até a guilhotina.

- Deve começar em breve – disse o bandido com ar muito sério – estão apenas esperando o astro principal. O juiz é sempre o último a chegar, só ele pode pôr as guilhotinas em funcionamento, coisa da qual jamais abriria mão por mais corriqueiro que isso seja nos dias de hoje. É um erro considerar que o forte possui um talento. Ele somente se faz forte devido a fraqueza do outro, deve sua força ao outro e por isso deveria ser grato ao invés de cruel. Nós dois seremos mortos hoje a noite mas isto não se deve a força do juiz ou do carrasco, unicamente à nossa fragilidade. Esta encenação aqui é para minar esta realidade. No final eles têm medo de sua própria fraqueza...

Dois soldados vieram e abriram as grades fazendo o maior estardalhaço possível. Chutaram o bandido e o arrastaram para fora da carroça, em seguida foi minha vez. Fomos escarrados e apedrejados conforme nos puxavam pelas correntes presas em nossos pescoços. Sobre o palco me jogaram num canto e o carrasco prendeu o bandido ao lado da guilhotina. Esperamos ainda outros dez longos minutos,



pontuados por chutes, pedras e vaias até que o juiz enfim apareceu.

-Sim, sim estou atrasado – disse ele casualmente - Vejamos, bandido dos desertos, finalmente o pegamos. Pelos inúmeros roubos e por atentar contra vida de um soldado da capital, te sentencio. Correção capital.

Dois guardas ergueram o bandido que se debatia, e prenderam na guilhotina suas mãos e a cabeça. Ele parecia pequeno e frágil frente ao aparato monstruoso, seu olhar me lembrou o do burro na procissão das bruxas. O carrasco se adiantou e com um ferro quente vazou seus olhos. Em seguida lhe cortaram a língua e finalmente a lâmina desceu cortando suas mãos e então a cabeça. Um espetáculo horrendo que foi ovacionado pelos presentes.

-A justiça foi feita – declarou o juiz sem grande alarde - Ele olhou para mim e conferiu seus documentos mais uma vez - Quanto ao forasteiro, devemos primeiro interrogá-lo. Para o tribunal!

Deu a ordem e os guardas me arrastaram palco abaixo. Atravessamos a multidão enraivecida rumo ao maior prédio da capital. Os miseráveis ali presentes vaiavam a falta de rigor do juiz e tentavam eles mesmos fazer justiça arrancando um pedaço de mim. Impedidos pelos soldados de alcançar de forma concreta seu desejo foram se dissipando aos poucos. Retornavam para suas vidas, ignorantes desta sentença que eles mesmos cumpriam.

## XIV

No tribunal, me deixaram para esperar pelo juiz do lado de fora do seu gabinete. Ali passei muitas horas, atormentado

pela fome e o cansaço. Quando tentei me deitar no banco o guarda parado ao lado da porta imediatamente me deu uma paulada na cabeça. Creio que o fez unicamente pois a ele não era permitido se deitar ali e assim não podia permitir que outro o fizesse.

Sentado tive de suportar intermináveis visitas dos amigos e partidários do juiz, que abarrotavam os corredores desesperados por benefícios e salvaguardas. Um deles, um vampiro velho estacionou do meu lado para recuperar o fôlego enquanto aguardava sua vez bajular o homem.

-Cada vez mais difícil fazer valer os acordos – reclamou o morcego – parecia que dominaríamos o mundo quando o sol morreu. O que vimos foi unicamente o aparecimento de uma classe baixa de vampiros que se espalharam por toda a capital. Um ultraje! Cada vez mais difícil competir com suas presas artificiais que não envelhecem e podem ser trocadas a qualquer momento.

Quando ele foi chamado reparei que sua dentadura estava em péssimo estado, provavelmente devido ao abuso contínuo dos últimos séculos. Finalmente, depois que um ceifador saiu do gabinete horas mais tarde chegou minha vez. A sala era enorme e luxuosa, tendo um pé direito dos maiores que eu já vira. As paredes eram cheias de quadros de homens entediados e haviam alguns bustos de mármore igualmente tediosos. O guarda me sentou numa cadeira muito confortável de frente para a mesa de carvalho do juiz. Após me acorrentar varias vezes abandonou o recinto.

-Muito bem senhor estrangeiro- proclamou o juiz- primeiramente quero me desculpar pela forma como tratamos seu amigo. Não é algo pessoal, mas devemos seguir o cronograma das coisas. Espero que entenda, o mundo não se

resolve mais na ponta da espada ainda que a lógica se mantenha a mesma. A maioria dos pescoços dura mais do que outrora e alguns chegam a acreditar que a quantidade de sangue derramado seja consideravelmente mais escassa. Mas a mecânica do mundo se mantém, em grande parte, muito semelhante àquela da alvorada da civilização. Talvez seja unicamente a narrativa da sociedade que se tornou mais complexa nos seus detalhes e particularidades, ainda que eu mesmo não acredite nisso. Você viu a plateia e seus humores. Para poder simplesmente falar com você precisei matar seu amigo.

Assegurei que o bandido não era meu amigo e que inclusive tentara me matar. Isso pareceu aliviar o juiz, que deu uns goles no seu drinque e se ajeitou na cadeira.

- Ótimo, isso me ajuda. Confesso que tenho dificuldades de pedir ajuda de alguém que já feriu. Parece contraproducente, não sei por onde começar. Geralmente se agride depois, mas enfim as coisas andam ao contrário nestes dias, não é mesmo? Se fosse da minha índole fraquejar eu também me sentiria perdido como aqueles miseráveis. É demais, a loucura. Corta-se a cabeça do rei e outro toma seu lugar. Corta-se a cabeça do general, do ministro, do papa e, no final, quem será decapitado? A solução foi inventar um dispositivo civilizado para a degola. A guilhotina já não dava os resultados desejados. Foi a gravata que finalmente conseguiu essa façanha, tal qual sua antecessora ela tem como função separar a cabeça do corpo. Por mais fino que seja o seu corte e seu tecido, a gravata serve o mesmo propósito sinistro. Foram os costureiros da nobreza que inventaram tal traje tão edificante! Finalmente conseguiram obrigar os homens a usar a coleira da qual já eram sujeitos há séculos. Afronta insuportável para

gerações anteriores, desejo de consumo desta, assim impera a paz.

O juiz deu mais alguns goles. Percebi que queria conduzir a conversa para outro lado o mais rápido possível. Educadamente ele me perguntou como eu havia chegado nestas partes e o que de fato havia acontecido no deserto. Narrei então em detalhes o episódio dos bandidos e do soldado. Ele não pareceu se interessar sobre isto. Depois voltei um pouco e falei da trupe dos artistas, das bruxas e do bispo. Reparei novamente que nenhuma dessas coisas chamava sua atenção tão pouco. Como ele estava em silêncio há bastante tempo parei de falar e permanecemos os dois quietos por longos minutos.

-As particularidades que nos afogam tendem a se manter ocultas – o juiz quebrou o silêncio com certa dificuldade - Esta é precisamente minha função e a origem do meu poder. Naturalmente protejo tais particularidades com minha vida e a de todos aqueles que são obrigados a me seguir precisamente por elas existirem. Sacrifícios são necessários, naturalmente, mas não acredito no autoflagelo. Todos tem a sua razão, infelizmente a razão não têm a todos. Eu unicamente me alimento disso, por que não? Outro o faria em meu lugar. A simetria da infâmia é de uma beleza horrenda que cega, mas eu tenho olhos muito treinados para esse tipo de luz escura. Ocultar esse processo é a verdadeira arte obscura dos que se fazem senhores da civilização, desde seu inicio. Posso lhe garantir, não existe sensação mais instigante do que ser o carrasco que não se suja de sangue.

O juiz abriu uma gaveta e de lá sacou a aliança. Seu brilho gelado iluminou aqueles olhos cinzentos de ambição.



-Todos têm uma chance de conquistar o mundo, insisto nisso. Todos têm as mesmas chances de nascer bem, de herdar o sangue nobre. Caso percamos essa chance há pouco o que fazer pois assim é a ordem da nossa civilização. Estou muito próximo de conseguir, posso quase tocar meu objetivo final. Curioso como coisas tão pequenas encerram a chave para alcançar o mundo todo. Há muito tempo procuro por estes objetos. Você me trouxe um *ex ante* e assim me levará aos demais.

Neste momento entendi que o bandido se desfez de sua adaga preciosa unicamente para obter alguma barganha sobre o juiz. De fato a conseguiu e me parabenizei por ter deixado esta parte de fora da minha narrativa. Afirmei que havia encontrado o anel aleatoriamente no deserto e que desconhecia a existência de outros objetos similares. O juiz suspirou longamente e um pequeno sorriso cortou seu rosto. Ele se levantou e tirou lentamente o casaco, depois arregaçou as mangas.

-Somos todos capazes de grandes crueldades, é o que nos difere dos demais animais. O requinte da crueldade, o gosto pela maldade e a violência por esporte são nossas maiores contribuições para o mundo. Não há vergonha nisso, devemos inclusive abraçar esta realidade e nos dedicarmos com afincamento às atrocidades. A brutalidade é um campo vasto, perfeitamente lavrado pela humanidade. *Maleficia propositis distinguuntur.*

Ele então sacou um estojo contendo diversas ferramentas pontiagudas de outra gaveta, que reluziam um cromado impecável. Reclinou minha cadeira e me amordaçou.

-Mais um dia no escritório- disse o juiz enquanto enfiava umas pontas debaixo das minhas unhas – mais um dia perdido

entre burocracias tolas. Você sente a necessidade de ser torturado para confessar aquilo que sabe e eu aceito mais esta burocracia. Esta é a maior dádiva em nossa sociedade, fazer da burocracia nosso maior trunfo. É somente por isso que cheguei até aqui. A maioria encontra dificuldades de conciliar seu *modus operandi* com o seu *modus vivendi*, parece que um tende a engolir o outro. Para alguns é a invenção de deus, para outros o matrimônio ou o trabalho. A labuta, a ocupação, o sono acordado, o sedativo para a consciência, a tentativa de simular, acordado, o torpor do sonho. Uma tolice sem tamanho, se me permite a honestidade. Estas pessoas não sabem julgar e assim o fazem de maneira equivocada. Eu mesmo, quando jovem fiquei surpreso ao constatar que era também uma pessoa ruim. A vida toda me vi como o herói, o justo na narrativa do mundo mas isso era uma mera ilusão ingênua. Maior surpresa ainda foi constatar que não dava a mínima importância a este fato novo. Mal, bom, tudo a mesma coisa debaixo de um céu onde o sol não brilha!

Sentia-me próximo de perder a consciência, talvez por isso o juiz tenha parado sua empreitada infame. Ele deu mais uns goles no seu copo e comeu umas azeitonas em conserva. Quando me avaliou recuperado voltou trazendo um pequeno martelo e um alicate de dentes para auxiliá-lo.

- Não fique tão abatido, você não é uma exceção. *A priori* eu condeno ou condenarei a todos. Os sentencio pois eu tenho esse poder como nenhum outro, afinal a suprema corte é minha e o supremo martelo fica em minhas mãos. O que fiz para chegar até aqui? Engoli uma centena de bestas, comprei milhares de homens e vivi o inferno de ponta a ponta somente para poder subir até o degrau mais alto e conjurar o meu inferno que todos terão de enfrentar de agora em diante. Ah,

os monstros que eu criei... um breve olhar sobre eles faria as criaturas do meu tempo se envergonharem tamanha sua doçura frente ao meu leviatã reformado. Este é meu maior desejo, ser o pior de todos que já viveu, minha vaidade absoluta. Não é tarefa fácil alcançar isso, tratamos desde cedo de aumentar e muito os padrões nesse campo, mas ainda chego lá. Acredito nisso. Minha capacidade para tal parece não ter limites e é dessa facilidade que mais me orgulho. As sentenças que assino me provocam imenso prazer e é através delas que vivo realmente, assassinando sem piedade aqueles que não se empenharam o suficiente para chegarem ao degrau que me encontro. Todos se encontram abaixo de mim *ad infinitum*.

O juiz me deu uns tapas no rosto para que eu acordasse. Em seguida respingou água sobre minha face e me deu de beber com muito zelo. Tirou uma das estacas do meu pé e ali despojou também água.

-É por isso que você vai me ajudar, entende? A alcançar esse grande objetivo, o momento central de uma vida espetacular, *ultra posse nemo obligatur*. Afinal, são poucas as coisas que nos dão maior dimensão da condição humana do que a ascensão e a queda de um tirano. Passa-se um século de terror, de tormentos e privações abomináveis somente para ver tudo perder o sentido com a morte daquele déspota. No meu entendimento foi tudo em vão pois eles não foram ruins o suficiente. É preciso destroçar o mundo a tal ponto que nem a morte nem o tempo consigam aniquilar a sua figura! Não, eu não serei apagado!

Ele deu mais um gole e comeu os petiscos. Sacou uma barra metálica e pregos puxando um banco para próximo de mim.

- Não exagero os meus feitos, eu realmente sacrifiquei a todos, incluindo a mim mesmo. Não digo com isso que sofri ou passei dificuldades, muito pelo contrario jamais alguém viveu com tamanho conforto quanto eu. Quando digo isso me refiro a sonho pueril que sacrifiquei nesta campanha. Eu também tinha vontade de produzir algo, gostava de arrancar acordes e viajar livremente pela costa oceânica de mochilas. Sacrifiquei aquele jovem, me tornei aquilo que ele mais odiava e dessa forma o esfaqueei nas costas. Não me arrependo evidentemente, como já disse antes, passar por cima de outros é algo corriqueiro para um juiz supremo. Trago esta informação unicamente para mostrar que um tolo poderia criticar meu caminho trilhado mas estaria equivocado. Hoje odeio a musica e as viagens fora do circuito cortês dos hotéis de luxo. Jogos ou o ópio, mesma coisa. Romances também. É necessário se tratar de tais vícios. O ódio foi um mecanismo que se originou para estancar aquela facada. Abomino esses desejos ingênuos e estúpidos, mas ainda assim eles existiram. É impressionante a quantidade de tolices que insistem em existir, que crescem como capim selvagem. Vejo-me também como o ceifeiro limpando o campo para o progresso. Alguém tem de trabalhar nesse mundo.

Estava ficando sem partes sensíveis para a tortura. O juiz tirou minha mordança para ver se eu estava disposto a falar algo. Não estava e creio que não conseguiria produzir palavra alguma naquele estado. Tentei ofendê-lo e somente consegui murmurar e babar pateticamente. O juiz não demonstrou se importar, parecia ter pego gosto pela prática daquela burocracia. Aqueceu umas pinças metálicas até elas se tornarem vermelhas e se aproximou novamente.

- Meus soldados são os mais terríveis que já circularam pelo país. Sua fama os precede e, por todo o continente, eles são temidos e obedecidos. Ainda assim o real poder está em ditar leis e não precisar obedecê-las necessariamente. É importante controlar o jogo para não ser controlado por ele. De tempos em tempos sentencio um soldado também, é parte da mecânica do jogo, seu *status quo*. Proibir as invasões e então invadir pessoalmente, assim me faço imperador! Quantos jovens imprudentes condenei por tolices corriqueiras ao meu dia a dia? Sinceramente me sinto mal por alguns deles, gostaria de dizer que seu pecado não foi o crime mas unicamente ser pego. É preciso manter as aparências para se desviar da lei, o local mais propício para isso é justamente na tribuna. Nem o rei escapará desse quadro, venho me esforçando para isso. Admiro a nobreza, no entanto preciso destruí-la para tomar o seu lugar. É uma pena, o mundo perderá muito em pompa com seu desaparecimento. Ainda assim é culpa deles, deviam ser menos rígidos nos seus critérios de alianças e terem me convidado para o seu seio logo no início da minha trajetória. Mas pelo contrário, me desprezaram e por isso desaparecerão agora. É o meu esporte neste momento. Cabe também dizer que só abandonaria a posição suprema do juiz caso eles me dessem a coroa, não me contentaria com o ridículo título de duque ou marquês de coisa alguma. Não, eu nasci somente para reinar.

Este ponto pareceu ser muito delicado para o juiz. Percebi que seus movimentos se tornaram leves e repetitivos, quase como se não quisesse produzir dor alguma. Dado algum tempo ele deu por si e despertou dos seus devaneios. Rapidamente recuperou seu ritmo torturante.

-Se tivesse nascido nobre as coisas teriam sido mais rápidas. Enfim, não se pode querer tudo de mão beijada. No final nada me desespera mais do que a loteria genética. Basta olhar para você que reconheço um filho que será sempre filho ainda que venha a ter os seus próprios. Quanto a mim sempre fui um pai, ainda criança desprezei a fraqueza do meu patriarca e assim me tornei pai de mim mesmo. Ainda muito cedo tive um filho e dessa forma dei origem à linhagem que reconhecia como minha. Parece que é uma maldição de gerações, vejo no meu filho a fraqueza do meu pai, até mesmo para me gerar um primogênito. No meu neto é que devo depositar minhas esperanças para que este clã não caia em desgraça. Isso pois meu filho é descendente do meu patético pai assim como eu fora do meu avo ministro. Um político estelar, o que eu poderia ter alcançado se tivesse calçado os sapatos do tolo sonhador do meu pai! Já não desejo mais nada, visto que a tudo possuo e posso possuir, a não ser um neto descendente meu verdadeiramente. Mas estou preso ao estúpido do meu filho. Não o amo, naturalmente, mas reconheço nos outros homens o desejo de proteger sua prole acima de tudo, o que honestamente é impossível a não ser para mim e por isso que o faço. Meu filho é intocável, *vis major*. Recebeu a maior dádiva que se pode ganhar neste mundo ingrato e ainda assim a desperdiça por ser leviano. Não posso culpá-lo, é impossível se tornar qualquer coisa além de estúpido sendo criado como ele foi, tendo e podendo tudo e ainda assim sendo desprezado por todos. Por sorte ele é ignorante a este fato, creio que seja isso que permita que ele continue levando sua vida insignificante.

Neste momento o juiz pareceu cansado finalmente, não das torturas mas de falar sem parar. Largou suas ferramentas

ensanguentadas numa bandeja metálica cheia de água. Foi até uma pia e lavou as mãos demoradamente, sem muito sucesso. Aquilo não pareceu incomodá-lo e ele as secou em uma toalha branca que ficou completamente encardida. Ele voltou secando o suor da sua testa e afetando ares de muito exausto, de quem aceitou uma tarefa extenuante por puro altruísmo.

-Creio que já falei demais. Engraçado como esta burocracia servia originalmente para fazer o interrogado falar. Nos últimos anos tem sido justamente o contrario. Curioso, talvez devamos inverter o processo. Enfim, creio que podemos encerrar os trabalhos, nada de digno sairá daqui após o meu relato. Por fim resta acrescentar que minha conduta não deixa de ser um exemplo a ser seguido, sou a inspiração para os tolos que se julgam meus iguais. Eles embarcam na busca e conseqüente frustração de tudo aquilo que posso mas alguns se resignam por entendem a futilidade deste desejo.

Concentrei o máximo de força que consegui e ergui minha cabeça levemente. Queria ver o que seguiria aquilo, queria ver como acabaria. Vi o juiz sacando um bisturi prateado e examinando sua lâmina. Não contente ele o trocou por outro ainda embalado. Aquele pareceu contentá-lo e ele se virou para mim. O vi dar um leve sorriso quando, vendo meu olhar, decidiu prolongar aquela tortura final. Foi até sua mesa e sacou o copo de whisky, deu goles demorados que saboreou até restar apenas gelo no copo. Pegou algumas azeitonas com os dedos e as jogou para cima afetadamente. Ergueu o bisturi e então parou subitamente e o largou sobre a mesa. Seu olhar ficou sério e levou as mãos ao peito. Foi ficando roxo, seus olhos se esbugalhando. Na testa uma veia surgiu e cresceu ao ponto de que parecia que explodiria a qualquer momento. Sua tez ficou intumescida enquanto ele tossia roucamente, as

mãos apertando a garganta. O tempo todo voltava os olhos para mim como se dissesse “faça alguma coisa!” mas ele havia se encarregado de me privar de qualquer ação. Falhara, porém, ao me deixar um olho escapar ileso. Pude assim testemunhar pessoalmente o fim patético de uma das mais deprimentes existências ao qual nossa geração fora sentenciada.

## XV

Antes de perder a consciência vi um destacamento de guardas afobados invadirem o gabinete na maior algazarra. Corriam de um lado para o outro visivelmente atordoados pela morte do líder supremo. Em dado momento um deles esbarrou na minha cadeira e me derrubou. Caído no chão desliguei completamente.

Nos dias seguintes passei a maior parte do tempo encolhido no subsolo úmido, contando as gotas que caíam lentamente do teto. Fora a média de três interrogatórios por dia nada mais era digno de nota. Acordava deitado de lado e assim permanecia até a primeira de duas refeições. Depois contava as gotas novamente ou olhava sombras projetadas na cela.

Por volta do décimo dia o guarda encarregado de trocar meus curativos começou a falar comigo. Era uma figura enorme e sua aparência era monstruosa ainda que fosse bastante educado. Estava muito interessado no que se passara ainda que eu lhe dissesse muito pouco. Imaginei ser apenas mais um método de interrogatório, mas eu estava enganando. Eventualmente ele desistiu de me fazer perguntas e passou a contar sobre o que estava acontecendo na superfície.

- Um caos, meu amigo – disse ele – você não imagina o quanto mudou a capital. Neste momento trava-se uma verdadeira guerra de influências, que pode muito bem ser o pior tipo de conflito, para ver quem assumirá o comando. Veremos. Vou ficar atento ao desenrolar dos fatos desta vez.

No final da segunda semana entendi que ele era diferente dos demais. Foi após um longo interrogatório no qual levei algumas pauladas que ele apareceu e abriu minha cela.

-Vamos indo. Agora.

Vendo aquele homem que mais parecia uma besta hesitei, naturalmente. Ele então abriu a mão revelando o anel da Sara. Aquele brilho azulado me reanimou e o saquei de imediato vestindo-o no meu dedo mínimo.

-Agora.

Segui aquela figura descomunal calabouço abaixo, por corredores cada vez mais estreitos e mal iluminados. Parecia-me um contrassenso enterrarmo-nos cada vez mais, porém meu guia parecia muito familiarizado com a região. Descemos escadarias e viramos em muitas curvas até alcançar um terreno plano onde uma colossal caverna escondia um labirinto vasto. Sem hesitar meu guia cruzou o pórtico da entrada me puxando pela manga. Nesse momento observei que garras compridas me arranhavam. Em choque vi dois chifres enormes surgirem em sua cabeça.

-Não tenha medo – disse o minotauro – este labirinto é impossível de ser resolvido, mas por sorte fui eu quem o projetou. Vou ajudá-lo a fugir da capital pelo único jeito possível que é pela saída impossível.

Viramos num corredor sinuoso e eu lhe perguntei por que estava me ajudando a fugir.

- A vingança não é um bom projeto- confessou o minotauro com pesar - arruína os homens e a humanidade. Ainda assim, em alguns casos, pode valer a pena desperdiçar tudo, mesmo a vida, para alcançá-la. De bom grado sacrifico a minha para ver um tirano cair, não que eles precisem de ajuda para isso, todos dessa espécie o fazem. Deve ser por isso inclusive que se empenham tanto para subir o mais alto que podem. Não acredito em carma mas o universo se encarrega sempre de fazer o tirano se reencontrar com o solo. Infelizmente, às vezes demora demais. Aí que entra você, lhe devo para sempre estas décadas do juiz das quais não precisarei sofrer. Quis que o juiz perdesse ao menos uma vez, sua fuga representa uma nova derrota para ele. Vê, é impossível sair destes túneis mas não para mim que construí a primeira parede deste emaranhado. Estou para sempre preso à figura do juiz mas esse tanto posso lhe oferecer.

Permaneci quieto seguindo meu guia. Não me pareceu prudente revelar ali que o juiz morrera de azeitonas. O labirinto se estendia por quilômetros para todos os lados, era uma maravilha de tirar o fôlego. Caso não me sentisse perdido ali poderia ficar até emocionado com sua beleza.

- Lindo não é mesmo? Minha cria me emociona ainda hoje – falou o minotauro ao ascender uma tocha que revelou a dimensão do espaço – É dito que o primeiro labirinto foi um cemitério, ali um visionário viu o potencial da confusão proporcionada pela hegemonia do espaço. Criou as passagens como uma espécie de ironia, um deleite para o visitante. Existe desde sempre um contrato dos labirintos que todos aceitamos: eles têm de ter ao menos uma solução. Da mesma forma como as cidades possuem um contrato afirmando que elas fazem algum sentido em sua organização e que nelas

podemos viver bem. Eu acreditava nisso até conhecer nossa capital. A arquitetura é a arte pública por excelência, todos podem vê-la, interagir com ela e também por ela serem agredidos. A engenharia se tornou também um campo de domínio. A arquitetura ruim, a arquitetura do mal da cidade opressora são escolas muito vigentes. O labirinto é apenas mais uma alegoria deste movimento secular do aprisionamento.

Depois de horas paramos para comer e descansar. O minotauro ascendeu uma fogueira muito rapidamente e me ajudou com os curativos. Ficamos ali bastante tempo ouvindo o estranho ruído contínuo produzido pelo labirinto, uma espécie de eco sem fim quase fantasmagórico. Observei desenhos raspados no muro, me perguntei se fora alguém perdido séculos atrás que os produzira em desespero.

-Para se projetar um labirinto não há muita escapatória - disse o minotauro organizando nossa partida - é preciso se perder nele. O primeiro passo é erguer o corredor até a saída, a resposta da charada. Em seguida voltamos e abrimos passagens para as tentativas falsas. A partir daí repetimos estes passos até que o labirinto esteja pronto. Do meio dele temos a oportunidade de testar nossa criação pessoalmente. Eu mesmo gastei alguns anos buscando a saída somente para entender que eu também havia sido condenado ao labirinto. Em minha vaidade criativa perdi meus melhores anos o que serviu perfeitamente as pretensões do juiz. Eu era muito forte e teria oferecido resistência a ele. Confuso no labirinto, acabei por perder a mim mesmo e o touro escondido em mim cresceu e trinfou. Deixei que ele assumisse o controle crente de que poderia espantá-lo quando conseguisse resolver o enigma para a saída. Evidentemente, não foi o que aconteceu. Depois disso

procurei por muito tempo uma saída do touro mas tornamos um só e foi aí que entendi a jogada do juiz. Hoje fiz as pazes com o touro, aceito ser o monstro e a causa da minha miséria não mais me envergonha ou atrasa. Reconheço que por mais desfigurado e deformado que eu possa ter ficado não cedi as chantagens da maldade vigente nesta cidade. Todos se apavoram quando veem o minotauro descendo a rua, mas se assustam por ver naquela figura uma resistência da qual eles nunca tiveram coragem.

Confessei que não havia reconhecido nele uma besta, que demorei a notar sua natureza dupla.

-Ora, tal fato não me surpreende muito. Você pode passar a vida no campo, em meio aos rebanhos em migração elíptica. Você pode se acostumar ao canto do galo, o movimento conjunto do gado ou das ovelhas no pasto. Ainda assim esses serão sempre bestas. Pouco importa que sejam belas ou que tenham se deixado adestrar ou batizar. Sua natureza permanece e nos esquecemos com frequência desse caráter essencial por trás de tudo. Eu também vivo cercado por bestas, que falam e amam, odeiam e destroem. Vivo no seu labirinto, a cidade, que estranhamente não pertence a nenhuma delas. Ao contrario do meu labirinto, estas criaturas ergueram o seu unicamente para que elas mesmas pudessem nele se perder. Desde jovem eu tinha medo que alguém reconhecesse minha natureza monstruosa, que carregava comigo dormente. Logo notei, porém que as pessoas trataram de se reduzir à bestas e, se chamei atenção por algo, foi por ser pouco selvagem. Afinal eu servi e vi muita ação. É na guerra que as bestas encontram o seu real valor, mas logo se arrependem de fazê-lo ou então dedicam-se a barbárie. Esta não é uma ocupação possível para os não embrutecidos.



Curioso perguntei-lhe sobre seus anos no fronte. O minotauro ficou cabisbaixo e seus passos se tornaram curtos. Escolhia nosso rumo lentamente como que se demandasse o dobro de atenção para essa tarefa com os pensamentos que ocupavam sua mente.

-É um erro... – ele expiou finalmente - ser um guerreiro, servir a guerra. É ainda mais estúpido ser um soldado, ser um escravo. É estúpido porque nunca enfrentamos os nossos inimigos mas o inimigos alheios. Estúpido pois não nos é permitido avaliar as situações, não nos é permitido o livre arbítrio. Só servimos para atacar quando nos é ordenado. O soldado vale pouco mais que um cão. Apertam-nos a coleira e nos ataçam, nos deixam famintos presos no canil. Quando menos esperamos nos afagam, geralmente um pouco antes de nos mandarem para a rua para ladrar e morder raivosamente quem se aproxima demais. Eu não era um cão mas um touro. Ainda assim aceitei a coleira e acreditei que virava também um cão para meu dono. Todos os anos que passei no fronte porém, foram gastos numa empreitada de engenharia. Erguer a mais alta torre para proteger os limites setentrionais do império; eis todo o combate que meu regimento e tantos outros conheceram na longa guerra. Os escravos traziam os pesados blocos de pedra através do deserto e a maioria morria ali mesmo. Na falta de mão de obra descartável nós mesmos tínhamos de empilhar as pedras. As únicas vezes que disparei meu rifle foram para abater os desertores desesperados, coisa que acontecia com frequência maior do que os generais gostariam de admitir. No fim não existe companheirismo no exército, no melhor dos casos alguma cumplicidade nesta tragédia que é o homicídio coletivo combinado. Também, o que esperávamos, salvar a humanidade com versos ou

imagens bonitas? Se a pólvora não conseguiu o que conseguirá? Eu te respondo, o marasmo do tédio! Esta é a única esperança para a paz triunfar na terra. A torre nunca ficou pronta, em séculos de trabalho por que era um projeto infundado, desprovido de sentido. Um movimento fruto do medo que os reis tinham de exércitos tão grandes sentados em seus pátios. Foi somente quando todos se resignaram e cruzaram os braços houve paz.

Chegamos a um terreno elevado que parecia um altar. Dali subia uma escada bonita parecida com um caracol gigante. Subimos e já era possível sentir ar fresco vindo da superfície. A pedra usada ali era lisa e agradável ao toque, parecida com o interior de conchas marinhas.

Para minha surpresa alcançamos o deserto. Não imaginei que tivéssemos caminhado tanto nestes dias, especialmente devido ao caráter elíptico do labirinto. O minotauro parecia satisfeito com sua obra prima. Lentamente seus chifres e cascos diminuíram até desaparecer. Estava habituado agora a sua aparência e reconheci nele um cúmplice, um amigo talvez. Dei-lhe a mão e confessei que o juiz morrera sozinho. Para minha surpresa ele abriu um sorriso.

- Este é o melhor presente que poderia receber – disse-me ele – ver os delírios de grandeza do juiz esmagados por umas sementinhas. Nada mais humilhante para alguém que se presta ao combate do que cair vítima do ponto cego. Pelo ato falho, sentindo que nós mesmos nos entregamos. Aquilo que não somos capazes de perceber em nosso estado mais alerta representa sempre o maior perigo. Fora assim que o juiz me derrotara no passado...

Perguntei ao minotauro se ele não podia me indicar a direção de umas pedras altas lascadas ali no deserto. Ele o fez

e lamentou não poder me levar adiante, precisava retornar para a capital para encarar o novo juiz. Ele aconselhou-me então para que não demorasse no deserto e me recomendou buscar seu amigo eremita como guia.

- Meu maior amigo, o eremita. É a melhor pessoa que encontrará nesta terra desolada. Pelo titã, que mente iluminada! Uma pena que tão poucos tenham o privilégio da sua companhia, o mundo tratou de hostilizá-lo até espantá-lo para fora da vista. A cidade nunca perdoa aqueles que andam na contramão.

Separados-nos e o minotauro desapareceu imediatamente na escadaria do caramujo. Eu segui em frente, mancando miseravelmente e com apenas um olho aberto. Ainda assim não dei grande importância para essa dificuldade. Segui a areia no ritmo que me era possível. Minha estadia na capital fez desaparecer qualquer desejo de retornar para a civilização.

## XVI

Eventualmente alcancei as pedras lascadas onde eu fora apanhado pelo soldado. Atrás de uma rocha enfiei as mãos na areia e encontrei a faca do bandido sem grandes dificuldades. Observei seu brilho bonito e notei certa reverberação com o anel no meu dedo. Imediatamente senti em meu estomago uma força me atraindo para fora do deserto. Soube prontamente onde o último objeto me esperava.

A paz naquele lugar era total. Perguntei-me se não seria mais sábio passar o resto da vida escondido ali atrás das pedras. Mais seguro seria com certeza. O que me tirou do esconderijo foi unicamente a semelhança daquelas pedras

compridas com as barras de uma jaula. Lobos não podem viver presos e eu me sentia agora um pouco lobo, solitário e ferido vagando pelo deserto. Se optasse por ali permanecer me tornaria menos que um cão, seguramente o minotauro concordaria comigo neste ponto. A certeza de uma vida longa passada em cativeiro se encarregaria de consumir a paz daquele local.

Tomei então o rumo que me fora indicado adentrando fundo nas entranhas do deserto. Por muito tempo marchei sozinho sem depositar meu pensamento em mais nada. Encontrei o eremita meditando sobre uma pedra redonda solitária. Ele era muito magro e alto, tinha a pele queimada e a barba comprida. Pude vê-lo a quilômetros de distância pois o terreno era completamente plano nessa parte. Demorei-me para alcançá-lo, não queria espantá-lo muito menos interrompê-lo. Eu me apresentei finalmente e ele desceu a pedra para me dar mão. Convidou-me para andar com ele e eu perguntei se ele era de fato o eremita amigo do minotauro.

- É possível, ainda que eu mesmo não me veja assim. A única certeza que tenho neste momento é que ando neste deserto, portanto sou um andarilho; e que falo com você, ou seja um andarilho falante.

Como o calor era intenso ele dividiu sua porção de água comigo. Sedento, aceitei de bom grado o frescor. O eremita comentou rapidamente que o caminho mais rápido para sair do deserto seria pelo mar vermelho e que essa seria também uma boa rota para fugir das altas temperaturas. Seguimos pelas areias escaldantes lado a lado. As vestes cheias de penduricalhos do ermitão produziam uma trilha sonora tímida para a viagem.

-Você parece exausto – observou o eremita - reconheço bem tais sintomas. Ao olhar para você sinto como se mirasse num espelho que me reflete quando jovem. Se me permite um conselho, não aceite viver assim, se rebele. Foi o que fiz muitos anos atrás. Talvez minha aparência não lhe inspire muito a seguir esta indicação mas que fique claro que o que eu mais carecia na época era paz e que esta eu encontrei aqui.

Comentei que de certa forma eu já havia me rebelado indo até aquela terra. Ele franziu o cenho pouco convencido.

-Talvez o que lhe falte seja clareza. Talvez você esteja mergulhado muito fundo sem nem ao menos perceber que está submerso. Difícil definir esse fenômeno vago, dessa espécie de afogamento em sombras ocultas. Vi isso acontecer uma centena de vezes, bem aqui nesta região. Buscamos a solidão pois não aguentamos quando somos vigiados o tempo todo. Ainda assim são poucos os que não enlouquecem no deserto. Quem deve se culpar por esta insanidade? O deserto ou o desejo? Queremos nos acreditar sozinhos e independentes, acreditar na nossa individualidade sagrada que obviamente é puramente ficcional.

Intrigado perguntei como o eremita havia evitado a loucura. Se ele não havia em dado momento se afogado de forma semelhante. Ele sorriu demoradamente observando as dunas à distância.

- Naturalmente – suspirou em tom agridoce – vivi uma parte significativa da minha vida na condição de afogado. Na época vivia na capital. Eu não podia aguentar aquele pantanal, um lodaçal absoluto. Troquei o deserto de pensamento e vontade pelo deserto de areia. Foi uma escolha saudável, no final das contas. Isto, no entanto levou anos para acontecer, foi necessário muito sofrimento até entender esse quadro.



Naquele período eu era escravizado de varias formas diferentes. A indigência afetiva é talvez das piores formas de pobreza. Carentes de afeto, esmolamos por carícias, para combater a fome de amar. Mendigamos migalhas emocionais que colecionamos feito um tesouro perdido. Insistia então em perseguir algo que sabia ser falso. O narcótico da presença alheia configurava meu único conforto. Este foi o único aspecto no qual me senti realmente pobre neste deserto, mas já o era na capital. Verdade é que na cidade eu era consideravelmente mais miserável, pois era constantemente assombrado pela presença de três milhões de pessoas, três milhões de espectros intangíveis. Neste sentido a aridez deste sertão, sua vastidão solitária configura não uma pobreza mas uma riqueza, visto que essas noções são muito dependentes de

comparativos e aqui não há nenhum. Como calcular minha solidão? Pelos grãos de areia? Pelas nuvens fugidias ou pela escassa vegetação rasteira? No deserto aprendemos a não medir nossa tristeza e apenas a sentimos. Pois bem, acontece que um relacionamento é uma espécie de vida. Nasce, cresce e aguarda seu fim inevitável. É daí que vem a melancolia, presente já no início dessas relações, que aqueles mais sensíveis conhecem tão bem. O que me restava além desta melancolia pelo luto anunciado era o miasma da rotina abissal, da obscenidade provinciana, a agressão da paisagem industrial.

Contei ao eremita que eu vivera de forma semelhante. Suas palavras ecoavam comigo e minhas experiências. Perguntei o que acontecera com seu amor, se ele se arrependia de tê-lo deixado.

-Arrependimento é uma constante na vida, só os mais delirantes afirmam serem imunes a sua presença. Resta dosar os efeitos negativos que geralmente impregnam o imaginário das vidas que escolhemos não levar. Quanto a minha parceira viverá para sempre comigo pois foi alguém que escolheu se aproximar e só isso já basta. Curioso como ela me elegeu para seus afetos dentre tantos outros. Dói-me o fato de que não pude correspondê-la, de que é impossível correspondê-la porque o amor que ela procura já não é possível senão fora de sua imaginação. Ela também era vítima da capital, lhe venderam o sonho com o qual prendem as pessoas e as tornam moradores e nada mais. Quanto a mim era pouco mais que ignorante, um zumbi cego vagando ao meio dia. Estava sempre exausto, não conseguia manter os olhos abertos. É uma estratégia recorrente na história da humanidade vencer pelo cansaço. Esta tem sido uma ferramenta amplamente

utilizada pelos detentores do poder desde os primeiros ensaios de organização humana. Tornamos o mundo numa máquina enlouquecida, de engrenagens pesadas e devoradoras de gente. Mediocre, em resumo, feita a semelhança daqueles sentados no topo desta pirâmide. Difícil lutar pelo que quer que seja quando se está cansado demais para ficar de pé. Não é a toa o conforto proporcionado pelas poltronas dispostas frente aos televisores, leitos para o pré-sono presenteado por estes aparatos infernais.

No horizonte avistamos o mar, uma linha escura cortando as areias. Já era possível sentir o vento renovador e caminhamos como que atraídos por esse balsamo.

-Na época jogava minha vida fora lentamente, como que a conta gotas e sentia quase orgulho disso. Perder a mocidade em busca do pão... é obscuro. Encurvar as costas na mina, turvar os olhos na forja, calejar as mãos abrindo estradas, em que isso enobrece o homem? Alguém como eu, é odiado sobre tudo por não partilhar do destino do servilismo hereditário, por não ser cúmplice no contrato silencioso passado de pai para filho quase que inconscientemente. A maioria de nós não quer mudar o mundo, é verdade. Existem aqueles, porém que querem conservar o mundo tal qual ele foi nos últimos cem anos. O que geralmente se traduz em torná-lo significativamente pior. É tudo muito triste, fomos colonizados. Poucos querem aceitar isso mas é a verdade. Não podemos pensar por nós mesmos, não temos autorização para sermos aquilo que desejamos. Não conseguimos nos imaginar sem o referencial dos nossos donos, nossas crianças se acham feias e burras, somos levados a crer nisso, hereditariamente. É muito triste, qualquer um que tenta qualquer coisa que seja é duramente reprimido. Para ter um pouco de paz é preciso



abandonar a colônia, abandonar o contato social pois fomos marcados. Minha estirpe foi desertada por ser uma peça de quebra-cabeças sem os encaixes. Produzir seus próprios encaixes, suas formas originais é uma ofensa sem tamanho para os escravizados voluntários e seus senhores. Somos expulsos, devemos morrer sozinhos sem transmitir nossa liberdade a um herdeiro.

Surpreendi-me com o tom passivo do eremita apesar de sua posição revolucionária. Quis saber por que ele aceitara isso, ser separado de tudo e todos tendo plena consciência dessa punição.

-Não se combate a infâmia, fazer isso é se tornar igualmente infame. Dela podemos unicamente fugir e assim eliminá-la. Problema é que aqueles que dela fazem uso se empenham em torná-la totalizante, em ampliar sua influência e alcance sobre todo o mundo. Quando não se pode fugir da infâmia deve se lutar contra ela, ao preço de nossa própria inocência ao fazê-lo. Pode se vencer do infame, porém já tendo perdido em primeiro lugar. Infâmia é uma mancha, do tipo que se mantém sempre fresca e que se gruda em qualquer corpo ao menor dos toques. Não se pode limpá-la, somente transferi-la parcialmente. É preciso dividir a infâmia igualmente entre toda humanidade antes que ela se reproduza e engula a todos. Morremos de medo dos refugiados invasores, dos conflitos trazidos para os subúrbios mas isso é apenas democratização da infâmia. Em algum momento teríamos de engolir nossas ações isto é, considerando que ainda insistiremos no conceito de sociedade humana. Não se pode perdoar realmente as atrocidades cometidas, elas permanecem feito ecos contínuos. Deve-se tentar impedir que tais crueldades sirvam de pretexto para gerar novas agressões

e assim cair infinitamente no ciclo violência que chamamos de história.

Com um estrondo uma onda nos saudou a praia. Estávamos de frente para o mar avermelhado de águas escuras e densas. Caminhamos pela costa comentando a paisagem pacífica. O eremita me explicou que aquelas areias eram desertas pois nada podia crescer ali, as águas eram venenosas e não havia vida alguma nelas. Seguimos as ondas quebrando até encontrarmos um tronco fincado no chão. Amarrada ali estava uma espessa corda que seguia mar adentro.

- Para ajudá-lo a cruzar o mar sanguíneo – disse o eremita enquanto puxávamos a corda com força – vou apresentá-lo a uma conhecida minha. Baseei muito da minha teoria do afogamento nela, ainda que seja difícil um diálogo com ela. Veja, ela não sai do mar e eu sou confinado ao deserto. Esperamos assim as marés cheias que vem somente a cada década. É muito difícil uma relação pautada na espera ainda que toda relação seja pautada em alguma espera.

Ao passo de alguns minutos um barco surgiu do fundo das águas e permaneceu boiando, antes das ondas quebradiças. O ermitão me apontou com a cabeça e disse para nadar até lá. Agradei por sua ajuda e, com uma reverência, nos demos às costas.

## XVII

Entrei no mar revolto e nadei com dificuldade contra a maré agressiva. O cheiro da água era forte e cortante como o de um combustível, sua densidade parecia maior o que logo me deixou cansado da empreitada. Ao alcançar as ondas grandes fui sacudido e bebi muito daquela água ardente. Mergulhei

diversas vezes e, não fosse a corda presa ao barco que usei como guia, não teria alcançado meu destino. Uma mulher me deu a mão e consegui subir a bordo da embarcação azulada, cravejada por mariscos e musgo.

-Você cheira a terra – disse-me a afogada – que saudade deste cheiro!

Ela se aproximou e enfiou o nariz no meu cabelo e minhas roupas. Sua pele tinha aparência gelada e ela estava completamente molhada. Quando se acostumou ao meu perfume foi até o final da barca e começou a remar descontraidamente. A gôndola deslizou suavemente como se tivéssemos abandonado as águas tumultuosas e alcançado um tranquilo canal.

-Será uma pena perder esse cheiro quando mergulharmos logo mais a frente. Conheço muitos atalhos, posso levá-lo para qualquer canto do grande oceano vermelho.

Tratei prontamente de assegurar que isso não era necessário, que eu julgava mais sensato navegar pela superfície. Afinal de pouco adiantaria chegar mais rápido à costa se eu estivesse morto.

- Verdade, esqueço-me com frequência destes detalhes. Geralmente não recebo passageiros de primeira viagem. Sempre que possível busco a submersão, minha maior paixão é o mergulho.

Perguntei se ela navegava há bastante tempo. Se não se incomodava de viver encharcada por águas de sabores tão fortes.

-Sempre gostei de nadar, me sentia reconfortada por esta prática. Com o tempo comecei a mergulhar e assim tive de abandonar as piscinas por serem demasiadamente rasas. Ansiava pelas profundezas, pelos longos períodos submersa.



A separação do mundo proporcionada pelo mergulho era o maior alívio que já sentira em vida e assim eu tratava de buscá-lo sempre que possível. Mudei-me para a praia e até comprei um barco. Vendi minha casa eventualmente e passei a morar no barco, e isso unicamente pois precisava retornar para renovar o ar nos pulmões. Em seguida comprei os melhores equipamentos de mergulho e assim passava os dias inteiros debaixo da água. Ainda assim sentia que não era suficiente para abarcar o meu desejo e isto me apavorava. Tinha medo do próximo passo, reconhecia nele meu destino, minha vocação para me tornar a afogada daquelas águas. Mas temia meu sonho e assim fugi dele, fugi para o mais longe que pude..,

A afogada parou seu relato e fiquei confuso. Observando-a mais uma vez perguntei como ela acabou onde

agora se encontrava. Sem parar de embalar o remo ela me disse de forma ritmada:

- Tememos o destino e fugimos dele somente para cair em suas garras. Esse é o seu jogo para aqueles que são frágeis como eu fora. Acordei certo dia na praia e, sacando a ancora de uma embarcação abandonada entrei nas águas e ali fiquei. Por muito tempo habitei sozinha as profundezas. Vi meu reino de paz se transformar numa aberração horrenda. Nada me entristecia mais que isso, ver deformado aquilo que fora até então me único conforto. Por sorte fiz uma amiga nas profundezas em dado momento e isto mudou...

A afogada me olhou de soslaio, em seguida apontou para a insígnia na minha mão esquerda.

-Sim, ela se comoveu com minha história. Disse-me que eu carregaria um infortúnio que ela sabia bem ser insuportável. Demonstrou-me amor como nunca recebi antes e por isso serei sempre grata. Ela ainda vem me visitar as vezes, me conta do outro lado, o qual nunca alcancei propriamente. Parece que esbarramos na mesma maldição que é a permanência daquilo que devia desaparecer. Nós duas exageramos nossas boas vindas, o tempo que ficamos nesse recinto que é o mundo.

A marca ardeu na mão e o anel me apertou. Ainda assim não quis levar o tópico da conversa para Sara mesmo que não soubesse o porquê. Em seguida a afogada me confessou que fora justamente Sara que arranjava esta carona através do oceano vermelho. Perguntei-me o quanto da minha vida era realmente minha, o quanto eu caminhava com minhas próprias pernas.



Seguimos por mais algumas horas até alcançarmos a praia na costa oposta. Ali a afogada tomou o rumo de um rio que desaguava no mar e subimos para dentro do continente. A paisagem foi mudando, a vegetação se tornando mais feia e fechada até que me vi no centro de um pântano desprezível. O cheiro era insuportável e eu sentia apenas vontade de fugir ao invés de me entranhar ainda mais naquelas paragens.

-Nestas partes de pântanos lodosos e charnecas horrendas é possível sentir no ar o odor putrefato da carne do titã. Ao longo de todo nosso pobre país os ventos dos seus suspiros afastam tal miasma para longe, mas não aqui. Nestas partes todos os indivíduos estão sujeitos à sua influência corruptora. É uma terra de criaturas impetuosas. Do miasma do cotidiano opressor, da sensação de impotência e da falta de perspectiva, é impossível fugir. Um lembrete constante, o

cheiro que se entranha nas coisas e na vida. Mesmo aqueles que milagrosamente conseguem escapar o carregam junto do passado e deles são prisioneiros. O sabor que o miasma deixa na boca não é outro senão o da culpa algoz.

Além do pântano alcançamos canais de águas razoavelmente mais cristalinas. Ali surgiu um burgo pequeno construído de forma elegante. Todos os prédios eram bem acabados, mansões em maioria. A afogada atracou sua barca num píer privado de um castelo. Desembarquei e agradei pela viagem.

-Adeus amigo- disse-me a afogada – tome cuidado a mergulhar nesta cidade. O miasma que ela produz faria do pântano um paraíso por comparação. Tome cuidado especialmente com os nobres que aqui habitam e os joguetes aos quais se dedicam.

Ela me acenou e rapidamente se pôs de volta no rumo do oceano. Acompanhei-a com o olhar até o barco submergir nas águas lodosas mais adiante.

Do píer saltei para uma ruela e segui pelo burgo. Fiquei surpreso ao observá-lo, então era ali que os nobres se escondiam. Esperava mais sinceramente, não me parecia claro porque aquela pequenina cidadela fora eleita por eles. Talvez quisessem passar despercebidos, o caráter sóbrio das ruas era esmagadoramente distinto dos interiores entupidos de pertences dos casarões. Havia uma aura de silêncio por aquelas ruelas, todos se portavam de forma muito contida e atenta, feito crianças que acabaram de quebrar algo.

Este quadro só era contrastado pelo carnaval que lotava a praça central. Lá estava concentrada uma multidão de transeuntes, dançando ao som de tambores sincopados. Os foliões ocultos vestiam suas máscaras para poderem revelar



sua natureza. Toda a sua liberdade estava confinada àquele espaço de dissimulação e aquele momento breve do ano. Suas colunas pareciam sofrer tamanho o peso nos pescoços abarrotados de joias que eles exibiam. Uma mulher arrastava um cão incapaz de andar devido os rubis e fios de ouro sobre seu lombo, um homem carregava barras de ouro como um recém nascido. Algumas pessoas tentaram me expulsar da parada, outras apontaram censurando meu rosto nu.

A organização das fileiras no desfile se dava de acordo com as posses. Rubis eram seguidos pelo ouro, então vinha a prata e as safiras. Tropecei numa gema polida e me perguntei o que era a propriedade para esses nobres? Vi a sujeira acumulada pela praça, joias jogadas por todos os lados e nisso reconheci sua soberania. O seu desejo de soberania e o conseqüente delírio de soberania. Um burguês gordo jogava rubis por onde passava somente para ajuntá-los quando ninguém observava. Uma nobre arrastava um bloco descomunal de ouro para o centro da praça, suas costas estavam arqueadas e as mãos esfoladas. Foi imediatamente saudada por todos ali aos brados ciumentos.

Alguém gritou algo ao meu ouvido e eu apenas apertei o passo. Ignorando as reprimendas crescentes segui para o subúrbio puxado pelo magnetismo que atraía o anel.

## XVIII

Naturalmente os nobres necessitavam de um batalhão de servos para sobreviver e assim aquele burgo impecável escondia um subúrbio entre duas colinas altas. Não vi vivia alma nas ruas de pedra tosca e, apesar da aparência pouco amigável do bairro, estava aliviado por não depender de um

nobre para conseguir o objeto que procurava. Segui até à última casa, que era de longe a mais bonita do subúrbio. Pintada de branco possuía uma varanda comprida e um jardim bem cuidado à sua frente. Encontrei a chapeleira sentada no gramado bem aparado, suas mãos calejadas repousavam esticadas à frente sobre seus pés. Essa cena me remeteu imediatamente ao meu primeiro encontro nesta terra.



Ao me aproximar mirei impressionado o seu rosto melancólico, entendi na hora estar na presença de uma personalidade que se mostraria definitiva em minha vida. Em minhas andanças foram algumas as figuras que me causaram tal impressão, Sara e o poeta especialmente ocupavam meu pensamento com frequência.

-Só não lhe convido para entrar – disse ela conforme pus meus pés na grama- pois já não convido pessoa alguma para entrar. É preciso cuidar com quem deixamos se aproximar. Assim, fiquemos aqui no pátio, a vista é bonita e o vento alivia os pulmões cansados. É bom falar com alguém depois de tanto tempo, infelizmente devo alertá-lo para o fato de que já não trabalho mais. Aposentei minhas agulhas para sempre.

Traíndo a mim mesmo, fiz uma careta para a negativa dela. Antes que pudesse reparar essa tolice ela franziu o cenho e dobrou as pernas.

-Peço seu perdão mas não abro exceções. Meu tempo de dobrar a minha vontade frente à dos outros já passou.

Apesar de tudo ela ainda me observava e julguei sensato repousar ao seu lado. Sentado no gramado reparei em como ela era alta, seus membros esguios e compridos ocultavam anos de trabalho duro.

-É um belo anel este em seu dedo – a chapeleira balançou a cabeça – Sempre gostei de tais objetos, trajes confeccionados a partir de metais. Vestimos os anéis da mesma forma que um general coroa as falanges de lanças enquanto elas avançam para conquistar novas paragens. As mãos também avançam de forma semelhante, conquistadoras da topografia do corpo desejado, da amante cobiçada ou do príncipe encantado. Quanta violência e quanta beleza residem num simples toque, tal qual o golpe preciso que abate a presa

agonizante. Leve e tímido, de maravilhosa pequenez mecânica se faz gigante, se assim permitirmos. Uma memória colossal para a vida, o ponto mais alto de toda uma existência, a bandeira tremulante presa numa lança cravejada no topo da mais alta montanha. Essa é a potência secreta que um toque pode ter, se assim o quisermos.

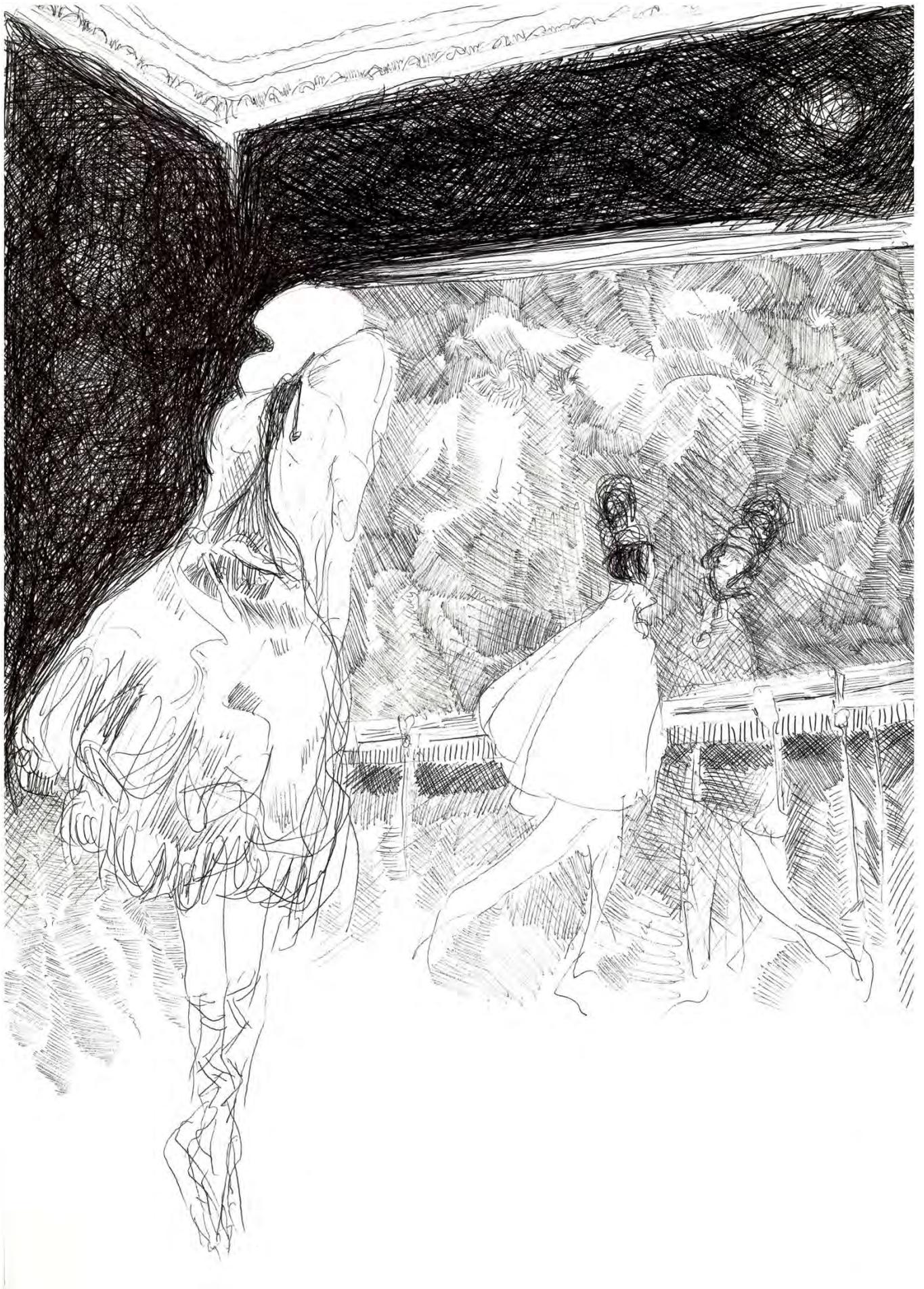
Expliquei que esta era uma aliança de noivado, que me fora dada para cortejar alguém. Disse que precisaria da ajuda dela para alcançar finalmente meu destino. A chapeleira riu ironicamente e perguntou o que era esse destino do qual eu enchia o peito para falar. Pego de surpresa balbuciei algumas coisas contraditórias a respeito de encontrar o titã, duelar com um louco e sair dali.

-Não me convenceu, parece que você não sabe de nada. Parece que foi convencido de que é um trem, que só pode andar para frente ou para trás. Nunca pensou em sair dos trilhos? Desculpe a grosseria, mas me incomoda identificar os mesmos erros que eu cometi. Quanta tolice, existir por meio de outros. Demorou mas eu aprendi a meramente viver um dia após o outro. É perigoso ser inteiramente pautada por nossas expectativas, não acha? Arrependo-me do tempo perdido buscando sensações que simplesmente não eram possíveis para mim. Tal qual uma montanha desejando voar ou o vento invejando a solidez da rocha. Eu achava que amava o que perseguia e assim corria desesperadamente sem pensar nos passos que dava. Na verdade era refém daquele conforto proporcionado por algo que acreditava ser amor e é incrível como permanecemos cegos aos fatos mais óbvios que se mostram à nossa frente. Neste quadro só podemos mesmo esperar que o inverno passe, que os ventos quentes enfim vençam o frio. Eu também só podia esperar ser amada, não se

pode forçar o amor de alguém, ainda que sua vida dependa disso. Essa é a tragédia dos que amam, raramente são atendidos. Um dia recebem aleatoriamente alguma atenção e, arrebatados por essa novidade inédita, acreditam construir um novo amor. Assim mais um amante deixa de existir porque atenção não é amor.

Algo no que a chapeleira disse chamou minha atenção. Ela sacou uma folha do gramado e a partiu em vários pedaços menores. Incapaz de formular algo melhor perguntei apenas como ela conseguiu sair dos trilhos.

- Para mim a salvação foi a alfaiataria. Estava muito mal e encontrei nessa arte o alívio para meus tormentos, que eram tão profundos que me tornei uma mestra na prática. Nessa época fui contratada pela nobreza que, necessitando ocultar a sua pequenez me buscaram para embelezá-los. Rapidamente meus chapéus se popularizaram, não pelo esmero e dedicação que colocava na sua confecção, mas devido à evidente carência dos nobres de encontrar algo em suas cabeças. Por muito tempo me empenhei em desenvolver uma forma de confeccionar miolos para preencher seus crânios ocos e, ao falhar, me apavorei. Estava certa de que me cortariam a cabeça ali mesmo! Quanta tolice. É fonte de orgulho para as autoridades a facilidade com que alcançam as coisas, a forma como a infinidade de regras algozes que nos ditam a vida são completamente ignoradas por eles. Sim, eles adoraram aquele desfile de chapéus ridículos; o do pavão e o da tigresa especialmente, os mais cafonas, foram sucessos fenomenais! Não pude esconder o riso histérico ao constatar que não somente não enfrentaria a guilhotina como poderia agora viver num casarão e chama-lo meu! O quão estúpido é o mundo? Ele é tão estúpido quanto aqueles que o comandam.



Mas enfim, estou divagando, o que eu posso saber? Bem, eu produzo as roupas sob medida para ocultar aqueles corpos, os conheço bem, sei o que desejam esconder. No final os nobres são todos iguais, feios e pequenos igualmente. Talvez por isso sejam tão obcecados em construir para si distinções. Criaram um sistema hierárquico tão complexo quanto sem sentido. Algumas roupas têm maior valor que outras, penteados, cargos, títulos e posições seguem uma receita semelhante. É tudo muito aleatório e dissimulado, porém eles se impõem esse jogo cruel como uma régua divina que dita todos os pormenores de suas vidas infelizes. Realmente os considero deprimentes, por terem e poderem tudo e ainda assim se resumirem a tão pouco. O sangue azul é das ficções mais delirantes já concebidas mas os servos a aceitam pois não lhes é dada outra opção. Quem sou eu para julgar, não passo de uma boba que gosta de passar as tardes sentada na grama. Desenho e costuro belos vestidos e casacas e isso é tudo. Minhas novas gravatas se tornaram um fenômeno nacional, quem podia imaginar. Creio que do meu atelier já saíram mais gravatas do que existem pescoços nessa terra, mas também sou incapaz de competir com o ritmo das guilhotinas.

Ela então me convidou para observar seu trabalho. Vendo naquilo uma brecha aceitei prontamente e afetei interesse pelas vestimentas aquelas que eu nem saberia onde colocar sobre um corpo. Subimos a varanda e atravessamos a grande sala sem demora até seu atelier. Para minha surpresa tudo era muito chique e impressionante na casa da chapeleira. Havia uma infinidade de manequins vestidos e roupas penduradas. Deixei escapar um suspiro de choque ao ver casacos de pele nobre amontoados num canto como se nada

fossem. Tenho certeza que minha expressão embasbacada deve tê-la agradado.

-Esta é mesmo uma produção impressionante, não sou modesta. Os reis e atores famosos vestirão meu trabalho pela eternidade nos quadros e filmes nos quais foram capturados. Todo o continente se vira para mim quando o assunto é moda. Devo admitir, no entanto, que nem sempre foi simples assim. Passei fome pode acreditar? Sim, eu era pouco mais que uma artesã medíocre, vivia na capital com doze irmãs para criar. Com uma agulha conseguia pouco mais do que furar meus próprios dedos. Ainda assim tudo mudou no curso de alguns anos. Curiosamente eu gostava de viver nessa época, havia maquiado todas as circunstâncias para confeccionar uma realidade na qual não era ruim ser eu mesma. Havia erguido um enorme castelo no qual podia me esconder o tempo todo. Quando me arriscava no mundo exterior não o fazia sem vestir minha impenetrável armadura de diamantes, talvez a primeira vestimenta que confeccionei. O medo que eu provocava nas pessoas me ajudava a lidar com meu próprio medo. Tudo isso mudou, porém quando fui enganada e despida dessa armadura. Sem perceber abri os portões do castelo, eu mesma derrubei minhas muralhas e então... então fui abatida tão rápida e certamente que ainda vivo apesar do golpe fatal... Vê, é muito triste morrer, mas todos nós o fazemos. O pior é quando se é ainda mais triste ao viver e assim me parece que são vividas a maioria das vidas. Nunca escolha amar, não é o tipo de coisa que se deve escolher. Se acabar por amar, aproveite e se deixe submergir, mas nunca busque o mergulho pois as profundezas são ciumentas.

Imediatamente pensei na afogada e observei curvas tristes dominarem o rosto da chapeleira. Perguntei se ela

buscara o mergulho por vontade própria ou se havia sido arrastada pela correnteza.



- Difícil dizer... Verdade é que eu era medíocre e minha ascensão veio unicamente do coração partido. Desde cedo busquei me especializar na chapelaria. A cabeça constitui para mim o maior enigma na anatomia humana, a frente esconde um universo inteiro no qual é impossível penetrar. Talvez seja

por isso que me dediquei à arte de ornamentar estes membros tão nobres. Havia uma cabeça que me interessava e torturava em específico e talvez tenha sido para ela que dediquei minha vida na confecção. Nunca consegui definir o que se passava lá dentro, apesar da convivência por tanto tempo. Ele forçou minha mão, me pôs em desvantagem e eu cedi. Detesto confessar isso mas foi o que aconteceu. Neste ponto decorreu o que sempre se passa, um dos lados tinha todo o poder e o usava de forma cruel. Ele me visitava quando lhe convinha, respondia minhas perguntas e chamados somente quando tinha algo para pedir de volta. Fazia pouco caso do meu desespero, o ironizava. Isso tudo enquanto eu aguentava suas explosões de raiva quando minha conduta o deixava preocupado, ou seus longos períodos de tristeza profunda quando algo no mundo conseguia atingi-lo de forma que eu, infelizmente, jamais consegui. Aquele que ama tem de aceitar que foi rendido. Sua única esperança é que tal ato de sublime entrega faça também desmoronar as defesas do outro e assim ambos possam se render mutuamente.

A chapeleira parou de falar e a vi baixar a cabeça e chorar. Fiquei atônito com a progressão da conversa, com a confissão dela. Tentei me aproximar e mudar o assunto da conversa.

-Desculpe, não sei o que me deu. Perdoe estas tolices que digo, você é um bom ouvinte e vivo aqui sozinha...

Assenti com a cabeça e garanti que não havia problema algum. Seu relato me impactou, suas palavras ressonaram comigo e me comoveram. Confessei que eu também fora um amante, surpreendendo a mim mesmo. Disse lhe que me deixara afogar crente de que apenas me refrescava com aquela

água. Não tinha memória alguma do que falava mas ainda assim proferi essas palavras sem pensar duas vezes.

-Você entende não é? Pertencemos à mesma estirpe, você e eu. Constato apenas ao olhar nos seus olhos. Fomos desertados pelos algozes que elegemos. De todo amor que senti restou unicamente este lembrete.

Ela sacou um chapéu muito fino de uma gaveta e o depositou em minhas mãos. Senti na mesma hora uma vibração e o brilho azulado do tecido comprovou minhas suspeitas.

- Tirei certa vez um molde daquela cabeça que tanto amei, preenchida pelos mais lindos pensamentos, portadora da boca que beijei centenas de vezes e, ainda assim, nem perto de apaziguar meu desejo. Era um espécime curioso, meu amante. Sua percepção do mundo era completamente exótica para mim, pois sua experiência neste havia sido completamente divergente daquela que eu mesma tivera. O que eu fazia a noite ele fazia de dia, e aquilo que me era público e coletivo era para ele extremamente pessoal e precioso. Vivi com ele bons anos mas meu ciúme, se posso chama-lo disso acabou nos separando. Não suportava os momentos de silêncio dele, observando algo ordinário como uma cadeira de balanço ou a vista monótona da nossa janela. Sentia minha mente mastigada pela impossibilidade de vislumbrar o que as unidades mínimas da experiência significavam para ele. Queria ter o poder de alcançar sua mente e, sabendo ser isso impossível, meu coração adoecia. No final era com o silêncio dele que eu não podia viver. Dentre todos os tormentos e agressões inconscientes, ser ignorada era o que mais me doía. Talvez ele estivesse tentando me dar uma amostra do isolamento que ele tanto

almejava mas para mim isto era impossível e unicamente me fazia sofrer. Ele um dia se levantou e seguiu para separação definitiva de tudo e todos, a mim só restou o lamento. A real tragédia é entender tarde demais e apenas isso. Quando da separação conseguimos enfim entender a beleza do sentimento que a nós era devotado ou, quando do termino, entendemos o projeto falho ao qual dedicamos tantos anos que, de outra forma, teriam sido saudáveis. Essa é a tragédia do amor, fechamos os olhos e tapamos os ouvidos. Isso de pouco importa, não são nossos sentidos que comandam esse movimento e a razão não alcança assim parcela alguma dele.

Caímos os dois em um longo silencio embalado pelo vento que batia numa janela. Eu ainda era assombrado pelo que ouvira e falara, mergulhava fundo neste caldo de palavras. Em dado momento a chapeleira disse que sentia muito por ter se aposentado e não poder me ajudar. Tomei coragem e pedi então unicamente aquele chapéu que fora de seu amante. Ela arregalou os olhos e hesitou, apertando-o com força entre as mãos. Por fim relaxou e suspirou longamente.

-Tome, leve-o. Não preciso mais deste triste souvenir para me lembrar daquilo que não vingou. Não preciso deste chapéu para me assombrar, minha memória é suficiente para me torturar. É humilhante sofrer por algo tão pequeno, algo que simplesmente aconteceu e ninguém no mundo sequer percebeu. Isto tem de representar alguma falha do meu caráter. Ainda que eu seja a vítima me sinto culpada pois não sou de ferro e gostaria de ser.

Ao seu lado tentei reconfortá-la afirmando que esta era uma forma errada de observar esse fenômeno. Que a culpa não devia cair sobre uma das faces de uma moeda que possuía duas. Ela enxugou os olhos e deu um leve sorriso.

Levantamos-nos e fomos para a varanda, o ar fresco pareceu renová-la. Ela apanhou uma folha que voava solta e observou o céu noturno.

-Pode ser. Mas ainda me fica a dúvida: Que tipo de contribuição damos ao nos envolver com alguém? O que acrescentamos a partir deste contato? Talvez uma pergunta mais pertinente seja o que roubamos... Ah, a tristeza de ser preterido, de não ser a primeira escolha. Somos todos rejeitados em dado momento somente para mais tarde assumirmos o papel daquele que rejeita. A vida parece resumida à um ciclo de renúncias, uma sequência desses eventos que se empilham lentamente no horizonte. É muito triste, a sensação da perda daquelas coisas que muitas vezes nem amamos mas que, em sua ausência, nos abatem severamente. Ah, a autonomia! O mito da autonomia! Como louvamos essa ideia, a crença da desconexão, o desejo do indivíduo! Nada mais falso que isso. Já diriam os meus pobres meninos...

Tendo o chapéu em mãos queria unicamente animá-la pelo sacrifício que me fizera. Perguntei com que idade teve filhos e ela me olhou confusa.

-Bem, não sei ao certo. Não me lembro. Não os tive exatamente, apenas os fiz o mais fortes e capazes que pude. Preenchi eu mesma seus miolos com os melhores fiapos desta terra. São únicos e lindos em sua vida de pano. Sinto tanto a falta deles, mas duvido que me acompanhariam neste cortejo a que me resumo caso lhes fosse dada a chance.

Disse lhe que os conhecera em minhas andanças, que ajudara o irmão do meio a se deitar na terra. Descrevi o mais fidedignamente que pude aquilo que ele me dissera sobre seu tempo ter acabado e seu trabalho ter sido concluído. Contei

que gostara muito dele, e que ele fora fundamental na minha jornada até ali. A chapeleira se comoveu e assim achei prudente deixar de fora a impressão que os outros dois me causaram.

- Fico feliz de ouvir isso, meus espantalhos nunca foram unanimidade. Nem mesmo o pai deles, se é que posso chamá-lo assim, quis viver com eles. Os separou de mim prometendo que os educaria, mas retornou anos mais tarde sem eles. Não posso culpá-lo, ele temia o tecido. Abraçar o pano quando se almeja a carne é das maiores tristezas que um pai pode sentir. No fim ele passou anos ainda desenhando em seu caderno novos irmãos para eles, mas o desejo deste projeto foi se esvaindo aos poucos. Ouroro também insistia sempre em andar nos trilhos como uma velha locomotiva...

Ao ouvir aquele nome me estiquei e segurei a chapeleira pelos ombros. Perguntei onde poderia encontrar o pai dos espantalhos e se ela achava que ele me receberia.

-Ouroro? Não vejo por que não, basta chegar até ele – ela disse e desceu os degraus para o gramado. Ele vive logo ali – disse apontando para o norte - Além das colinas na montanha depois da floresta. Ele me visitava com frequência até alguns anos, também era consumido pelo silêncio de certas cabeças que o assombram. Sempre tinha vários projetos que gostaria de por em prática com a minha ajuda, mas raramente entendo do que se tratam nestes dias. Assim ele tem ficado isolado lá no pico solitário, acho que vive melhor assim se quer saber a minha opinião.

Observei a montanha a distância sentindo um frio na barriga. Estava curioso para conhecer finalmente esta personalidade da qual tanto ouvira. Tive dificuldade de imaginar um rosto para ele. Considerando o que ouvira de

Sara imaginava ser uma presença temerária. Algo em mim dizia que seria totalmente o oposto disso, uma figura minúscula e desprezível.

Na hora da partida a chapeleira se propôs a me acompanhar até o bosque. Caminhamos pelas colinas verdes seguindo uma trilha estreita. Ela me apresentava a paisagem fora do burgo que era realmente encantadora. Debaixo das primeiras árvores altas paramos frente a frente. Agradei o presente enquanto a chapeleira lançava um último olhar sobre o chapéu.

-Enfim, desejo que encontre aquilo que procura sem saber. Quanto a mim volto para minha aposentadoria, as cabeças já não me interessam mais. Se houvesse alguma vestimenta para o coração poderia me dedicar a este ofício, talvez.

Propus que ela iniciasse imediatamente tal arte. Ela riu e, como permaneci sério, ela piscou os olhos e resolveu tentar. Enfiou as mãos nos bolsos e de lá sacou tecidos grossos, vermelhos e azuis. No interior do meu casaco ela costurou o pano vermelho e por fora o azul de forma improvisada ainda que bonita e bem acabada.

- Uso o azul pois você aparenta um coração frio o que esconde sua natureza real de vidro. Ainda assim, uma vez estilhaçado sangra como qualquer outro. Tens aí dois bolsos extras, espaços adicionais sobre seu coração. Não permita que estes três recipientes permaneçam vazios.

Mas eu não o sentia vazio. Tudo aquilo que eu ouvira e dissera desde que saíra dos túneis brancos se escondia e crescia dentro de mim. Estava certo de já poder escolher algumas alcunhas verdadeiras para mim ainda que no

momento isso não me importasse. Vesti o chapéu e segui floresta adentro sem refletir absolutamente.

## XIX

A vegetação era fechada mas seguindo por uma trilha avancei rapidamente. Ao alcançar o limiar da floresta parei frente a pedras cheias de musgo. Pus a mão no bolso e encontrei a adaga do bandido. Segurei-a em mãos exatamente como fazia quando criança com aquela presenteada pelo meu avô. Ergui-a alto e então rabisquei o tronco da ultima árvore do bosque. Depois de tantos anos aquela sensação pareceu um retorno a casa. Ali escrevi à quem pudesse interessar que estava ainda vivo, que no passado se vivia também, de alguma forma. Reparei que outros galhos estavam mutilados de forma semelhante ainda que já não fosse possível distinguir as inscrições. Segui meu caminho seguro de que aquele ato de vandalismo seria perdoado pelo tempo.

A montanha era consideravelmente mais alta do que aparentava à distância. Em dado momento a subida ficou tão íngreme que as pedras ali jogadas formavam uma escadaria tosca. Escalei por horas até alcançar uma lança cravejada no solo que indicava o último plateau da montanha. Neste degrau final parei e me virei para o lado de onde viera. Pude ver achatado o mundo inteiro, todos os lugares que passei se revelavam juntos, todos que conheci me observavam acenando. Reconheci meus amigos e agressores ali, pareciam tão perto que poderia tocá-los. Temendo a força hipnótica daquela visão, apenas acenei de leve com a cabeça e me virei para alcançar o pico.



O vento forte quase me derrubou da montanha e o frio ali era praticamente insuportável. As nuvens baixas me engoliram rapidamente e segui a passos lentos pela brancura enevoadada do pico. A minha frente não distinguia coisa alguma a não ser a silhueta de Ouroro, que parecia recortada dos efeitos daquela intempérie. Ele me saudou a distância erguendo a mão.

-O clima polar daqui em diante se intensifica a níveis extremos- disse-me como se ele próprio fosse imune aquilo - justamente pois nos aproximamos da frente do titã. É dito que o polo reside entre seus olhos. Difícil averiguar tal hipótese uma vez que ninguém conseguiu chegar até lá. A pressão acima da cabeça, entende, é forte demais para qualquer um aguentar.

Pude finalmente observar mais do que o sorriso que recortava seu rosto e fiquei confuso. Estava parado diante de

mim mesmo, ou ao menos da imagem que guardava de mim mesmo antes de ter passado pela abertura no teto. Replicando meus movimentos, Ouroro se aproximou de mim como a imagem de um espelho. De fato ele parecia mesmo um reflexo de mim, invertido, tinha os detalhes fora do lugar.



- Creio que devo agradecê-lo por ainda mais esta cicatriz – Ouroro falou dando vistas da insígnia gravada em sua mão esquerda.

Não parecia contente com aquilo, porém, tendo em mente o que Sara me narrara, isso não me surpreendeu muito. A ideia de nossos corpos estarem ligados me abalou, porém julguei melhor manter a cautela. Estava ciente de que aquele era um indivíduo astuto e isto poderia ser mais um de seus truques.

-Posso imaginar o estranhamento que o ato corriqueiro de me observar deve causar em você – Ouroro falou dando uns passos para o lado – lhe garanto que sinto o mesmo por sua figura. Esta espécie de reflexo escuro não pode nos parecer normal. Ao menos àquilo que nos é revelado em um sonho ou pesadelo, nos espelhos escuros da mente que refletem mesmo sem serem atingidos pela luz, ainda nos é permitido ignorar. Encarar o nosso oposto assim, sem escudo algum, ver externado o nêmesis oculto dentro do nosso corpo, aquele inimigo a ser derrotado, é algo a se temer. Receio que não haja escapatória uma vez que aqui nos encontramos, você e eu, no centro da encruzilhada. E sim, eu represento a sua fraqueza e você a minha.

Senti mais uma vez a insígnia queimar a pele em minha mão. Entendia agora que o centro daquele desenho escondia um ponto e era precisamente sobre esse ponto que eu agora estava. Não podia distinguir os caminhos mas estava no meio da encruzilhada. Não era um lutador, nunca o fora, mas daquela faca em meu bolso conhecia tudo e poderia extrair seu potencial completamente. Estava treinado para um uso que nunca sonhara, os movimentos das brincadeiras e desenhos bobos eram também capazes de cortar, mutilar e

ameaçar. Da beleza pode sempre nascer força bruta e violência por mais que nos esforcemos para ignorar isto. Sabia que, se necessário, poderia extrair essa força daquela lâmina.

-Você é mais um que veio preparado para duelar? – Com a pergunta Ouroro mudou seu semblante – Não tenha pressa, estas nuvens são espessas e não há ninguém assistindo, ninguém acompanhado o desenrolar da sua história. Dessa forma deixe-me fazer uma recomendação; aproveite este momento pois ele é único e pode ser o último. Um duelo é um tipo de dueto, uma espécie de tango no qual restam dois, um, ou mesmo nenhum. A diferença é que somos obrigados a dançar mesmo a contragosto. O dueto é uma forma civilizada de tornar dois em um, porém são raras as duplas que se unem num indivíduo definitivamente. Neste ponto o duelo é mais efetivo, motivo pelo qual nossas relações foram todas, em grande parte, reduzidas ao caráter duelista.

Minha mão apertava o cabo da faca em meu bolso. Sentia-me extremamente ansioso e nervoso, cerrava os dentes com tanta força que tive dificuldade de lhe perguntar por que ele insistia resolver a questão nestes termos.

- Como eu disse, o duelo é uma espécie de arte. Ainda que bárbaro em essência, é um método razoável para se resolver uma disputa. Digamos que eu e você fossemos reis, poderíamos assim evitar um século de guerra simplesmente trocando algumas estocadas ou disparos. É preciso coragem na vida mesmo na estupidez, sempre acreditei nisso. É pedir demais para que todos pensem assim? Enfim, veja nossos reis, tão pequenos e fracos ainda que detenham poderes absolutos. O mundo me entristece. Um covarde só pode vencer por W.O, porém isto implicaria na necessidade dele negar sua natureza

e comparecer ao duelo, coisa que não pode fazer a não ser que seja obrigado. Uma boa parcela da historia humana foi escrita devido a este caso, expondo as curvas mirabolantes e os golpes espetaculares dados pelos covardes a fim de evitar o duelo fatal, aquele que assumiram sabendo que não podem vencer dentro das regras. Desde que cheguei aqui, incontáveis eras atrás, testemunhei os mais incapazes entre a trupe que habita o titã serem selecionados para a posição mais alta. Esta é talvez a natureza do poder, ainda que as tempestades e terremotos nos humilhem com sua simplicidade definitiva. Entende isso? Apesar de se considerar pequeno e incapaz, você chegou até aqui, não fugiu e isto configura já alguma coisa. Trabalho com o que tenho. Mesmo com todos os empecilhos que joguei em seu caminho você seguiu em frente. Praticamente não precisou de convencimento algum pois já havia se convencido. Sei do que falo, tenho conhecimento de causa, afinal para observá-lo basta observar a mim mesmo no espelho.

Ouroro falava sem pressa enquanto as nuvens se adensavam a nossa volta. Atrás dele reparei finalmente em uma forma retangular de fraca luminosidade crepitante. No ar flutuava a silhueta de uma porta, muita parecida com aquela que encontrei no teto, que se apagava lentamente. Ele reparou que aquilo chamava minha atenção e fez uma breve pausa, pareceu quase tentado a olhar para ela mas se conteve.

- Difícil resistir a tentação de uma saída não é mesmo? Eis aí, bem atrás de mim aquela que você esteve procurando. Quantas vezes me encontrei prestes a abri-la e por ali escapar? No entanto resisti a este desejo, muito devido ao fato de que ninguém esperasse que eu agisse desta forma. Esse é meu nome afinal, assim fui batizado. Ouroro, como a aurora que

virá ainda um dia para iluminar as trevas, trazendo os raios de luz que vencerão as sombras do mundo. Sim, sou esta aurora prometida, porém infelizmente em negativo pois tudo que tentei resultou unicamente na expansão das trevas que eu deveria extinguir. Acontece com frequência, falhamos em nossos projetos e, quando percebemos, vemo-nos tentando impedir que eles existam fora de nosso domínio. Fecha-se uma porta a nossa frente e nós fazemos questão de fechar todas as outras. Não me orgulho disso, desse temor que habita fundo em nosso coração. O medo frente às portas que se fecham é um mal muito comum porém equivocado, ao meu ver. Deve-se temer aquelas portas que se abrem inesperadamente e aquilo que delas possa sair. Minha vontade de manter esta passagem atrás de mim cerrada é oriunda deste quadro. Resumo minha obra ao desejo de preservar o titã tal como ele existe. Ainda que moribundo e decadente, consegue ser dotado de espantosa beleza. O último museu de um tempo passado, um pequeno jardim de espécies já extintas. Insisto em manter esse portal fechado, mesmo sabendo que pode existir salvação do outro lado, unicamente pelo medo de conhecer o que lá reside. Não é pessoal, unicamente não posso aceitar que você alcance a aurora que eu falhei de conjurar sobre esta terra. Pode parecer tolice condenar um mundo inteiro pelos meus caprichos, por minhas preferências. Entendo ser esta uma falha no meu caráter, na minha programação mental. Loucura maior é continuar insistindo neste absurdo, simplesmente nada de bom pode sair do outro lado.

Ouroro me observava tentando avaliar se me convencia ou não a desistir. Parecia pouco a vontade nesta empreitada mas se resignou a persegui-la mesmo assim. Eu causava nele

um desgosto profundo que só conseguimos sentir por nós mesmos.

- Certa vez, faz já muito tempo, vi uma máquina de costura autômata que insistia em funcionar mesmo sem linha. Aquela imagem me impressionou profundamente. Nossa vida pode mesmo ser desprovida de sentido – Ouroro cruzou os braços e seu ar casual retornou - mas não se pode negar que ao menos a maioria de nós possui uma linha para costurar aqueles farrapos que conseguimos juntar a tanta custa. Não creio no ódio à vida, se é o que quer saber. No entanto não disponho de nada melhor que ela para me provocar tal sentimento. Se sinto ódio de algo realmente talvez seja da consciência, o mais trágico dos acidentes da natureza. De todas as possibilidades do universo, por que minha consciência teve de surgir? É uma pergunta digna, insisto nisso. Talvez fosse mais justo questionar porque qualquer consciência surgiu porém só consigo pensar em me livrar da minha. De toda a aleatoriedade do universo, de todos os fenômenos incomunicáveis porque tu, ó consciência maldita!? Parece piada ser atormentado pela capacidade de se sentir atormentado. Eis o motivo por que me decidi a não integrar a melancólica trupe circense que habita o mundo. Isto é, oficialmente, já que somos todos palhaços, alguns muito sérios como eu no seu ato patético, insistentes em provar sua tragédia heroica em meio à comédia humana. Quê pode ser mais humilhante do que saber não existir de verdade, do que ser produto de reações químicas vagas, ou que habitamos uma dimensão achatada e pobre para aqueles que conseguem observar tudo uma dimensão além da nossa? É preciso ser meio deus para aguentar o conhecimento ou então conhecer tudo pela metade ser meio ignorante. Dispomos já de



máquinas para conservar o som, a imagem, a forma das coisas entre tantas outras. Quero acreditar que seja apenas uma questão de tempo até conseguirmos preservar os sentimentos, as sensações, aquilo tudo que se esvai com o tempo. A vida orgânica é superior a vida em plástico somente por ser perecível. Criaremos ainda máquinas perecíveis, quem sabe até orgânicas. É preciso entender que todo final tem um início. Afirmando de bom grado ser essa a natureza da vida, o prolongado início do seu conseqüente encerramento, que é a morte naturalmente. Você entende o que digo? Fugir não é uma solução.

Parado onde estava apenas observei hipnotizado a passagem cintilante às costas de Ouroro. Assustava-me imaginar o que ali se escondia, dos horrores que poderiam me devorar naquele novo espaço, tal qual a afogada fora no fundo do mar ou Sara esquecida no limbo do fosso. Pensei então naquilo que faria caso não pudesse atravessar o portal. Entendi que viveria para sempre ali naquele pico, observando o mundo achatado em companhia dos amigos ausentes continuamente. Viveria com Ouroro e como ele, seria ele e isto fazia pouco ou nenhum sentido. Convencido, disse-lhe para sair da frente, que eu tomaria aquele rumo que se mostrava ainda disponível para mim. Ele se manteve estático, baixou a cabeça desapontado e suspirou longamente mirando as nuvens.

-Estive lhe observando faz bastante tempo... Desde o início você me seguiu por pura curiosidade. Muito antes disso, em sua vida inteira, o que lhe moveu foi a curiosidade ainda que o medo o tenha feito desviar e perder tempo pelo caminho. Sim, eu fiz uso disso, lhe atrasei com frequência

mas, ainda assim, chegou até aqui. Às vezes esqueço-me que o único calcanhar que vale a pena cortar é o de Aquiles...

Ouroro procurou o que dizer em seguida à muita custa, fingia não se importar com minha resolução.

-Já ouviu a parábola do pescador? Enfim, não tem importância, segue a mesma linha do Narciso suicida. Conta a história de um pescador que desperdiça sua vida tentando sacar a imagem da qual se enamorou do fundo de um lago. Por fim ele entende que aquele reflexo ocultava um demônio que ceifou sua juventude mas, ainda assim, insiste em louvá-lo. Eu lhe pergunto, alguém pode culpá-lo por perseguir a beleza que foi capaz de encontrar? Que importa que ela estivesse encerrada em sua própria face ou no fundo do lago? São poucos os que encontram migalhas de beleza e eu digo que isto os redime de qualquer caráter leviano que possam assumir. A beleza está em vias de extinção. Foi substituída por um horror disfarçado, que esconde outra moeda de troca para o mundo pautado pela riqueza. O pescador também, insistente em retirar aquela imagem do lago gastou a vida buscando a isca perfeita somente para ver aquele reflexo envelhecer e o interesse desaparecer. Ainda assim insistiu em namorá-la em sua memória imparcial. Prometo-lhe que se estudar esta passagem como eu fiz, ela também deixará de maravilha-lo. Aos poucos seu encantamento se dissipará e você poderá pensar de forma coerente...

Não tinha nada a acrescentar aquilo que ele dizia. Baixei lentamente meus olhos da passagem para seu rosto e percebi que isto o incomodou. Vi sua expressão se fechar mais e mais enquanto eu me sentia cada vez mais tranquilo.



-Você viu tanta coisa neste mundo colosso, não nego isto, mas perdeu infinitamente mais por não prestar atenção o suficiente. Não se culpe, é o que acontece com a maioria nestas partes. Mesmo eu que andei por todas as cavernas e no fundo do mar, que testemunhei todas as aberrações do mundo e encontrei até aqueles dragões prometidos pelos mapas antigos, não vi tudo. Apesar de tudo não estava presente para testemunhar a história completa do mundo. Perdi o dia fatídico em que Hades resolveu poupar a aberração de três cabeças, infelizmente. Era prática comum na época abater os filhotes deformados, ainda assim àquele em específico foi concedido o direito de viver. Perséfone, a noiva cativa do deus, interviu e fez este pedido de forma tão apaixonante que Hades se viu rendido. Cérbero pode assim crescer até se tornar o maior de todos os cães e, em sua complexidade anatômica, configurar a maior maravilha que o acaso pôde produzir nesta espécie. O genocídio que se seguiu depois disso, dos homens e dos deuses antigos, de sua cultura e sociedade é uma nota de rodapé frente a grandiosidade daquele momento em que Hades embainhou sua espada contrariando sua natureza de carrasco. Peço para que reflita seriamente naquilo que você mesmo escondeu e trancafiou em si. Pense no que desencadeará ao abrir esta passagem, almeja realmente o peso de todo o futuro em suas costas? Afinal, o tempo é o real desafio a ser vencido, mas pertence à família dos desafios impossíveis. Resta-nos darmos o nosso melhor nesta empreitada ingrata. A sobrevivida, esta sim sempre foi meu objetivo maior. Meu desejo é sempre alcançar um pouco mais, mesmo que sejam mínimos detalhes perdidos no passado. Essa é riqueza que pude encontrar no mundo.

Permaneci em silencio e Ouroro estremeceu. Notei que ele desistira enfim e assim acrescentou finalmente:

- Muito bem chega de perder tempo. Tenho muitas destas historias para narrar, eu as coleciono faz já bastante tempo. Para mim são como fotos ou figurinhas que colo como me convém em um álbum após embaralhas. Não pretendo, no entanto, narrá-las para um público desinteressado. Dito isso, lamento muito mas você não pode passar, afinal você precisa de mim para abrir a passagem e eu não o farei.

Ouroro deu um passo atrás me encarando com os olhos vidrados. Eu saquei a faca em meu bolso e ele refletiu esse movimento com a mão contraria. Antes que pudesse investir sobre ele o observei jogando sua faca longe além da montanha e, para minha surpresa eu ecoei sua ação. Aquilo me pareceu estranho, ele evitava o embate? Dei um passo em sua direção e Ouroro deu um para trás, confirmando minha impressão. Com a força que encontrei em minhas pernas dei um salto e o vi me imitar na direção oposta. Com raiva gritei e o chamei de covarde, ele nada falou permanecendo calmo como estava. Entendi que ele fugia e que havia invertido o jogo tendo a vantagem sobre mim. Contrariando o desejo de investir sobre ele aos pontapés permaneci estático e fechei os olhos.

Ali no escuro me vieram imagens da casa que habitara quando criança, dos meus murais. Lembrei-me de uma brincadeira recorrente em dias calmos, no banheiro escuro e úmido parava de costas para um enorme espelho. Tendo o corpo rente a ele tentava me virar o mais rápido possível e apanhar a imagem das minhas costas de surpresa. Nunca conseguira tal feito mas me pareceu nesse momento uma boa proposta a se tentar.

Virei-me de costas e ouvi Ouroro me imitando. Em seguida fui a passos lentos caminhando para trás. Não tinha pressa alguma ainda que ouvisse a respiração ofegante de Ouroro muito próxima. De costas um para o outro ele falou pela última vez.

-Vai conseguir atravessar este longo umbral, afinal te reencontra com teu negativo. Somos a sombra um do outro, qual é qual pouco importa, restará metade de cada um. Aqui saudamos novamente a simetria, do universo inteiro que é o umbral, do deus que inventamos para observar essa linha invisível. Jogamos a moeda para o alto esperando que ela resolva o nosso dilema, mas ninguém deseja que a moeda caia de pé. Como agir nesse caso? Joga-se a moeda novamente ignorando o resultado original? Não existe um lado certo da moeda. Esta é a natureza do umbral, é preciso fechar porta que se atravessa atrás de si. Não se esqueça de fechá-la...

Disse ele e desapareceu às minhas costas enquanto eu caía no chão. Abri os olhos renovado e reunido com todas as lembranças que tinha perdido. Um breve relance sobre a aliança me apertou o coração e nela depus um beijo. O chapéu folgado atirei longe e lamentei pela faca do avô. À minha frente cintilava moribunda a abertura e eu a abri com um grande estrondo. A soleira escura ficou brevemente iluminada por gotículas de luz, tal qual é o destino de todas as coisas neste nosso demasiado escuro universo. A beleza dos raios cintilantes me inspiraram a seguir por ali.

Respirei fundo e dei um passo derradeiro sobre o umbral observando o espaço vago a minha frente. Em seguida pus o outro pé sobre a soleira e então, mesmo incapaz de ver o que vinha a frente, abandonei o umbral. Fechei a porta e tudo sumiu em um estalo. Perdi a noção do meu corpo enquanto ali

caia. De pouco importava, o estrago estava feito. Nesta sala no topo do mundo, achatado entre os planos escuros, atravessei aquela porta e encerrei meu ciclo. Que poderia encontrar do outro lado?

### *Fronteira*

Por cima do ombro avistei um morcego branco planando sobre um espesso fio de cobre não muito longe da densa floresta de hastes metálicas. À distância erguia-se o pico solitário do nariz, abaixo de mim a luz refletia nas orbes oculares, onde aranhas pálidas se enfiavam com afinco. Eu estava de pé e a minha frente estava o rosto moribundo do titã. Seus olhos caíam de um lado para o outro, estava perdido. Eis então que ele os ergueu bruscamente e eu quase despenquei no abismo abaixo.

*“Ele me viu!”* suei frio recuperando o equilíbrio na beira da sobancelha. O titã me encarava insistente. Poderia ele ver através de mim, ver o que eu era? A ideia me assustou, eu mesmo não tinha certeza alguma do que era.

Mirei as grandes esferas que outrora brilharam magnificamente, que conquistaram tantos corações quanto despedaçaram outros. Em algum lugar profundo pude ouvir uma resposta.

*“Eu sou o filho pródigo, o herdeiro do intelecto, nascido na frente do titã, no espaço entre seus olhos.”*

### *Titã*

Eu sonhara com o titã anos antes. Era pouco mais que uma criança e habitava a casa do meu pai. Foi em alguma

madrugada quente que encontrei o colosso no reino do sono. Sua dimensão esmagadora me fez despertar inquieto. Fui para a rua recuperar o fôlego e mirei as estrelas como era meu hábito. Todas as noites costumava olhar para cima, unicamente para encontrar esparsos pontos cintilantes, tristes lembretes da minha pequenez absoluta. Sob este céu o titã do sonho não passava também de uma mera miniatura de uma ideia delirante. Não demorou e o gigante desapareceu do meu pensamento, guardado junto de tantos outros pesadelos.

Sua imagem só retornou a mim anos mais tarde. Era ainda jovem, porém já flagelado pelo vazio que cedo ou tarde nos convida à vida adulta. Deitado certo dia no sofá, absorto na obsessão passageira que me afligia, tendo a mente mastigada pela dúvida, senti passos em meu antebraço. Ergui-o e me deparei com a formiga. Ela corria de um lado para o outro tentando com todas as suas forças fugir de mim. Eu senti cócegas. Meu primeiro pensamento foi de esmagá-la, forma com a qual frequentemente tratamos os insetos, devido ao grande estorvo que sua mera presença nos provoca. Foi nesta ocasião que a lembrança do sonho pueril do titã, vago em forma, porém concreto na sensação que provocava, retomou meu pensamento. Nesse momento eu vi a formiga erguer suas antenas e mirar a vastidão acima da sua cabeça, como eu fizera anos antes naquela noite tórrida. Agora eu sabia, o titã respondera o olhar e eu era o titã.

### *Funeral*

O corpo colossal definhava e de suas entranhas brotava algo novo. Eram horrores originais de uma força impressionante. Eu me convenci naquele momento de que eu também era

produto deste fenômeno, um mero acidente feliz. Assim como a trupe fora, os bandidos, o minotauro e Ouroro também. Triste entender o mundo no exato momento em que o abandonamos. Eu havia saltado para um espaço vago, o que lá encontrava constituía meu um novo enigma. Nas entranhas de onde todos havíamos surgido germinava um mundo novo.

Fechei os olhos como que se olhasse para trás uma última vez, numa tentativa de me despedir. Pude novamente ver o mundo todo achatado à menos de um palmo de distância. Ali se desenrolava a grande festa no final do mundo, o último velório. Todos meus amigos estavam presentes, mesmo aqueles que a muito partiram pois eu era também todos eles um pouco. Pareceu-me que se eu morria junto do titã devia ficar feliz, tudo cessaria e descansaria enfim. Livrava-me do mundo, ficava só na multidão que construí para mim mesmo. Todos amávamos uns aos outros, éramos rivais, amantes, nos odiávamos, nos engalfinhávamos, ríamos e chorávamos. Todos ali eram as minhas peças, o mecanismo que mal e mal consegui erguer, que milagrosamente funcionava como um relógio. Posso finalmente baixar a mão e parar de dar corda, assistir o autômato parando lentamente. O momento mais lindo do movimento é o completo cessar. Passado. Futuro. Esmagamos no presente.

### *Profecia*

No escuro ouvi uma voz que reconhecia me dizer:

-Move-te quando o certo seria permanecer parado, fala quando devia manter-se calado, erra quando devia acertar, ama quando devia odiar, sofre quando devia ignorar, cria

quando devia consumir, tenta quando devia desistir. Nisto constitui tua maior fraqueza, pela qual paga e pagará por toda a vida. Mas também tua maior força e a rara beleza da qual poucos são dotados de sensibilidade suficiente para apreciar.

Se pudesse agradeceria pelo conforto dirigido a mim ainda que ali não encontrasse ninguém para depositar minha gratidão. Mesmo o espaço vazio sentia a necessidade de falar para se manter em silêncio. Quantas vezes testemunhei isso nos meus dias, o diálogo frente ao temor daquilo que podemos deixar transparecer quando quietos. Existe, no entanto, uma honestidade no silêncio, que emana um companheirismo forte que geralmente é mais do que as pessoas podem suportar. Tratamos o tempo todo de não baixar a guarda, fomos resumidos ao estado constate de alerta. Quanto a mim, eu sou um nervo. Posso apenas sentir e nada mais.

Ali, além do umbral, olhei a volta em meio às sombras densas. Apenas penumbra e um único habitante das sombras. Naquele nada reconheci meu lugar no mundo, de onde falo. Existe isso? É possível. Existe uma linha que corta os ambientes das construções, a soleira da porta é o limiar entre um antes e um depois. O mesmo vale para vida que é também uma construção. Não creio ser possível definir os pontos decisivos que alcançamos em vida pelos cômodos que atravessamos, somente por aqueles entre os quais hesitamos. Onde empacamos sem poder dar mais um passo que seja. Tememos não conseguir abrir porta alguma, mas o medo de fechar uma definitivamente é tão severo quanto.

Eu pude enfim fechar uma porta crucial.

### *Castelo de Cartas*

Uma última lembrança me assaltou a memória. De quando era criança e brincava com o tarô da mãe. Embaralhava as cartas e ia às sacando uma a uma e as dispondo sobre o tapete. Cada personagem tinha sua narrativa que se relacionava com a do seguinte. Brincava de profeta sacando aqueles personagens arquétipos e lhes presenteando nomes e vidas. Curioso como algumas cartas sempre insistiam em saírem juntas, por mais que eu embaralhasse isso tornava a acontecer. Outras perdi pelo percurso e assim não me era mais possível conjurar mundos dotados de sol, justiça ou mesmo amor. Condenei meus heróis a uma roleta desprovida dos melhores números.

Foi somente ao atravessar o umbral que percebi que eu também vivia colado em outras cartas. Entendi finalmente esse fenômeno, testemunhando que existe um magnetismo nos objetos pois existe um magnetismo. Atraímos e somos atraídos, habitamos um campo de forças que se chocam, que amassam e tentam subjugar umas as outras mas que sim, poderiam apenas se abraçar enquanto atravessam juntas esse turbilhão violento.

Todas essas imagens, esses personagens que a mim foram apresentados, eu os conheço. Eu sou eles na mesma medida em que o ator é o personagem ou Morfeu o sonho. Estive presente em suas histórias, sou a sombra nelas presente. Em minha mente os fatos se embaralham, a visão é turva. Nem tudo em minhas confissões realmente aconteceu da forma narrada, pois os detalhes são caprichosos de mais, tanto os da vida quanto os da memória. Nem tudo que narrei vivi mas o fato é que pensei, e pensamento também é vida.

